

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

Márcia Fagundes Barbosa

**VIVENDO ALÉM DAS FRONTEIRAS:
O GUARDA-ROUPA ALEMÃO DE LAUSIMAR LAUS**

Dissertação de Mestrado
Apresentada ao curso de Pós-Graduação em Literatura
UFSC

Profa. Dra. Claudia de Lima Costa
orientadora

Florianópolis, novembro de 2002

AGRADECIMENTOS

O resultado desse trabalho é um somatório de experiências, encontros e trocas constituídas a partir da graduação, das quais muitas pessoas foram determinantes. Início agradecendo especialmente aos meus pais, **Nilo** (*in memoriam*) e **Maslova**, pelo incentivo e esforço para minha formação, ampliada e solidificada pelos 12 meses que permaneci na Alemanha.

Sou muito grata aos professores **Sérgio Medeiros**, **Werner** e **Lauro Junkes** pela atenção e auxílio na escolha e na preparação desse projeto.

À **Claudia de Lima Costa** pela confiança depositada e pela sua forma serena de orientação, sempre me acalmando e incentivando-me a seguir em frente. Nesses dois anos de trocas e pesquisa intensas, agradeço à minha orientadora pelo meu rápido e contínuo amadurecimento teórico.

Às professoras **Simone Schmidt** e **Tânia Regina Ramos** pelas significativas colaborações durante a defesa do projeto e pela presteza que sempre demonstraram em ajudar-me.

À coordenação do Curso de Pós-graduação em Literatura.

À Elba Ribeiro, pelo carinhoso convívio e auxílio com as coisas práticas do curso.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ), instituição por cujo intermédio obtive bolsa de estudos durante 19 meses.

Enfim, ao **Mário**, meu maior incentivador.

O “além” não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado...

Homi Bhabha, *O local da cultura*

*Parece-me que todas as nossas tristezas são momentos de **tensão** que consideramos paralisias porque já não ouvimos viver nossos sentimentos que se nos tornaram **estranhos**; porque estamos a sós com o **estrangeiro** que veio nos visitar; porque, num relance, todo o sentimento familiar e habitual nos abandonou; porque nos encontramos no meio de uma **transição** onde não podemos permanecer. Eis porque a tristeza também passa: a novidade em nós, o **acréscimo**, entrou em nosso coração, penetrou no seu mais íntimo recanto. Nem está mais lá - já passou para o sangue. Não sabemos o que houve. Facilmente nos poderiam fazer crer que nada aconteceu; no entanto, ficamos **transformados**, como se **transforma** uma casa em que entra um hóspede. Não podemos dizer quem veio, talvez nunca o venhamos a saber, mas muitos sinais fazem crer que é o **futuro** que entra em nós dessa maneira para se **transformar** em nós mesmos muito antes de vir a acontecer.*

Reiner Maria Rilke, *Cartas a um jovem poeta*

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma leitura a partir do viés dos estudos culturais de *O guarda-roupa alemão*, um romance de Lausimar Laus (1916-1979), publicado em 1970. Nesse romance, a autora reconstitui parte da história da cidade de Blumenau, colonizada por imigrantes alemães, valorizando os conflitos culturais e identitários pertinentes aos deslocamentos espacial e cultural dessa população. A leitura, a qual esse trabalho se propõe, parte de uma relação entre três pontos de análise: a contextualização histórica, política e social do evento migratório germânico para a região de Blumenau, as questões culturais referentes à identidade e ao espaço de formação de culturas híbridas e, por fim, o cruzamento das categorias de gênero e experiência na constituição da subjetividade. Esses três momentos de análise buscam interpretar *O guarda-roupa alemão* enquanto uma representação simbólica marcada por diferenças culturais.

ZUSAMMENFASSUNG

Diese Abhandlung beinhaltet eine Interpretation des Romans "O guarda-roupa alemão" basiert auf Analysen und Studien der kulturellen Aspekte. Der Roman wurde von Lausimar Laus (1916-1979) im Jahr 1970 veröffentlicht. Der stellt die Geschichte der Stadt Blumenau dar und erkundet die Kultur- und Identitätskonflikte, die sich für die Einwanderer aus den räumlich-geografischen und aus den kulturellen Veränderungen ergaben. Die Interpretation umfasst im wesentlichen drei Bereiche: erstens die historische, die politische und die soziale Kontextualisierung des deutschen Migrationsprozesses in der Gegend von Blumenau, zweitens die kulturellen Fragestellungen in Bezug auf die Identität der Einwanderer und auf die Herausbildung einer Hybridkultur, und schliesslich drittens die Beschreibung der gender-Kategorien und der Erfahrung in der Konstitution von Subjektivität. Diese drei Momente der Analyse stellen den Roman "O guarda-roupa alemão" als ein Werk dar, das in symbolischer Weise die Unterschiede zweier Kulturen aufzeigt und bewusst macht.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I.....1

Considerações gerais
Apresentação
O guarda-roupa alemão

CAPÍTULO II – *O guarda-roupa alemão e a imigração alemã*.....13

Os fatores de atração e de expulsão
Imigração alemã no sul do Brasil
Dr. Hermann Blumenau e a fundação da Colônia
O Guarda-roupa alemão conta a história de Blumenau
Condição de sujeito imigrante

CAPÍTULO III – Cultura e identidade cultural: uma leitura de *O guarda-roupa alemão*.....50

Cultura
Identidade cultural
Diferença e representação
Raça e nação
Cultura e identidade cultural no “entre-lugar”

CAPÍTULO IV- Gênero, experiência e identidade cultural.....83

Mulher e nação
Mulheres do *Guarda-roupa alemão*
Sacramento: medo e silêncio
Ethel e Hilda: uma questão racial

CONCLUSÃO.....109

Memória, experiência e identidade cultural
Palavras finais

BIBLIOGRAFIA.....118

CAPÍTULO I

Considerações gerais

O guarda-roupa alemão é o segundo romance de Lausimar Laus, publicado em 1975. O primeiro foi *Tempo permitido* (1970) e o último, *Ofélia dos navios* (1983), publicado após sua morte. Os três romances têm como tema central a colonização alemã em Santa Catarina e o destacado desenvolvimento subjetivo das personagens femininas.

O guarda-roupa alemão conta a história de uma família de imigrantes alemães estabelecida em Blumenau. O texto é narrado inicialmente por Homig, o último descendente da família Ziegel e que tinha o dever de abrir a gaveta do guarda-roupa onde estava guardado um segredo de família. O guarda-roupa é a peça que acompanhou as quatro gerações da família. Sentado à sua frente, Homig reconstitui a história destas gerações.¹ Em *Tempo permitido* a história centra-se nas personagens Luisa e Celina, estudantes brasileiras em Madrid. O cenário do mundo universitário é invadido pelas experiências vitais e sexuais de Luisa, que busca uma nova vida e liberdade, e pelas angústias de Celina, que procura entender seu presente através do seu passado. Fragmentos de sua vida são reconstituídos pela sua memória, caracterizando o ambiente de colonização germânica no Vale do Itajaí. *Ofélia dos navios* situa-se na cidade de Itajaí, compreendendo o período da Segunda Guerra Mundial. Através das vidas de Fefé e Hannele, duas adolescentes, é construído o cenário da cidade portuária, habitada, principalmente, por alemães e açorianos. A crise econômica causada pela guerra, assim como os conflitos de gerações estabelecidos pela rigidez da educação germânica estão retratados no romance.

Lausimar Laus retoma em todos os seus romances um pouco da sua própria história de vida. Em uma entrevista ao jornal *A ponte*, depõe sobre a criação literária: “Escrever é sangrar. Toda vez que escrevo um livro, escoo-me um pouco da minha vida”. Lausimar Laus deixa claro, em carta para um amigo, que tudo o que escreve vem de suas vivências e, de forma bastante explícita, comenta sobre o guarda-roupa e sua relação com esta peça fundamental dentro do seu romance.

O guarda-roupa era um móvel que havia em casa de minha avó Maria Amélia Stuart, mãe de minha mãe, que se casara com um norueguês. Era, de fato, um móvel alemão, quase até o teto, que me fazia, quando criança, pensar muito nele. Tinha milhões de coisas antigas dentro dele e até figurinos do século XVIII. A minha imaginação maquinava sempre. Pra mim ele não era um móvel. Era gente, porque eu sempre falava muito sozinha, como se houvesse gente a minha volta, quando criança.²

Nascida em Itajaí em 16 de abril de 1916, viveu no Rio de Janeiro por mais de 40 anos. Licenciou-se em Letras Clássicas pela Universidade de Santa Úrsula e cursou o doutorado na Universidade de Madrid. Exerceu o jornalismo, o magistério, a crítica, a tradução e a criação literária. Produziu poesias, literatura infantil e crônica, sobressaindo-se, contudo, no romance. Trabalhou para as revistas *O cruzeiro*, *Manchete*, nos jornais *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias* e participou dos suplementos literários de *Minas Gerais* e do *Estado de São Paulo*. Atuou como professora de português e de literatura alemã. Publicou um livro de poesias, *Confidências*, três de literatura infantil, *Histórias do mundo azul*, *Brincando no Olimpo* e *O sonho da Candoquinha*, um de crônica de viagem, *Europa sem complexos*, e três ensaios, *O romance regionalista brasileiro*, *Presença cultural da Alemanha no Brasil* e *O mistério do homem*

¹ O resumo detalhado do romance apresenta-se na próxima seção.

na obra de Drummond. Lausimar Laus faleceu de enfarte, no Rio de Janeiro, em três de outubro de 1979.

Apresentação

O interesse fundador dessa pesquisa partiu de uma ligação entre a cultura alemã (minha formação universitária é em língua alemã, além da experiência de um ano de residência na Alemanha) e a subjetividade feminina, ambos elementos centralizadores do romance *O guarda-roupa alemão* de Lausimar Laus. O contato, porém, com as teorias sobre cultura e identidade cultural no decorrer das disciplinas do curso de mestrado, levaram-me a ampliar o foco de análise para essa perspectiva dos estudos culturais, procurando, também, abranger questões referentes ao gênero nesse contexto. Confesso, portanto, que as questões culturais referentes aos sujeitos imigrantes e suas identidades num contexto marcado por deslocamentos (espaciais, lingüísticos, temporais, existenciais...) tornaram-se para mim as mais instigantes.

O romance de Lausimar Laus retoma parte da história da cidade de Blumenau, colonizada por alemães a partir de 1850, preocupando-se com o registro de fatos históricos reais relativos ao contexto social e político dos primeiros cem anos da cidade. Esse período compreende a chegada dos alemães pioneiros, os quais deviam expulsar os índios e demarcar as terras, até a época da nacionalização imposta por Getúlio Vargas, quando a comunidade de origem alemã sofre grandes repressões. Além da preocupação com a

² JUNKES, Lauro. *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*. Florianópolis: UFSC, 1987. p. 91

realidade histórica, a autora explora, com muita propriedade, os conflitos culturais e identitários relativos à experiência da imigração, quando duas ou mais culturas devem conviver com suas diferenças e, a partir daí, estabelecer uma nova ordem simbólica para suas referências. Esses conflitos culturais incluem questões relativas à nação, à raça e ao gênero.

O desenvolvimento dessa pesquisa, portanto, parte do texto *O guarda-roupa alemão* como o lugar histórico de enunciação desses conflitos culturais, onde as diferenças se tocam e articulam um novo espaço, um espaço híbrido. A obra literária de Lausimar Laus é a representação simbólica de uma cultura marcada pelas diferenças culturais.

O **segundo** capítulo está centrado nas questões históricas que determinaram as imigrações para a América, para o Brasil e, mais especificamente, para o sul do Brasil. Os séculos XIX e XX foram marcados pelas grandes migrações da Europa para América. A imigração, como um evento não desejado voluntariamente, ocorre pela combinação de forças de expulsão do país de origem e de atração pelo país de destino. O Brasil favorece a entrada de estrangeiros, no início do século XIX, através de uma política imigratória, visando a ocupação de terras devolutas, o estabelecimento de fronteiras territoriais, e por fim, o branqueamento da população, predominantemente mestiça e negra. O fluxo migratório alemão para o Brasil não foi contínuo, mas interrompido nos períodos marcados pelas guerras. O contexto histórico e econômico esclarece como os imigrantes alemães organizaram-se como uma comunidade com características próprias, destacando-se pelos hábitos, costumes e pelas instituições étnicas. A história da cidade de Blumenau, contexto e cenário do romance e dos conflitos culturais, é reconstituída através de um paralelo entre o texto de Lausimar Laus e a realidade histórica. A partir do conhecimento das circunstâncias

sociais e econômicas pertinentes ao processo de imigração como um todo, passa-se a pensar no sujeito migrante e sua condição ambivalente e contraditória.

As questões relativas à identidade cultural e sua conjuntura num lugar fronteiriço, onde o sujeito em contato com o “outro cultural” reinscreve seu imaginário social, são discutidas no **terceiro** capítulo dessa pesquisa. A cultura como estrutura representativa de uma comunidade nacionalmente imaginada estabelece as bases para a discussão sobre identidade cultural e os demais conceitos que, incondicionalmente, a ela se sobrepõem, tais como diferença, representação, raça e nação. As abordagens sobre cultura e identidade cultural estão sustentadas a partir de confrontos teóricos de diferentes autores, assim como por uma preocupação em acompanhar com alguns momentos dos debates conceituais. Todas as discussões teóricas têm o texto de Lausimar Laus como âncora para suas representações.

O **quarto** capítulo, portanto, se ocupa com as discussões a respeito da identidade cultural intersectada pelo gênero e as articulações que este conceito compreende, a partir da orientação sexual, raça, classe, etc. Uma discussão inicial sobre mulher e nação estrutura a análise posterior das mulheres migrantes e a construção de suas identidades nesse contexto de deslocamento territorial e cultural. O conceito de gênero é abordado, mais adiante, buscando sua revisão como uma categoria operadora para as diferenças de poder das construções de feminilidade e masculinidade nos diversos aspectos sociais. Lausimar Laus trabalha com muita riqueza a subjetividade feminina em seus personagens. São diferentes mulheres negociando suas identidades num espaço de intervenções e rupturas, onde as tradições são mantidas, o passado é valorizado na construção de um presente novo, dividido e ambivalente. A maneira como as diferentes vozes femininas enunciam-se e são escutadas revelam as relações de poder intrínsecas ao contexto social ao qual pertencem.

O **último** capítulo trabalha com a experiência e a memória como categorias representantes de significados dentro de texto e obra de Lausimar Laus. Perceber a linguagem da autora e o corpo de sua obra como representantes de uma identidade cultural híbrida finaliza as relações teóricas e ficcionais articuladas entre si nesse trabalho.

O Guarda-Roupa Alemão

O segundo romance da autora Lausimar Laus conta, através de uma linguagem simples, descontraída e, muitas vezes, carregada de um grande senso de humor, a história de quatro gerações de uma família de imigrantes alemães, os Ziegel, colonizadores da cidade de Blumenau. A família Ziegel é o centro da narrativa, porém várias outras histórias familiares cruzam-se entre si, tecendo, assim, um painel dos primeiros cem anos da cidade de Blumenau. A autora faz referências desde a chegada dos alemães, por volta de 1850, aos conflitos e ao extermínio dos índios daquela região, até a segunda guerra e o período de nacionalização imposta por Getúlio por volta de 1940.

A história é contada, inicialmente, por Homig, um homem de sessenta anos, solteiro, doente do coração. Sua sensibilidade aguçada alerta que sua vida está chegando ao fim, assim como a história de sua família, já que é o último descendente dos Ziegel. Na casa onde viveu toda sua infância, sentado em frente ao guarda-roupa alemão, Homig revive várias histórias de sua família na colônia de Blumenau. O guarda-roupa é uma peça que veio da Alemanha há cem anos com seus bisavós, Ervin Ziegel e Ethel Moltke, e acompanhou todas as gerações da família, sempre no mesmo lugar, guardando documentos

importantes, enxovais e segredos.

Homig tem a incumbência de abrir uma gaveta do guarda-roupa, a qual foi trancada por sua bisavó ao falecer, contendo um segredo que só deveria ser revelado ao último Ziegel vivo. É chegada a hora de abrir a gaveta, pois a casa onde viveu toda sua infância foi vendida, encerrando o ciclo de sua família. Na verdade, havia mais um primo que ainda estava vivo, Ralf. Dez anos mais velho que Homig, chegou da Alemanha já adulto e formado e, por isso, viveu apenas parte da história dos Ziegel em Blumenau. A atitude de abrir a gaveta é hesitada várias vezes e Homig leva um dia inteiro para se decidir enquanto, em frente ao guarda-roupa, as lembranças de vida lhe vêm à cabeça. É Ralf quem o ajuda a abrir a gaveta e quem, afinal, descobre o segredo da família, pois Homig já bastante debilitado física e emocionalmente, é levado para o hospital.

O tempo da narrativa não segue a cronologia e avança de acordo com o fluxo descontínuo do pensamento do personagem, assim como os vários pontos de vistas que se misturam em uma espécie de fusão de terceira e primeira pessoas. Partes são narradas em primeira pessoa pelo próprio Homig e outras extraídas do diário de sua tia Hilda e de seu avô Klaus, de onde partem os pontos de vista de sua avó Sacramento e da professora Lula. A narração da terceira pessoa onisciente é feita com maior presença nas descrições de Homig e de seus sentimentos neste dia de reflexão sobre sua história de vida. Por isso, pode-se pensar em um mais um ponto de vista, o do Guarda-roupa alemão, já que este recebe um tratamento humanizador na narrativa de Homig e, estando um à frente do outro, as considerações parecem ser feitas a partir do olhar do próprio guarda-roupa. “Homig, o sensível. Chapéu meio desabado na testa. A calça de veludo surrada, puxando mais para o cinza. Houve tempo em que era azul.” (p. 28)

O romance aborda várias temáticas sobre a colonização alemã na região de

Blumenau. A demarcação de terras e o confronto com os índios são acontecimentos narrados pelo avô Klaus, o qual mostra respeito pela cultura nativa e acaba apaixonando-se por uma indiazinha de doze anos criada por freiras francesas. Sacramento é a vó índia de Homig, representante da simplicidade e religiosidade, por quem ele tem muito carinho e só lembranças ternas. As dificuldades enfrentadas por Sacramento quanto à compreensão da língua, à adaptação aos novos costumes e, principalmente, quanto à rejeição por parte de Ethel, mãe de Klaus, que não aceitava o casamento do filho com uma “bugra”, estão também registradas no diário do avô.

O rigoroso trabalho no campo e com as coisas da casa aparece constantemente na narrativa, mostrando, mais especificamente, a dedicação das mulheres à organização familiar, à educação dos filhos e à manutenção da cultura germânica, pela qual têm tanto orgulho. As descrições das casas, dos jardins, das vestimentas e da própria cidade, demonstram que os imigrantes viveram muitos anos em um núcleo germânico fechado e que recebiam pouca interferência de fora. Eles próprios demarcaram suas terras, construíram suas casas, as escolas e as igrejas em organizações sociais muito bem distribuídas. Aos poucos, com a chegada da nacionalização, foram implantadas escolas brasileiras, mas a maioria dos imigrantes ainda tinha grandes dificuldades com a língua portuguesa. Por isso, no auge da campanha nacionalista foram cerrados sérios conflitos entre brasileiros e imigrantes alemães.

Abordagens como racismo, choque entre culturas distintas, o amor dos imigrantes pela pátria distante, assim como a assimilação de diferentes culturas pelas novas gerações, estão registradas na narrativa. Muitos desses conflitos são apresentados através de cenas que chegam ao cômico, construindo uma caricatura do imigrante alemão. É o exemplo da tia de Homig, Herna, a qual, necessitando uma transfusão de sangue, tem como único

doador compatível o mulato Praxedes, tripulante do “vaporzinho” Blumenau. Herna, alemã nacionalista, entusiasta da “Nova ordem” proposta por Hitler, não aceitava misturar seu sangue com o de um mulato brasileiro: “Brasileiro tem sífilis...”. O doutor Büchmann, ginecologista conceituado e conhecido por sua personalidade autoritária, acaba usando da força física para realizar tal transfusão, inclusive com as enfermeiras, as quais recebiam caneladas, quando não faziam como foi mandado. Para complicar a situação, o voluntário a salvar a vida da alemã, em meio a tantos xingamentos, acaba desistindo da ação por achar um desrespeito à sua raça:

Sabe o que mais, seu dotô? Eu vou mais é m'imbora. Deixa esse diabo morrê de uma vez...fico dês das 6 damanhã im jejum pra sarvá uma merda dessas e ela ainda me chama de sífilico?... O Dr. Büchmann, vermelho como um pimentão, os dentes cerrados, a boca aberta, agarrou o mulato, deu um safanão, jogou-o na cama e disse com todas as suas forças e todos os seus erres: “Fai a merrrdaaa!”. O Praxedes, de mulato que era, passou a meio desbotado...(p. 153)³

O registro dos acontecimentos históricos na narrativa é uma preocupação constante da autora. As enchentes de 1880 e de 1911, as primeiras fábricas da região, Hering e Kormann, a política regional e nacional e suas personalidades, Vitor Konder, a Guerra do Paraguai, a Segunda Guerra Mundial e, principalmente, o período de nacionalização imposto por Getúlio Vargas constroem o cenário do romance.

As mulheres são as personagens centrais de todas as histórias lembradas por Homig. Sua bisavó Ethel, a *Grossmutter*, e sua avó índia, Sacramento são suas maiores referências, pois foi criado por elas. Sua mãe morreu moça, numa epidemia da gripe espanhola, e seu pai na Segunda Guerra Mundial. São estas duas personalidades contraditórias que marcam

³ Explorarei mais adiante, no segundo capítulo, outros significados desse trecho.

a vida de Homig, percorrendo toda a narrativa. Ethel é caracterizada pela típica alemã, trabalhadora, saudosa de sua pátria, impondo sempre a disciplina e a ordem da casa. Porém, por trás da rigidez com os outros e, principalmente, consigo mesma, havia uma mulher sonhadora, ligada à arte e à liberdade. Homig encontra em umas das gavetas do guarda-roupa desenhos de sua bisavó e entende que sua vida dura de colona destruiu muitos de seus sonhos. No meio dos desenhos, uma foto:

Mas como a bisavó fora bonita! Puxa vida! Até que aquele cabelo complicado, com uma grande *igrette* na cabeça, lhe dava uma graça estupenda. A legenda diz que ela nascera em Paris, de pais alemães e era autora de composições, onde se harmonizavam cores de extrema suavidade. Tã certo. E a gente nunca soube da genialidade da *Grossmutter*. Pelo menos vó Sacramento só contava sobre aquela mulher forte como granito. Era lidando. Plantando flores, mas também plantando aipim. O morango. Cavando a terra. O avental sempre muito branco, rodeado de bordado inglês. Pesadona. Vermelha. Dando ordens. Organizando as festas da colônia. Aconselhando o marido. Nunca em jeito macio. Às vezes, quando o velho Ziegel lhe fazia que não com a cabeça, ou resmungando, contra suas intenções, ela levantava a testa e dizia alto:
- “*Mann*, ajuda-me. Eu me esforço demais. Quebro todos os atalhos para não encontrar comigo mesma. Porque o dia em que eu encontrar comigo, não sei mesmo o que acontecerá.” (pág. 32)

Sacramento é a figura da avó carinhosa, compreensiva e religiosa, com quem Homig tem grande afinidade. Sua adaptação à idéia de casamento e aos costumes alemães, assim como sua iniciação sexual são narrados através do diário de Klaus. Sua ingenuidade e meiguice marcam todos os episódios em que está envolvida, e estes são os sentimentos lembrados por Homig. Ele que ouvia suas histórias enquanto contava as “preguinhas” de seu rosto.

Hilda é a filha mais nova de Ethel, uma figura rapidamente caracterizada no romance, mas com uma personalidade marcante. Amante da liberdade e desprendida de

qualquer preconceito. Suas atitudes chocam a todos: “Pegava o cavalo bravo no mato, tirava a roupa toda, montava nua em pêlo e cavalgava a vontade. O falatório da vizinhança” (p. 6). Em seu diário estão suas indagações sobre a vida e os códigos que a regem, acreditando na natureza das coisas e dos sentimentos como obras de Deus, então, não podem ser pecados. Todos acham que foi para Alemanha, segundo ordens de sua mãe, mas seu verdadeiro destino só é revelado no final do romance.

Grande parte da narrativa é construída a partir do ponto de vista de Lula, uma professora brasileira, vinda de Itajaí, para ministrar aulas de português em uma escola pública. Sua figura é mencionada, inicialmente, no diário de Klaus, mas através de sua mente uma história à parte é contada, a dos brasileiros, descendentes de açorianos, de espanhóis, vindos de Itajaí, de Florianópolis. Estes que chegam a Blumenau na tentativa de uma vida melhor. Lula mora na casa de uma tia, Maria Clara, junto com duas primas, Cidinha e Dora. Viveu dificuldades econômicas em Itajaí, junto à sua avó e seus irmãos, os quais ainda são sua grande preocupação. Através de seu ponto de vista dois importantes episódios são narrados: a enchente de 1911 e o caso de menininha. Desde as notícias da enchente, até a chegada das águas, o abandono das casas e o refúgio das pessoas para o convento das irmãs, o local mais alto da cidade, são vividos pela narração de Lula.

Menininha é filha adotiva de seu Tibúrcio e dona Tita, casal amigo de Itajaí, favorecido economicamente. Foi criada com muito zelo e rigidez pelos pais, os quais não a deixavam sair sozinha de casa, nem ter muitas amizades. Por causa de uma hérnia, seu Tibúrcio deve ser operado e deixa a filha aos cuidados de Dona Maria Clara, única pessoa em quem confia para isso. Menininha, porém, é muito bonita e apaixonada pela vida e esta é a primeira oportunidade para viver suas aventuras longe da prisão de sua casa. Lula descobre seus encontros, às escondidas, com um homem casado, seu Ataliba, foguista do

“vaporzinho” Blumenau. Menininha faz revelações de suas experiências homossexuais para Lula, a qual, muitas vezes, sentiu-se atraída por sua beleza. Enfim, Menininha acaba trabalhando como “china” em Itajaí, casa-se, mas nunca se desliga de suas atividades.

Lausimar Laus preocupou-se em registrar as influências culturais trazidas pelos alemães (Goethe, Heine, Verlaine), assim como o folclore catarinense presente na região. Constantemente aparecem as canções dos canoieiros e o modo de falar catarinense (*obrados, trasantonte, constipação*). Homig representa essa mistura cultural, a qual se constituiu na soma de diferenças. O processo de construção dessa cultura híbrida, seus confrontos identitários serão uma das direções de leitura do romance, desenvolvidas ao longo desse trabalho.

CAPÍTULO II

O GUARDA-ROUPA ALEMÃO E A HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ

Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o “imigrante” situa-se nesse lugar “bastardo” de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social.

Pierre Boudieu⁴

O romance de Lausimar Laus traz um panorama histórico da imigração alemã no Vale do Itajaí⁵, trabalhando, mais precisamente, a representação da realidade da colônia alemã de Blumenau. Em o *Guarda-roupa alemão*, vários eventos importantes da história da colonização alemã no sul do Brasil estão representados. Abarca cerca de cem anos de um quadro de deslocamento de alemães para a região de Blumenau, desde a chegada dos imigrantes por volta de 1850 até a época da Nacionalização em meados de 1940, e a construção desta nova sociedade, assim como os problemas sociais e políticos que a envolveram.

Antes de ler o romance através das entrelinhas históricas que o compõem, é preciso

⁴ BOURDIEU, Pierre. Um analista do inconsciente (Prefácio). In: Sayad, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Trad. Cristina Murachco São Paulo: Edusp, 1998. p. 12

⁵ A região do Vale do Itajaí compreende os municípios de Blumenau, Brusque, Gaspar, Ibirama, Indaial, Itajaí, Ituporanga, Rio do Sul, Rodeio, Taió e Timbó.

compreender algumas questões : Por que houve grandes migrações nos séculos XIX e XX? De que forma ocorreram essas migrações para o sul do Brasil? Por fim, o que significa ser um imigrante? Essas perguntas são relevantes para a leitura do romance como um todo, a qual inicia-se nesse capítulo a partir das representações históricas relativas à imigração alemã no Vale do Itajaí, presentes constantemente no texto.

Os fatores de expulsão e de atração

A imigração é um fato que só ocorre por uma força maior, já que a maioria das pessoas não a deseja. Esta força gira em torno de grandes problemáticas nas comunidades de origem, sejam elas de natureza econômica, o que ocorre na maioria das vezes, étnica ou religiosa. É, portanto, o equilíbrio entre os “fatores de expulsão e os de atração”⁶ que torna possível o fenômeno migratório.

O fator econômico de expulsão, segundo Klein, gira em torno de três problemáticas: O acesso à terra e, por isso, ao alimento, a variação da produtividade da terra e, por fim, o número de membros da família que devem ser mantidos. A combinação desses três eventos impulsionaram as migrações para a América entre os séculos XIX e XX.

Na Europa, iniciou-se em meados do século XVIII uma decrescente taxa de mortalidade, a qual pode ter suas bases em três fatores determinantes: a introdução da vacina contra a varíola, melhoramentos sanitários e o aumento do suprimento alimentar

⁶ KLEIN, Herbert S. Migração internacional na história das Américas. In: FAUSTO, Bóris (ORG.) *Fazer a América (a imigração em massa para a América Latina)*. São Paulo: EDUSP, 1999. P. 13-4

com o cultivo de novos alimentos como a batata e o milho. O crescimento demográfico é um dos fatores responsáveis pela mudança na política e na produção da agricultura, significando um acesso mais difícil às terras livres, obrigando uns camponeses a trabalharem para os outros. Cresce a produtividade e também a mecanização, tornando menos necessária a mão-de-obra. Em virtude da crescente escassez de terra, os camponeses que as possuíam sofrem uma grande pressão para dividi-las cada vez mais, principalmente para suprir as necessidades dos herdeiros de suas famílias. Assim, o crescente fracionamento das propriedades torna impossível extrair qualquer sustento dela. As dificuldades econômicas caracterizam, desta forma, os fatores de expulsão das comunidades européias.

O relato de Theodor Rodowicz-Oswiecimscky, militar prussiano que chegou a Joinville em setembro de 1851, tem como objetivo informar futuros imigrantes sobre a verdadeira realidade e as condições encontradas na nova pátria. Ele alerta que para emigrar não é suficiente apenas força de vontade, mas, também, boa saúde para suportar, primeiramente, a viagem, a mudança de clima e de alimentação, assim como todo o esforço físico inicial que é necessário para a limpeza dos terrenos e das primeiras plantações. Ele relaciona a vontade de emigrar como uma doença contagiosa que tomou conta da Europa e para qual, naquele tempo, não havia nenhum remédio:

Descontentamento com a situação em que se encontram, desenganos quanto ao enriquecimento rápido, perseguição política, desejo de aventuras, etc. são as principais causas da doença e assim, conforme a intensidade destas causas, se poderá prever o desfecho da aventura. (...) Não são destes descontentes que queremos tratar (aqueles que procuram aventura), mas daqueles que apesar de todos os esforços, trabalhos, economias e bom comportamento, não conseguiam obter em sua pátria, o pão nosso de cada dia, e menos ainda, amealhar um pouco para situações anormais. (...) Na Europa era (o emigrante) miserável criado que, apesar de honesto e

cumpridor dos seus deveres, só lhe cabiam as migalhas da mesa do patrão. Hoje ele manda, enquanto, antes era escravo. Agora poderá, descansadamente morrer, pois seus herdeiros estarão garantidos na sua subsistência, como ele o estava, se souberem manter-se na trilha.⁷

Enquanto na Europa a terra era cara e a mão-de-obra barata, um fenômeno contrário acontecia na América: “A terra era abundante e estava disponível, entretanto, a mão-de-obra era escassa, portanto cara”⁸. A demanda de mão-de-obra na América relaciona-se com o desaparecimento de cerca de cinco milhões de índios que se infectaram por doenças trazidas pelos europeus a partir de 1492. Assim, a perspectiva de se obter terra tornou-se a maior atração para os imigrantes.

O período entre 1880 e 1915 foi marcado pelas grandes migrações. É nesta época que o transporte e os meios de comunicação entre a Europa e a América tornaram-se mais rápidos e baratos, através da substituição total da vela pela energia a vapor, assim como a instalação do primeiro cabo telegráfico transatlântico e a conclusão do primeiro conjunto de ligações ferroviárias.

Segundo Herbert S. Klein, “Fazer a América” era o principal lema da maioria dos jovens homens que cruzavam o oceano em busca de um futuro melhor, o qual baseava-se em acumular poupanças e voltar para o seu país para desfrutá-las.⁹ Porém, apenas a metade dos imigrantes desta época conseguiu retornar para as suas pátrias, enquanto a outra metade assimilou as novas culturas e economias e mandou buscar a família para estabelecer-se de vez na América. O retorno ao país de origem ocorreu mesmo no Brasil, onde predominou a imigração familiar, principalmente com os imigrantes italianos e os portugueses. Os que

⁷ RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor. *A colônia Dona Francisca no sul do Brasil*. Trad. Júlio Cheila. Florianópolis: Ed. da UFSC, FCC; Joinville: FCJ, 1992. p. 3-5

⁸ KLEIN, Herbert S. Migração internacional na história das Américas. In: FAUSTO, Bóris (ORG.) *Fazer a América (a imigração em massa para a América Latina)*. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 15

ficaram se caracterizam por não conseguirem acumular riquezas suficiente para voltar à pátria-mãe e outros, pelo contrário, por ascender significativamente no novo país desconsideraram a idéia de retorno, assim como aqueles que se casaram com nativos e perderam contato com suas origens.¹⁰ Estima-se a chegada de 57 milhões de europeus nas Américas durante todo o Século XIX.

Imigração alemã no sul do Brasil

As primeiras emigrações em massa para o Brasil foram favorecidas pelo decreto de 25 de novembro de 1808, de D. João VI, o qual permitiu aos estrangeiros o acesso à propriedade de terra. Com a vinda da corte portuguesa para o Brasil, abre-se espaço para a atuação de estrangeiros no mercado brasileiro. Entre 1808 e 1822 registra-se a entrada de cerca de 200 alemães, os quais atraídos pela abertura dos portos inserem-se nos centros urbanos emergentes e executavam serviços setoriais, artesãos e ainda aqueles que se dedicavam ao trabalho fabril.¹¹

A partir de 1824, a entrada de imigrantes alemães no sul do Brasil é mais significativa e caracteriza-se, em sua maioria, pelo trabalho assalariado para as grandes lavouras, sendo estes através de contratações de serviços ou sob regime de colonato. O fracasso do núcleo pioneiro da colônia de Nova Friburgo no Rio de Janeiro, assim como de

⁹ KLEIN, Herbert S. Migração internacional na história das Américas. In: FAUSTO, Bóris (ORG.) *Fazer a América (a imigração em massa para a América Latina)*. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 24

¹⁰ KLEIN, Herbert S. Migração internacional na história das Américas. In: FAUSTO, Bóris (ORG.) *Fazer a América (a imigração em massa para a América Latina)*. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 28

¹¹ SEYFERTH, Giralda. A colonização Alemã no Brasil. In: *Fazer a América*. Boris Fausto (org.). 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 273-4

outras colônias alemãs no nordeste, deslocam as correntes migratórias européias para o sul do país. Segundo Giralda Seyferth, apesar da primeira colônia ser fundada no Rio de Janeiro em 1818, nesse estado a colonização servia mais para os interesses dos grandes proprietários, por isso, costuma-se considerar a fundação da colônia alemã de São Leopoldo em 1824, no Rio Grande do Sul, como o marco das colonizações com imigrantes.¹² O fluxo de imigrantes alemães para o Brasil intensifica-se, no entanto, após a abolição da escravidão. Nesse período, o interesse brasileiro estava em instalar no país agricultores livres e europeus em áreas não-ocupadas pela grande propriedade através de um processo controlado pelo Estado. O principal objetivo era suprir a falta de mão-de obra escrava e, ao mesmo tempo, seguir uma política eugenista, a qual priorizava o ingresso de homens brancos para o desaceleramento da mestiçagem do povo brasileiro, causada pelos índios e negros. É o que afirma Giralda Seyferth:

“O processo de branqueamento foi pensado como forma de consolidar, no futuro, uma nação brasileira, de civilização latina e língua portuguesa, o que supõe uma perspectiva assimilacionista para a imigração, incluindo o “caldeamento de raças”.¹³

O Brasil é um dos países das Américas a receber mais imigrantes de língua alemã, apesar disso, eles representam apenas 9% dos emigrados europeus neste período das grandes imigrações transcontinentais. Destacam-se, porém, pela sua concentração demográfica em determinados territórios, assim como um crescimento populacional acelerado, o que promoveu ampliação das colônias e deslocamentos em várias regiões do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

¹² SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990. p. 18

A região Sul diferenciava-se das regiões centrais do país, pela dedicação quase que exclusiva de seus imigrantes à produção agrícola em pequenas propriedades. Esses novos povoamentos eram dirigidos por políticas imigratórias ligadas ao assentamento de colonos, os quais eram controlados pelo governo central ou provincial. Esses assentamentos visavam, além do preenchimento de vazios demográficos, que garantiriam a integridade das fronteiras, também, o melhoramento da infra-estrutura de transporte dos produtos para o mercado interno, já que os imigrantes devastavam as matas e formavam o mercado consumidor.

Giralda Seyferth destaca a influência de personalidades de origem germânica junto ao Governo imperial, como os naturalistas Freyreiss e Schaffer. Este fato pode explicar a predominância de alemães nos primeiros projetos de colonização. O major J. A. Schaeffer foi responsável pelo aliciamento de imigrantes para as colônias de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul em 1824, de São Pedro de Alcântara e Mafra, em Santa Catarina, e Rio Negro, no Paraná, as demais em 1829. Essas quatro colônias marcam o fim da primeira fase de imigração alemã para o Brasil. A guerra civil no sul (Revolução Farroupilha) dificulta o projeto migratório e o pequeno número de imigrantes assentados até essa data inviabilizou o desenvolvimento das colônias. Apesar do esforço do investimento colonizador no sul do país, o qual concedia a cada unidade familiar 75 hectares, não foi atraído grande número de imigrantes alemães.

O aumento do fluxo migratório se dá a partir da segunda fase de assentamentos em 1845, com a fundação de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Essa época atraiu maior número de imigrantes alemães, apesar da gradativa redução dos lotes destinados para o assentamento

¹³ SEYFERTH, Giralda. A colonização Alemã no Brasil. In: *Fazer a América*. Boris Fausto (org.). 2^a. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p.303

das famílias, chegando até os 25 hectares. A segunda fase de colonização foi contextualizada por debates sobre a política migratória. Por um lado a elite brasileira era a favor de imigrantes alemães e norte-europeus, pelo interesse em introduzir protestantes no país, a fim de enfraquecer o domínio da Igreja católica em apóio a idéias de liberdade religiosa. Por outro lado, porém, discutia-se a presença de protestantes em uma nação católica e preocupava-se, contudo, com a assimilação e problemas de “enquistamento”.¹⁴

Essa segunda fase de assentamentos no sul do Brasil contou com alguns eventos importantes para atrair um número maior de imigrantes. O Governo imperial, para diminuir as despesas com a instalação das colônias, dá às províncias poderes próprios de incentivo à imigração, o que resultou em um conjunto de leis favoráveis à vinda de estrangeiros para Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Estes estados assumiram parte das terras devolutas, as quais ainda continuavam sob o controle do Ministério da Agricultura, e passam a trabalhar com iniciativas privadas ligadas à Alemanha. As companhias particulares de colonização foram o grande impulso para essa segunda fase de imigração, que se caracterizava agora por tornar as terra devolutas em mercadoria. Decretado por lei, o imigrante a partir de 1850 só podia ter acesso à terra por compra, e não mais gratuitamente como ocorreu na primeira fase.

Companhias de navegação transatlântica da Alemanha, ligadas a estas sociedades de imigração, eram responsáveis pelo transporte, pela compra de terras e pela organização das colônias em Santa Catarina. A Sociedade Colonizadora Hanseática resultou da fusão entre a Sociedade Colonizadora de Hamburgo com a maior companhia de navegação da Alemanha, a Norddeutsche Lloyd de Bremen e com a Südamerikanische Dampfschiffahrtsgesellschaft.

¹⁴ SEYFERTH, Giralda. A colonização Alemã no Brasil. In: *Fazer a América*. Boris Fausto (org.). 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 276-8.

A imigração germânica para o Brasil foi impulsionada pelo conjunto de iniciativas privadas e públicas, tanto da Alemanha quanto do Brasil, transformando-se em um alto negócio, do qual o imigrante passou a ser uma cara mercadoria. O envolvimento de bancos, de empresas de transportes e de negociantes de terras comprova isso.

Em Santa Catarina, as iniciativas privadas foram responsáveis pelas principais colônias como a de Blumenau e a de Joinville. A primeira foi fundada por Hermann Blumenau em 1848 e contou com o apoio de organizações alemãs, tornando-se oficial a pedido de seu fundador. A segunda foi fruto da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, que encaminhou para Joinville e arredores, entre 1850 e 1888, 17.408 colonos. Representou a mais importante iniciativa privada em Santa Catarina quanto aos aspectos econômico e político, pois se filiou a banqueiros e industriais da Renânia e de Berlim a partir de 1887. Esta sociedade visava a criação de uma república teuto-brasileira vinculada aos interesses do império como uma forma de garantir a presença alemã na América e a constituição de um expressivo mercado consumidor.¹⁵

A partir de 1848 chegam ao Brasil imigrantes exilados ou aqueles que viram na emigração uma solução para os problemas políticos. Conhecidos como 1848er. Kinder (filhos de 1848), homens do Märztage (dos dias de março) ou os Brummer (mosqueteiros), eram liberais, nacionalistas românticos ou socialistas que se distinguiram dos imigrantes pioneiros por suas atividades profissionais: artesãos, intelectuais e operários. Nas estatísticas oficiais, porém, aparecem como camponeses, pois esta era a condição que se impunha para emigrar.

A partir de 1870 chegam ao Brasil grupos de trabalhadores urbanos que fogem da

proletarização. Estes homens diferenciam-se dos imigrantes anteriores por fazerem parte de uma Alemanha unificada, por terem se tornado homens do Reich possuidores de um forte sentimento de pertença, construído a partir da escola primária e da literatura.

O impulso para a nova fase de imigração, a qual foi a mais expressiva até então no último terço do século XIX, deveu-se ao desenvolvimento econômico e político de ambos países. As propagandas oficiais e de empresas e as correspondências dos colonos, somadas ao acelerado processo de industrialização na Alemanha atraíam novos grupos para a região. Estes são constituídos por membros de movimentos protestantes preocupados com seus fiéis da diáspora e por homens politizados por tensões provocadas pela unificação alemã de Bismarck¹⁶. A associação destes novos homens com uma carga nacional mais acentuada aos imigrantes das primeiras levadas afirma a necessidade da preservação de uma identidade coletiva, formando micronações com iniciativas de auxílio mútuo, as quais substituem as ações do Estado, assim como foi desenvolvido no país de origem (Sociedades de canto, recreativas, desportivas, religiosas, beneficentes, de assistência técnica e de operários). Devido à condição de minoria religiosa e pela dificuldade de aprendizado do idioma português estas práticas foram favorecidas. Porém, como afirma Giralda Seyferth “a formação de uma cultura e de uma identidade étnica teuto-brasileira está relacionada ao processo histórico de colonização”¹⁷, o qual antes de ter proporcionado um isolamento das colônias, caracterizou-se pela desorganização no desenvolvimento dos projetos tanto provinciais quanto imperiais. A falta de verbas provocou total insegurança nas primeiras

¹⁵ MAGALHÃES, Marionilde Brepohl. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998. p.23

¹⁶ Otto Von Bismarck, o assim chamado chanceler de ferro, foi o estadista mais importante da Alemanha do século XIX. Ele foi o responsável pelas bases do II Reich (1871-1918), superando a existência de mais de 300 entidades políticas diferentes, implanta, pela primeira vez no país, um Estado-nacional único.

¹⁷ SEYFERTH, *Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o estado brasileiro*. Caxambu, MG: ANPOCS, 1993. p. 107

décadas da maioria das colônias, não havendo recursos para a abertura das estradas e demarcação de lotes, assim como para a implantação do ensino fundamental e para a saúde. Essas situações resultaram em uma forte organização comunitária, o que subsidiou mais tarde o discurso ideológico étnico baseado no “trabalho alemão”, e no uso cotidiano da língua alemã, através das associações e escolas comunitárias, sociedades culturais e recreativas. Na fase inicial da colonização, essas instituições comunitárias ainda não visavam assegurar a especificidade étnica, como acontece mais tarde, mas suprir a falta de determinados recursos.

A etnicidade para os imigrantes alemães está baseada no sentido concreto de comunidade, na cultura comum e na origem racial/nacional, a qual se remete à noção de *Volk* (povo). Essa idéia de pertencimento a uma unidade, a uma identidade coletiva, através do termo *Deutschum* (germanidade), é reforçada por publicações periódicas em língua alemã produzidas entre 1839 e 1852. Giralda Seyferth destaca a definição de dois conceitos fundamentais para essa discussão: nação e pátria

A nova pátria é a colônia, a nova cidadania a brasileira, mas a etnia continua sendo alemã; o ato de emigrar significou o rompimento com o país de origem, mas não com o Volk (povo/etnia) alemão. O pertencimento sugerido por tal categoria remete, por um lado, a uma etnicidade supraterritorial- a nação alemã, concebida como entidade cultural e lingüística que une um povo de mesma origem – e, por outro lado à cidadania e a um território considerado como Heimat ou Vaterland – o Estado brasileiro.¹⁸

O progresso econômico dispõe os colonos a uma maior participação política. É o momento de industrialização e urbanização das cidades e, conseqüentemente, de um maior contato entre os grupos de diferentes origens étnicas, incluindo os brasileiros, acionando,

assim, as identidades étnicas. A reivindicação da cidadania por meio da imprensa e de propagandas aciona uma garantia de direitos como, por exemplo, a escolha de seus representantes no congresso. Os periódicos em língua alemã passaram a reforçar uma determinada identidade coletiva e a formar um determinado público leitor unido pelo domínio da língua alemã, e, após a proclamação da república, há uma maior atuação da Liga Pangermânica nessas vias. Assim, os políticos teuto-brasileiros, apesar de obterem carreiras bem-sucedidas, eram sempre suspeitos de compactuarem com o pan-germanismo e mais tarde com o nazismo

O antigermanismo inicia-se no final do Século XIX e tem como objetivo maior a manutenção da integridade cultural, política e territorial do país. Este discurso proíbe os governos dos estados a instalar núcleos coloniais de única concentração étnica, o que não afetou o fluxo migratório de origem alemã para o Brasil. Sua redução deveu-se mais à crise econômica do Brasil do que a qualquer razão de ordem política.¹⁹ O início do declínio da migração se deu com a Primeira Guerra Mundial em 1914 e foi sendo determinado por diversos outros fatores que ocorreram simultaneamente a partir deste processo, concluindo-se definitivamente com a deflagração da Segunda Guerra Mundial.

A campanha nacionalista limitou-se a abrigar o imigrante de origem alemã através do ensino fundamental, o qual incentivava o uso da língua portuguesa e cultivava os valores cívicos da nação brasileira, já que as características desse grupo (brancos, disciplinados e trabalhadores) iam ao encontro da política eugenista da época. O nacionalismo estrangeiro, impondo um sentimento de hegemonia e de resistência à

¹⁸ SEYFERTH, *Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o estado brasileiro*. Caxambu, MG: ANPOCS, 1993. p.109

¹⁹ MAGALHÃES, Marionilde Brepohl. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998. p.43

adaptação através de variadas manifestações, sejam elas socialistas, anarquistas ou liberais, era tratado como um todo igual pelos intelectuais brasileiros e representava uma ameaça à integração política do país. Partindo de um outro movimento nacionalista, a elite brasileira visava uma integração política, cultural e econômica.

Dr. Hermann Blumenau e a fundação da Colônia

Hermann Bruno Otto Blumenau foi o fundador da colônia de Blumenau nas terras do Vale do Itajaí. Nascido em 26 de dezembro de 1819, em Hasselfeld, na Alemanha, o doutorando em química entra em contato com os estudos sobre emigração e colonização alemãs, através do Barão Alexander Von Humboldt e acaba sendo procurador da “Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães no Sul do Brasil”. Com a tarefa de estudar as condições dos colonos e as novas possibilidades de colonização no sul do país, chega ao Brasil em 1846 e faz contatos com autoridades do Império e com colonos alemães em São Leopoldo e em São Pedro de Alcântara. Recebe informações sobre as terras férteis do Vale do Itajaí e em 1848 inicia sua primeira expedição para essas terras, as quais já estava decidido a explorar. Sua proposta inicial, porém, em nome da sociedade da qual era procurador, foi rejeitada pela comissão especial constituída na Assembléia do Estado. Essa comissão evoca os decretos provinciais dos anos 1836 e 1838, os quais autorizam o contato com qualquer companhia particular que empreenda a colonização da Província. A Sociedade Protetora dos Imigrantes é dissolvida e Hermann Blumenau organiza uma

sociedade particular com Ferdinand Hackradt sob a razão social “Blumenau & Hackradt”. A nova sociedade adquire terras de particulares nas imediações do ribeirão Garcia e a autorização do presidente da Província Ferreira de Britto para demarcar as terras e instalar a colônia.

Enquanto Ferdinand Hackradt fica na região para adquirir mais terras e fazer as construções iniciais para receber os imigrantes, Hermann Blumenau segue para Alemanha para aliciar colonos. Tarefa difícil, pois o Brasil estava com uma péssima imagem como país receptor de imigrantes após os cortes do orçamento destinados à colonização estrangeira em 1830, o que causou grandes prejuízos aos imigrantes já estabelecidos.

Em 2 de setembro de 1850, chegam na foz do ribeirão da Velha, afluente do rio Itajaí-Açú, os 17 primeiros imigrantes contratados por Hermann Blumenau. Ferdinand Hackradt afasta-se da sociedade, nestes primeiros anos, e o doutor Blumenau passa a ser o único proprietário da empresa, a qual contou com empréstimos do Governo Imperial no desenvolvimento inicial da colônia e para a aquisição de maquinaria. A idéia era trazer para a colônia quatro mil europeus nos próximos dez anos, construir a estrada entre a colônia e o porto de Itajaí e um caminho para a serra até encontrar a estrada que ligava São Paulo e Curitiba até a Província de São Pedro.

As dificuldades financeiras para cumprir as metas e a falta de apoio por parte da Província, presidida por João José Coutinho, que desprestigiava o fundador da colônia pela introdução de protestantes em Santa Catarina, levam Hermann Blumenau a entregar a colônia ao Governo Imperial no dia 13 de janeiro de 1860.

O Doutor Blumenau, como diretor da colônia, continua trabalhando para seu desenvolvimento. Nos anos seguintes, solicita ao Governo Imperial policiamento contra o ataque dos indígenas e parte para a Europa com o objetivo de aumentar o número de

imigrantes. Em 1867, a colônia participa da Exposição Mundial de Paris com amostras de produtos coloniais e manufaturados, e curiosidades da fauna e da flora. Recebe a medalha de ouro, prêmios em dinheiro e menções honrosas pela fundação e organização geral da colônia.

Nos próximos anos, Hermann Blumenau trabalha para a emancipação da colônia e sua elevação à Município, o que ocorreu em 20 de abril de 1880. A transferência da câmara eleita e todos os serviços e encargos para a colônia deveria ser feita em 1880, mas a grande enchente, ocorrida em setembro do mesmo ano, adiou sua instalação em três anos. Em 1822 a direção da colônia é dissolvida e seus respectivos funcionários auxiliares dispensados.

O Doutor Hermann Blumenau parte para Alemanha em 15 de agosto de 1884 e morre em 30 de outubro de 1899, em Braunschwieg, aos 79 anos.²⁰

O Guarda-roupa alemão conta a história de Blumenau

O romance de Lausimar Laus é uma ficção que se constrói através de um alicerce histórico-social: a imigração alemã na cidade de Blumenau. Vários são as representações dos eventos históricos referentes à imigração alemã nesta região que dão suporte a sua narrativa. Parte da história de Blumenau está representada a partir desses episódios que compõem o romance.

Os primeiros momentos da colonização são marcados pelo grande trabalho dos imigrantes que deviam desbravar e demarcar as terras, assim como construir os locais de

²⁰ KORMANN, Edith. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Florianópolis: Paralelo 27, 1994. p.13-28

habitação, desmatar e preparar o terreno para as plantações. Porém, parece ser o constante perigo representado pelos indígenas que habitavam aquela região o maior problema enfrentado pelos primeiros imigrantes. Pouco se conhece sobre os indígenas de Santa Catarina, pois nos relatórios dos Presidentes da Província, segundo José Deeke²¹, são limitadas as referências às tribos à que pertenciam, sendo designados apenas como “selvagens” ou “gentio”.²²

Os confrontos com os índios davam-se pela disputa de território e alimentos. Os indígenas entravam nas moradias dos imigrantes em busca de alimentos e outros objetos, quando surpreendidos atacavam com flecha, gerando pânico entre os moradores. Várias medidas foram tomadas para conter os ataques dos “bugres”. Eram contratados soldados e voluntários exclusivamente para lutarem contra os índios. Formaram a “Companhia de Pedestres” e os “Batedores do Mato”, mas eram chamados de “caçadores de bugres” ou “bugreiros”. A ordem era afugentar ou tentar pacificar os índios, sendo proibido matar. Esta ordem, no entanto, não era cumprida às riscas e, muitas vezes, os bugreiros punham-se à caça, procurando os índios nas florestas e aniquilando-os.²³ Salvavam-se algumas mulheres e crianças, estas últimas eram batizadas e entregues a famílias de conceito para criar.

As questões como a exploração das terras e os choques com os índios estão representados no romance de Lausimar Laus. Através das lembranças de Homig, a história dos primeiros anos dos imigrantes vai sendo construída. O velho Ziegel, seu avó, aparece como colonizador pioneiro que participa da demarcação da colônia. Enquanto sua avó índia, Sacramento, é vítima dos choques entre os colonos e índios. É o que Homig relata:

²¹ DEEKE, José. *O município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento*. Blumenau: Nova Letra, 1995. p. 218

²² Há também referências aos indígenas da região do Vale do Itajaí como xokleng, botocudos, kaigangs e coroados.

Mas quando contava (vô Ziegel), as mãos tinham o calor de um chefe de orquestra, para dizer o que fora Blumenau no seu tempo de moço. Tempo de construir, de demarcar. De lutar com os nhambiquaras²⁴. Os olhos azuis brilhando ao estender o fio telegráfico. Ao cavar a terra. Ao colher as batatas. O aipim. (...) Ela (vó Sacramento) contava sempre sua infância. Quando chegaram os colonos alemães, o “campo de flores”²⁵ do velho Ziegel fez a debandada dos índios. Era preciso começar a demarcar a colônia. Estender o telégrafo. As flechas voavam no ar. Os índios não entendiam aquela invasão. Lutavam até a última flechada. Os meninos índios, sem mães, eram acolhidos por uma missão de freiras francesas, lá nas

bandas de Nova Trento. A vó Sacramento fora criada por elas. Como era doce e terna a vó índia! (p. 4-5)

Assim como o índio, a figura do brasileiro mestiço ou negro é também representada no romance como etnias discriminadas pelos alemães. As questões a respeito desse tema, porém, serão exploradas no capítulo seguinte.

A figura do administrador da colônia é fundamental e muito respeitada entre os moradores da colônia. Creditam nele toda confiança e segurança como o homem responsável pela nação alemã fora de sua pátria. O fundador e administrador da colônia, Hermann Otto Blumenau, estabeleceu profunda relação de confiança e abrigo para com os imigrantes que havia trazido para o Vale do Itajaí. Participava ativamente das atividades comuns da colônia, cuidando pessoalmente, inclusive, dos ferimentos de um imigrante atacado por um índio.²⁶ Trabalhava constantemente para o desenvolvimento da colônia, mas sempre preservando a qualidade dos colonos. Protestou contra idéias de possível

²³ DEEKE, José. *O município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento*. Blumenau: Nova Letra, 1995. p. 218-22

²⁴ Referência que a autora faz aos índios daquela região. Sabe-se, no entanto, que os índios nhambiquaras eram habitantes de regiões do Brasil Central.

²⁵ Campo de flores é o significado da palavra “Blumenau” em Português, apesar do nome da cidade referir-se ao seu fundador Hermann Bruno Otto Blumenau.

²⁶ KORMANN, Edith. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Florianópolis: Paralelo 27, 1994. p.33

fundação de uma colônia nacional nas imediações da Freguesia de Gaspar, evitando a subdivisão da área a favor da qualidade dos imigrantes.²⁷ Viajava para a Corte e para a Europa em busca de novos recursos para a colônia, como mudas de plantas, livros e instruções sobre a agricultura e indústrias relacionadas com as necessidades da colônia. Nestas viagens, Hermann Wendeburg, secretário particular de Hermann Blumenau, substituí-a como administrador. Mesmo depois da colônia passar à competência do Governo Imperial, em janeiro de 1860, Dr. Blumenau permaneceu como diretor e Hermann Wendeburg foi nomeado para o cargo de guarda-livros.²⁸

A relação de respeito e proximidade entre os imigrantes e o administrador da Colônia está explicitada em *O guarda-roupa alemão*, principalmente na passagem em que Klaus Ziegel, apaixonado por uma índia, recebe a aprovação do administrador para realizar seu casamento. “Ele (Klaus Ziegel) a amara muito, antes, sem mesmo vê-la (...) Afinal, o bispo foi ouvido, o Administrador da Colônia e nada mais era preciso, porque os papéis de *Herr Ziegel* estavam todos em ordem.” (p. 7-8) Chegando em Blumenau, a idéia do casamento entre um alemão e uma índia não foi bem recebida pela comunidade e, principalmente, pelos pais de Klaus, Ethel e Ervin Ziegel. É a afirmação da identidade cultural alemã através do nacionalismo e do racismo, tema esse que, também, será explorado no capítulo seguinte. Para resolver o problema, foi preciso mais uma conversa com o administrador.

Houve concentração na Colônia. O Administrador era um homem de visão. Amava Blumenau, seu “Campo de Flores”, como sua pátria de nascimento.

²⁷ KORMANN, Edith. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Florianópolis: Paralelo 27, 199. p. 41

²⁸ DEEKE, José. *O município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento*. Blumenau: Nova Letra, 1995. p.61

“E então? As coisas jamais poderiam ser assim tão drásticas. Se o jovem Ziegel achara sua felicidade naquela menina índia que só falava francês e muito pouco o português, fora imposição da vida. Nem sempre se escolhe. A vida manda muito na gente. Que foi que empurrou o jovem Ziegel lá para as bandas de Nova Trento? A gente pode escolher alguma coisa. Fazer força e trabalhar por algum ideal. Mas se a vida não der licença, nada, ou pouco adianta.” (...) Os Ziegel não compreendiam e apesar de crer no Administrador da Colônia até a raiz dos cabelos, naquilo era certo, ele estava errado. *Frau* Ziegel era a *Mutter*²⁹ e estava acabado. (p. 9-10)

A índia Sacramento, que só falava francês, pois foi criada em um convento de freiras francesas, tem seu casamento com Klaus Ziegel aceito pela a autoridade máxima da colônia, o administrador. Porém, a ideologia da pureza racial é sobreposta a ideologia da maternidade (a mãe como mantenedora dos costumes e das tradições), e embora todos concordassem com o Administrador, nesse ponto discordaram dele.

Os transporte fluvial pelas margens do rio Itajaí Açu foi o único meio de comunicação durante muitos anos entre Blumenau, as outras províncias e o mundo. Desde o início, as regiões do Vale do Itajaí foram exploradas através das canoas e balsas. As grandes dificuldades desses transportes eram causadas pelas chuvas e enchentes, que muitas vezes os interrompiam por dias. A imagem dos canoeiros está registrada no romance de Lausimar Laus através de suas canções ouvidas, constantemente, pelos habitantes de Blumenau no amanhecer e anoitecer dos dias:

Lá fora o dia cantando. O arvoredo em volta cantando. O rio e seus pequenos barcos. Os homens frágeis soltando no ar sua primeira canção no amanhecer:
“Lá no mar tem vento
Deixa o vento e sai...
No cambá da vela,
Moreninha , oi, ai...” (p. 13)

Já era quase noitinha e nem parecia que ia chover. As nuvens se

²⁹Significa “mãe” em alemão.

acomodavam todas para o sul, como meninas brincando de roda. Até as saias delas sacudiam e vinha lá de longe a voz dos canoeiros:

“Abriste a tua janela
A luz bateu na estrada
Sempre foste e hás de ser
Minha firme namorada.(...)” (p. 21)

Apesar da constante preocupação de Hermann Blumenau com as vias de comunicação, até os primeiros anos da Colônia se elevar à município, a exportação da produção, o tráfego de passageiros e cargas entre uma localidade e outra era todo feito pelo rio, através de barcos de vela, canoas e botes. O primeiro barco motorizado a fazer viagens regulares no rio Itajaí Açu foi adquirido em 1872 por um morador da colônia. Porém, seus serviços ainda eram insatisfatórios para a travessia entre Blumenau e as outras regiões. Neste mesmo ano, já havia um projeto de estrada de rodagem de Indaial a Warnow, além da adiantada construção da estrada para Gaspar.³⁰ Em 1878, é fundada a Companhia de Navegação Fluvial a Vapor “Itajaí-Blumenau”, impulsionando significativamente o desenvolvimento econômico da Colônia. Foram adquiridos dois barcos a vapor, os quais receberam os nomes de “Progresso” e “Blumenau”. O segundo se faz presente em alguns acontecimentos narrados em *O Guarda-roupa alemão*, como na enchente de 1911 que assolou a região. O vaporzinho, como era chamado, auxilia no transporte das pessoas que deixam suas casas para se abrigarem em locais mais altos: “O transporte era feito em canoa e até o Blumenau andou transportando gente.” (p. 68) Ataliba e Zeca são os personagens do romance tripulantes do “Blumenau” e assim são referidos: “Quem vem lá, não é o Zeca do “Blumenau”?” (p. 49) Outras passagens descrevem o “Blumenau” de formas diferenciadas. Esta primeira ainda se dá na situação da enchente, a qual o tripulante do “Blumenau”

³⁰ SILVA, Zedair Perfeito da. *O Vale do Itajaí: documentário da vida rural*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura – Serviço de informação agrícola, 1954. p. 93-4

recomenda às pessoas que estão reunidas na casa de Dona Maria Clara a dirigirem-se para bordo do navio: “- (...) Bordo do Blumenau! *Vô!*³¹ Credo cruz! Só aquele cheiro de navio, mata a gente! Prefiro ficar boiando na tina de lavar roupa! Se seu Ataliba pensa que somos ratazanas iguais às que tem a bordo, engana-se.” A descrição seguinte, feita pelo narrador onisciente de forma explicativa, recebe um tom mais romântico, valorizando o conforto e a beleza natural que podiam ser apreciados nas viagens:

O Blumenau era também o vaporzinho que ia e vinha de Itajaí, fazendo a linha rotineira de todos os dias, levando e trazendo gente. Antigo e romântico navio, pequeno por fora e grande por dentro, com sua máquina movida a vapor. A sala-de-estar sempre com suas cortinas nas vigias e flores nas mesas, onde se tomava a boa cerveja do Kormann. Do convés se podiam ver os chorões às margens do Itajaí-Açu e os verdes de todos os tons misturados às silveiras floridas e os ipês amarelos. (p. 43)

O desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação contribuíram muito para a economia da região, aumentando a entrada de pessoas, informações, matéria-prima, comércio, enfim, intensificaram-se os recursos que colaboraram para que Blumenau logo se destacasse como próspero centro industrial. Com a construção de estradas de rodagem e a estrada de ferro (1910), aumentam os trechos de comunicação entre Blumenau e o mundo e “A cidade mudou. Os jardins também. Blumenau, o “Campo de Flores” do velho Ziegel, virou fumaça das Fábricas”. (p. 3)

Zedar P. da Silva divide em três períodos a história industrial da região. O período colonial, até 1880, compreendia as serrarias, engenhos de açúcar e aguardente, entre outros. É a fase de transformação de produtos agrários. O segundo período, entre 1880 a 1914, caracteriza-se pelo nascimento da indústria têxtil, metalúrgica, de cortume, etc. O terceiro

³¹ Interjeição de nojo na língua alemã

período é marcado pela consolidação e diversificação das indústrias e pela inauguração da usina hidro-elétrica “Salto” (1915). Com a deflagração da Primeira Guerra Mundial, abre-se um grande mercado consumidor no país.³²

As indústrias de tecelagem em Blumenau iniciaram com a instalação da pequena fábrica de meias dos irmãos Hering (1879) e logo após com a pequena tecelagem de Karsten & Handclich (1882).³³ *Frau Kunn*, em *O guarda-roupa alemão*, passeando pela manhã, observa a fumaça da primeira malharia de Blumenau:

Frau Kunn olhava o rio, o rio manso, onde os sargaços e as flores de aguapé viajavam, imitando as nuvens que iam para o sul. A volta do rio lá em baixo, a fumaça que se elevava da chaminé da fábrica de malhas Hering.
- Elas estarrão facende o máquina aquecerr. Este carracterrístique está bem claro no fumaça negro. (p. 110)

Com a industrialização, abrem-se novas perspectivas à vida econômica da Colônia, o que atrai novos moradores em busca de trabalho e de uma vida melhor. Em 1886, já estavam instaladas mais de cinquenta fábricas em Blumenau, empregando mais de quatrocentos operários.³⁴ Lausimar Laus registra em seu romance a abertura do mercado de trabalho blumenauense com a chegada das indústrias e o que isso representou para a população da região do Vale do Itajaí. A conversa de Dona Maria Clara com sua filha, vindas de Itajaí, deixa isso claro: “T’acomoda, hein? Eu gosto dos alemães. Eles trabalham e dão de ganhar aos brasileiros. Foi aqui que a gente veio ter. Foi aqui que tudo melhorou pra gente. Se não fossem eles, filha?”³⁵ (p. 115) E Homig conclui que a máquina

³² SILVA, Zedar Perfeito da. *O Vale do Itajaí: documentário da vida rural*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura – Serviço de informação agrícola, 1954. p. 103

³³ SILVA, J. Ferreira. *História de Blumenau*. Florianópolis: EDEME, 1972. p. 131

³⁴ KORMANN, Edith. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Florianópolis: Paralelo 27, 1994. p.51

³⁵ Essa citação também será trabalhada no capítulo seguinte, dialogando com o tema raça e nação.

transformou para sempre a vida de todos: “Haverá gente nova, meu caro, tu sabes muito bem, é como a cidade nova. A cidade nova é outro caminho. O homem aprendeu a linguagem da máquina. A gente já está muito no cerne para mudar”. (p. 4)

Duas grandes enchentes que atingiram Blumenau também fazem parte da história da cidade e estão presentes na ficção de Lausimar Laus. A primeira ocorreu em 1880 entre as noites de 22 para 23 de setembro. No romance, a enchente é referida através de um recorte do jornal “Kolonie Zeitung”, o qual era guardado por Sacramento, a vó índia de Homig. As informações foram extraídas da edição de 9 de outubro de 1880 do “Kolonie Zeitung” de Joinville e muitas frases são a transcrição exata da notícia. Até mesmo os nomes do padre e do pastor, os quais aparecem na edição real, a autora preservou. O vapor “Progresso” faz parte desta história.

Vó Sacramento guardara o recorte e mostrava para quem quisesse duvidar da catástrofe: “A colônia de Blumenau foi atingida por uma grande desgraça. Depois de muitas horas de chuva torrencial, as águas subiram repentinamente, que a maior parte dos atingidos mal pôde salvar a vida. (...) Muita gente perdeu a vida e os danos materiais foram incontáveis: edificações demolidas, plantações destruídas; casas inteirinhas carregadas. (...) O vapor “Progresso”, com o seu comandante e a tripulação foram incansáveis no transporte de pessoas do Garcia, da Vila e bairros próximos. Com o nascer do dia, as colinas das igrejas católicas e protestantes se encheram de gente. Socorridas pelo padre Jacobs e pelo pastor Sandrewski.(...) A medida que as águas baixavam, iam-se verificando e avaliando os prejuízos. (...) Onze foi o número dos desaparecidos.” (p.141-2)

O cuidado em trabalhar com textos jornalísticos, resulta em uma escrita que mistura registros histórico e ficcional. O primeiro jornal em Blumenau, o “Blumenauer Zeitung”, foi fundado em abril de 1883.

Com a enchente de 1911, a autora não usou a mesma técnica, mas de um grande senso de humor para contar a história de pessoas desesperadas, reunidas na casa de Dona

Maria Clara, cada um com seus medos e opiniões:

Passou o dia inteiro e a gente ficou ali como espírito. Nem comida, nem vontade de nada! Já eram seis horas da tarde e estávamos ainda a contemplar o lago em volta da casa, a água passando rápida na rua, e nada resolvido. Assim passou a tarde e à noite continuou a vigília. Lá pra meia noite, o Zé, que tinha ido até o Holetz, voltou contando o diabo: Todo mundo apavorado! Todo mundo pensando para onde ir! O inspetor do quartirão, seu Schmidt, já tinha dado a idéia aos mais atingidos, em ruas em que a água tinha entrado nas casas: ir para o morro das freiras! Era o único jeito. (p. 66)

Essa enchente, registrada nos livros sobre a história de Blumenau, é comparada à ocorrida em 1880, em danos causados à cidade. Em 2 de outubro de 1911 o rio Itajaí-Açu sobe 16,60 metros acima do normal e deixa Blumenau praticamente submersa. A cidade recebeu auxílios econômico, alimentício e medicamentos de todo o Estado, país e até do exterior.³⁶ A enchente, no romance, é vivida em seus detalhes: o momento de deixar a casa e ir abrigar-se no convento.

O toldo improvisado da canoa, feito de encerado, que o Zé trouxera do Blumenau, dava sinal de muita água batendo em cima. Dora chorava com pena de deixar o enxoval. Tinham encaixotado tudo e puseram também no sótão. Lá em cima parecia até um mafuá. Tudo o que coube e o que não coube ficou quase sobrando por cima dos balaies cobrindo as galinhas. Era aterrador. Deixar a casa, os móveis, tudo, as coisas queridas, fugindo como se foge da peste. Começou um choro alto (...) Antes de sair todos pediram forças à Nossa Senhora, para fechar bem os olhos a tudo. Não queriam pensar no amanhã. E haveria amanhã? (p. 68)

As histórias políticas do estado, do país e do mundo também compõem o cenário do romance de Lausimar Laus. Personalidades políticas importantes em diferentes épocas são mencionadas em *O guarda-roupa alemão* - Vitor Konder, Getúlio Vargas, Washington

³⁶ SILVA, J. Ferreira. *História de Blumenau*. Florianópolis: EDEME, 1972. p.192

Luis, Hercílio Luz - assim como os eventos históricos, tais como a Guerra do Paraguai, a revolução de 1930, a nacionalização imposta por Getúlio Vargas e a ascensão do nazismo.

Em uma reunião na casa de dona Maria Clara, com os conterrâneos de Itajaí que vieram para Blumenau em busca de melhores condições de vida, está Victor Konder, Ministro do Estado da Viação e Obras Públicas de 1926 à 1930. “Naquela noite estava reunida a colônia Itajaiense, inclusive um ilustre jovem que mais tarde viera ser Ministro da República. O dr. Vitor Konder. Solteiro, bonitão e muito requestado pelas moças”. (p. 35) Em 1928, Dr. Victor Konder foi homenageado em Blumenau com um busto em uma praça pública que leva o seu nome. Dois anos depois, o busto é arrancado do pedestal e jogado no rio por populares na ocasião da Revolução, impulsionada por Vargas e eclodida no país em 1930.³⁷

Os acontecimentos políticos anteriores a esta data são determinantes para o desenvolvimento de Blumenau até 1940. O período entre a Primeira (1914-1918) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) é de grande efervescência política e cultural em todo o país. Blumenau sofre, em grande escala, as consequências desse movimento político nacional, já que a Alemanha participa ativamente das duas Grandes Guerras em posições adversas do Brasil.

Em 1915, Paulo Zimmermann assume a administração municipal de Blumenau e, sendo reeleito em 1919, fica no cargo até 1923. Seu período administrativo compreende a Primeira Guerra Mundial e enfrenta as dificuldades econômicas e políticas desse período, as quais agravam-se com a decretação do estado de guerra entre o Brasil e a Alemanha. As escolas particulares que não ensinavam em português foram fechadas e através de medidas

³⁷ KORMANN, Edith. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Florianópolis: Paralelo 27, 1994. p.127

energéticas o ensino público teve que ser ministrado somente em português. Os dois jornais blumenauenses, “Blumenauer zeitung” e “Der Urwaldsbote”, passaram a circular em português. Curt Hering assume o cargo da superintendência municipal no período de 1923 à 1930.³⁸ Lula, em *O guarda-roupa alemão*, é uma das professoras contratadas pelo governo para ensinar a língua portuguesa em Blumenau. “Lembra-te *Kleid*³⁹, a moça de Itajaí que viera para ser professora Pública? Aquela morena bonita?” (p. 33)

A partir da década de 30 a agitação política toma conta de todo o país. A sucessão de Washington Luis, em 1926, à presidência da República já movimentava grupos partidários de oposição, mas é o lançamento de Júlio Prestes à sua sucessão o fato que gera grandes inconformismos políticos e militares. Cria-se a Aliança Nacional Liberal e Getúlio Vargas é lançado candidato à presidência da república. Júlio Prestes vence as eleições, mas o movimento revolucionário de 1930 o impede de assumir a presidência. Em 5 de outubro, o presidente Washington Luis decreta estado de sítio em todo o país até 31 de dezembro. Em 24 de outubro do mesmo ano, os militares depuseram o presidente da república e uma junta militar assume o poder até o fim de novembro de 1930, quando Getúlio Vargas, então, toma posse provisória da presidência do Brasil. Este cenário conturbado de posições políticas contraditórias se faz presente em “*O guarda-roupa alemão*”. Dona Maria Clara em uma severa conversa sobre política com sua filha Dora, a qual é favorável à posição getulista, expõe a dificuldade da época em defender alguma corrente política:

(...) Vê se te cuida, que ainda te meto uns tapas. M’admiras tu. Toma o exemplo do teu pai, embusteira. Deixa de embusteirices. Direitinho como teu pai, que vivia sonhando com Getúlio e com a “Aliança Liberal Libertadora”, até que morreu esperando pelo Brasil redimido. Politiqueie nunca deu

³⁸ SILVA, J. Ferreira. *História de Blumenau*. Florianópolis: EDEME, 1972. p.194-8

³⁹ Kleid é a abreviação de Kleiderschrank, guarda-roupa em alemão.

camisa a ninguém. Eu bem que avisava a ele. Não me ouviu... Estava tão bem na usina, vivia falando em Getúlio, Getúlio prá lá, Getúlio prá cá, no trabalho, na rua, na venda do Chico, até que seu Nilo, que era Washington Luis até debaixo d'água, botou ele no olho da rua. E nós? (p. 114)

As associações culturais que garantiram a integração e a organização social dos imigrantes alemães recém chegados no Brasil foram decisivas para o fortalecimento do chamado *Deutschtum* ou *Volksgemeinschaft*.⁴⁰ Eram escolas comunitárias, sociedades de cantores (*gesangverein*), grupos teatrais (*Liebhabertheater*), sociedade de atiradores (*Schützengesellschaft*), associação de ginástica e o *Kultur Verein*, uma sociedade para orientar os colonos na prática da agricultura e pecuária. Lausimar Laus cita algumas destas associações em seu romance. Cidinha conversando com Lula cita uma festa na sociedade dos atiradores: “-Lula, ontem à noite quando saí com o pessoal do Schmidt para a festa dos Atiradores, vi uma coisa, já madrugada, quando eles me vieram trazer em casa”. (56) Homig, lembrando-se de Hilda, faz referência à associação de ginástica: “Eu era um guri pequeno, mas como lhe perscrutava os olhos, as pernas bem feitas, o corpo esguio. Ia para as aulas de ginástica, tomava banho no rio” (...) (p. 119)

Em 1917, com a suspensão das relações entre o Brasil e a Alemanha, muitas destas sociedades recreativas, desportivas e culturais foram fechadas ou obrigadas a trocar os nomes por designações em português. É o caso da sociedade musical *Frohsinn* citada em *O guarda-roupa alemão*. Esta sociedade foi fundada em 1863, como um grupo paralelo às Sociedades de Canto e de Atiradores já existentes.⁴¹

⁴⁰ Segundo Arthur Blasio Rambo (1994:44), é o elo de ligação entre um povo e sua nação. Uma comunidade de interesses, cultura, raça e língua comuns, referenciando a consciência nacional alemã.

⁴¹ KORMANN, Edith. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Florianópolis: Paralelo 27, 1994. p.40

A sociedade teatral dava, naquela noite, o seu concerto. Antes ela se chamava “*Frohsinn*” que se fundiu com o Clube Musical anteriormente chamado “*Liederkrans*” e que depois passou a ser *Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes*, assim que chegou a nacionalização. (p. 93) ⁴²

Inicia-se uma política assimilacionista com o início da República (1889), apesar de, nesse mesmo período, o acesso dos colonos à naturalização tornar-se facilitado e, conseqüentemente, os direitos de cidadania também. São medidas tomadas a fim de atrair mais imigrantes para as colônias, já que o agenciamento tornou-se um bom negócio para muitas partes, além da idéia de caldeamento racial, para um futuro branqueamento fenótipo da população, defendida na época. As principais colônias, nessa época, já haviam se emancipado politicamente devido ao crescimento urbano e econômico. A falta de preocupação do Império com a integração dos imigrantes, classificando-os como estrangeiros, inclusive os nascidos no Brasil, permite a formação de uma minoria nacional. Por isso, os direitos civis, entre outros, o acesso a cargos públicos e ao direito de voto estão vinculados a uma brasilidade cuja maioria dos imigrantes não possuía. Enfim, nesse período de posições contraditórias por parte das elites brasileiras, iniciam-se os conflitos entre brasileiros e alemães, e as especulações sobre o “perigo alemão”. ⁴³

A Alemanha, com sua recente unificação experimenta a idéia de um Estado nacional único, defendendo a união de todos os alemães espalhados pelo mundo através da *Aldeutsche Verband* (Liga Pan-germânica). Segundo Seyferth, há a defesa de um ideal de superioridade germânica em relação aos brasileiros, exaltado pela contribuição econômica e cultural dos imigrantes ao Brasil, assim como o pertencimento à nação alemã.

⁴² Esta citação será retomada no próximo capítulo cujo tema desenvolvido é cultura e identidade cultural.

⁴³ SEYFERTH, Giralda. A colonização Alemã no Brasil. In: *Fazer a América*. Boris Fausto (org.). 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p.298-300

A agitação política em Blumenau, assim como nas principais colônias de imigração alemã, inicia-se com a consolidação do regime republicano (1889), estende-se até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), passando pelo estabelecimento da ditadura no Brasil (1930-1947), agravando-se com a campanha nacionalista imposta por Getúlio Vargas, com a ascensão do nazismo e a deflagração da Segunda Guerra (1939). Vários acontecimentos políticos que envolveram a cidade de Blumenau, nesse período, fazem parte do cenário histórico de *O guarda-roupa alemão*. As referências à Guerra do Paraguai (1864), à revolução federalista de (1893) e ao governo de Hercílio Luz (1894-1926), constroem o primeiro quadro das conturbações políticas vividas em Blumenau. Todos esses eventos são lembrados por Homig em uma sequência única de reminiscências:

Lembra-se de sua avó Sacramento e da *Grossmutter* contando o que foi a Guerra do Paraguai. Seu avô Ziegel e os outros alemães da Colônia marcharam com os brasileiros para guerrear pelo Brasil. As mulheres alemãs bordaram a bandeira, `a moda daquela que fez parte da guerra contra o despotismo e pela democracia na Baviera, para ir na frente do grupo. Isso está na história, não é Kleid? E na revolta de 93? A alemoada tomou posição ombro a ombro ao lado dos brasileiros “pica-paus” ou “maragatos”. Eles desceram do Rio Grande do Sul e seguiram pelo Estado de Santa Catarina adentro. Os legalistas vieram no navio de guerra, o Aquidabã, entraram na barra de Itajaí, matando gente como bicho. (...) Se não me engano, a vó falava no governo Hercílio Luz e muitas outras coisas idas e acontecidas com o padre Jacob. O coitado foi um dos que sofreram o diabo. (p. 159)

Homig lembrando-se da Guerra do Paraguai, se refere ao grupo do Batalhão de Voluntários da Pátria, formado em Blumenau por 67 colonos e 8 oficiais em 1865. Com o objetivo de lutar pela soberania do Império brasileiro e contra a independência do Paraguai, o grupo voluntariado foi incentivado para o alistamento por promessas do governo de um

lote de colônia. As promessas não foram cumpridas posteriormente.⁴⁴ A bandeira citada na ficção, bordada pelas mulheres alemãs, fez, na realidade, parte da cerimônia de despedida da tropa voluntária em Blumenau. Enfeitada por algumas senhoras da colônia com fitas vermelhas, brancas e amarelas, cores usadas pelos democratas alemães de 1848 como símbolo do seu movimento revolucionário, a bandeira nacional carregava a inscrição: “Colônia Blumenau, cinco d’outubro 1865”, data de partida da primeira divisão desse grupo de voluntários.⁴⁵

A revolta de 1893 tem como cenário político nacional a insatisfação em torno de Marechal Deodoro da Fonseca, primeiro presidente provisório da Nação. Este, após dissolver o Congresso Nacional em 3 de novembro de 1891, acaba renunciando uma semana depois, entrando em seu lugar o vice-presidente Floriano Peixoto. Radicalizam-se os ânimos a partir da Revolução Federalista, iniciada em 2 de fevereiro de 1893 no Rio Grande do Sul. Em 1894, a revolução é reprimida com a vitória dos republicanos.

O cenário político catarinense tem como governador do Estado Lauro Müller, o qual, pela sua solidariedade ao ato de dissolução do Congresso Nacional, perde o apoio de Floriano Peixoto, devendo renunciar. De outra parte, a renúncia se fizera sob uma pressão popular de inspiração federalista. Passam, portanto, ao comando do Estado de Santa Catarina os antigos liberais, apesar de não serem da confiança do presidente Floriano Peixoto. Esta situação anômala é combatida no Estado pela resistência liderada por Hercílio Luz, através do batalhão "Lauro Müller". O batalhão de republicanos de Blumenau partiu em 27 de dezembro de 1891, com cerca de 100 homens. Nesse ínterim, Lauro Müller

⁴⁴ DEEKE, José. *O município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento*. Blumenau: Nova Letra, 1995. p.63-4

⁴⁵ KORMANN, Edith. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Florianópolis: Paralelo 27, 1994. p.43

permaneceu no Rio de Janeiro, onde trabalhou como deputado federal, apaziguando suas relações com o Marechal Floriano Peixoto.

O quadro político em Blumenau é tenso no ano de 1893, ano eleitoral e que desencadeou vários desentendimentos entre federalistas e republicanos. O quadro político nacional também era confuso. Os federalistas do Rio Grande do Sul ameaçavam invadir Santa Catarina. Enquanto isso, Hercílio Luz e Bonifácio da Cunha trabalhavam em Blumenau na ação de aliciar voluntários republicanos e armá-los. O mesmo fazia Paula Ramos com os municípios vizinhos. Formaram, assim, o “Batalhão de Cívicos” para defender as fronteiras do sul do Estado. Integrado por 130 colonos, o batalhão deixa Blumenau no dia 24 de julho em direção à capital do Estado, onde lutaram pela tomada do Palácio do Governo e pela posse de Hercílio Luz.⁴⁶

Enquanto isso, a Revolução no Rio Grande do Sul agravava-se e a tropa dos maragatos, que vinha de Lages e Curitiba, atravessou Blumenau e seguiu para Itajaí, deixando os moradores da Colônia apreensivos. A tomada de Itajaí pelos federalistas, como eram chamados os revolucionários, causou grandes danos à cidade, deixando alguns mortos. A única referência ao navio Aquidobã, citado no romance, está no relato de José Deecke: “O encouraçado “Aquidoban” forçou, na noite de 30 de novembro, acompanhado do pequeno vapor “Esperança”, a saída do Rio de Janeiro, apesar de ela estar guarnecida com canhões e torpedos, e trouxe o almirante Custódio de Mello para Santa Catarina(...)”.⁴⁷

Quanto ao padre Jacobs mencionado no romance, este foi fundador de uma seção do Partido Católico em Blumenau, do qual fez uso para uma campanha contrária aos

⁴⁶ KORMANN, Edith. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Florianópolis: Paralelo 27, 1994. p.74-7

republicanos. Perseguido e processado, padre Jacobs é condenado a três meses de prisão.

A ordem em Santa Catarina começa a se estabelecer desde a tomada de Desterro, capital provisória do Estado. Em 1894, Hercílio Pedro da Luz é eleito governador do Estado e a vila de Blumenau é elevada à categoria de cidade.

As perseguições dos nacionalistas aos imigrantes alemães, são bastante exploradas no romance de Lausimar Laus. Essas perseguições iniciaram, como foi mencionado anteriormente, no período entre a instauração da República e a Primeira Guerra. Houve um espaço de tempo, no qual os conflitos apaziguaram-se, e das primeiras medidas nacionalistas tomadas, como o fechamento ou mudança de nomes das associações culturais, circulação dos jornais em português, apenas o reconhecimento da necessidade do ensino em língua portuguesa foi mantido. *Frau Kunn*, em *O guarda-roupa alemão*, lembra a dificuldade do aprendizado da língua portuguesa, a qual retoma em lentos exercícios na época da nacionalização getulista:

Frau Kunn ia falando sozinha, num tom baixo e triste, misturado ao alegre, como uma ginástica, para não deixar de pensar em português. Ela e suas amigas, é verdade, tinham sido alunas da escola da moça brasileira, Lula, que veio de Itajaí inaugurar a primeira escola pública nacional, onde só se aprendia o português, tudo em português mesmo. Por isso foi que desde 1925 ela já arranhava um pouco com a língua que achava mais difícil do mundo. Muitas moças acabavam desistindo da escola e nem sequer aprenderam a formar palavras. (p. 111)

No final da década de 1920, a ideologia nazista começa atuar entre as colônias de imigração alemã, como uma sucessão do pan-germanismo, objetivando a “regermanização” da população de origem alemã. O partido nazista influenciou uma parte dos teuto-

⁴⁷ DEEKE, José. *O município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento*. Blumenau: Nova Letra, 1995. p.178

brasileiros e atuou em algumas cidades através de diretórios e instituições partidárias similares às que atuavam na Alemanha. Algumas escolas foram fonte de propaganda nazista, onde trabalharam professores identificados como *Volksgenossen*, ou seja, alemães leais ao Estado nacional-socialista.⁴⁸ *O guarda-roupa alemão* conta esta história:

Foi exatamente quando a coisa começou a esquentar. Começaram a aumentar o número das escolas que pregavam a nova Alemanha. Vó Sacramento contava que já durante a primeira guerra mundial se acirravam os ânimos entre os nacionais e os alemães. Anos depois da guerra, chegaram ao clímax os antagonismos políticos e sociais que tomavam vulto na história brasileira. As reações foram grandes e os velhos alemães radicais não se conformavam com a derrota de sua grande Alemanha. Então começaram a surgir as principais doutrinas do Nazismo e o aparecimento da 5ª. coluna. Exatamente nesse meio tempo, surge Getúlio Vargas com o “Estado Novo”, subindo ao Poder em 1930. (...) começaram a funcionar as 2.500 escolas alemãs que tinham sido fechadas, temporariamente, depois da primeira guerra. E com que força! Eram ligas escolares urbanas debaixo da égide da *Organização de Professores Nacional-Socialistas*, ligada à *Organização Estrangeira da NSDAP na Alemanha Nazista*. Só poderiam funcionar, nas escolas, de 1933 em diante, os professores treinados na ideologia nazista e aprovados pela *NSDAP*. (p.149)

A campanha nacionalista do Estado Novo não tinha como único objetivo nacionalizar as colônias estrangeiras, mas a propaganda nazista traz à tona toda fúria do sistema ditatorial, que acaba agindo nas colônias alemãs através de atos de repressão, causando uma experiência traumática para a população teuto-brasileira desta época. A eclosão da Segunda Guerra Mundial fortalece as ações de violência contra as populações de origem alemã.

Vários são os episódios construídos no texto de Lausimar Laus que retomam esta temática: A invasão do hotel do velho Weber, a surra em Bube, um negro que trabalhava

⁴⁸ SEYFERTH, Giralda. A colonização Alemã no Brasil. In: *Fazer a América*. Boris Fausto (org.). 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 306

para uma família de imigrantes e só falava alemão, as senhoras com medo dos soldados brasileiros, em suas próprias casas, quando faziam doces para a festa religiosa, tentavam se comunicar só em português e o ataque à *Frau Kunn*. A autora não deixou de usar o senso de humor em algumas dessas cenas, caricaturando o biótipo germânico em contraposição a autoridade militar. A invasão do Hotel:

Um oficial baiano, por aqueles dias, fora ao hotel do velho Weber a paisana: -Por favor me vê um quarto aí. O alemão da portaria mudando o vaso de flores de um lado para outro e endireitando os livros do hotel, não se fixara no recém chegado e continuava sua arrumação da mesa. O homem gritou: -Será que você não ouviu? Eu quero um quarto para dormir. O alemão, cinquenta anos de Brasil, baixo, gordinho, careca, de olhos azuis penetrantes, bigode à moda de Hitler, resolveu acabar com a gritaria (...) – *Aba, ich exprecht nicht brasilianis*. (Mas eu não falo brasileiro.) Aí a coisa piorou. O oficial a paisano vibrou pra cima do alemão e já aquela infinidade de soldados investia contra o hotel. Em pouco tempo tudo estava desmantelado. (p. 94-5)

A cena segue com a chegada de um juiz de Direito pernambucano, morador de Blumenau, que tenta acalmar os ânimos dos soldados. Em defesa do povo blumenauense coloca seu ponto de vista e acaba preso:

- Bom, já vi que o senhor não entende nada. Não vale a pena gastar meu latim à toa. Digo e repito minha tese: o presidente Getúlio devia mais era criar muitas escolas nacionais e dar tempo para que a nacionalização viesse normalmente, e não dar ordens a soldados armados para espancar, destruir, arrasar o que está feito, em benefício mesmo da sociedade brasileira.
– Ah, O seu juiz quer dar lições ao presidente Getúlio? Pois bem. O senhor vá para sua casa. Esteja preso até segunda ordem. Nem o senhor, nem ninguém da sua família pode sair de casa, está ouvindo? (p.98)

O fim da Segunda Guerra Mundial e da violenta campanha de nacionalização

marcam o início de uma novo contexto na história de Blumenau. Ao contrário do que aconteceu nos primeiros anos do século XX, com o final da Primeira Guerra, as restrições impostas pelo Estado Novo são mantidas e muitas instituições e associações culturais, assim como jornais e escolas, não são retomadas. Apesar disso, as marcas etnocêntricas, de uma origem comum ainda se fazem presentes nessa comunidade.

O guarda-roupa alemão traça a trajetória histórica da imigração alemã nesta região, assim como as construções social, política e econômica da cidade de Blumenau.

Condição de sujeito migrante

Pensar no migrante é acionar um pensamento paradoxal sobre sua presença ausente, própria de sua condição. Presença física e ausência social no país de destino, ausência física e presença social no país de origem. A dualidade já se estabelece etimologicamente, a partir do momento em que este sujeito é migrante “aqui” e emigrante “lá”, duas condições diversas que são, concomitantemente, provisórias e permanentes.

Abdelmalek Sayad trabalha com a imigração como um “fato social total”, pois envolve as sociedades em seu sentido diacrônico e sincrônico, ou seja, suas dimensões históricas e suas estruturas de funcionamento. Este fato, porém, só se concretiza a partir do momento em que o sujeito atravessa as fronteiras do país de destino e pisa em seu território. “O migrante nasce nesse dia para a sociedade que assim o designa. Dessa forma, ela se arvora o direito de desconhecer tudo o que antecede esse momento e esse nascimento”. O conhecimento se estabelecerá a partir da necessidade, “entende-se apenas o que se precisa

entender”⁴⁹.

A imigração tem em sua base a “ilusão coletiva”, tanto por parte do sujeito imigrante, quanto da comunidade de origem, assim como da sociedade de imigração. Essas relações ilusórias são compartilhadas pelas distintas partes e envolvem os estados de provisoriedade e permanência. A comunidade de origem considera a ausência do emigrante um abandono provisório e, portanto seu retorno uma possibilidade. A sociedade de imigração reconhece a presença do imigrante, mas o instala provisoriamente como estrangeiro, negando-lhe os direitos de uma presença permanente, por mais duradoura que esta seja.⁵⁰ E por fim, o imigrante vive esta tensão entre o provisório e o permanente, construindo sua existência na alteridade do “lugar-nenhum”, ou do “entre-lugar”. Suas ilusões, portanto são indispensáveis para suportar sua condição de imigrante.

Este “lugar-nenhum” se estabelece à medida que o imigrante não é mais “sujeito original”, o qual a sua comunidade de origem espera, assim como esta, também, se transformou e não é mais o mesmo lugar que o imigrante deixou. A falta de identificação e correspondência entre essas partes constrói o “lugar-nenhum” do sujeito imigrante, pois a comunidade imigrante, também, será sempre, o “lugar do outro”. Sayad complementa:

(...) não se emigra (não se cortam laços com seu universo social, econômico, cultural, habitual) e não se imigra (não se agrega, mesmo que marginal e muito superficialmente, a outro sistema social) impunemente (sem conseqüências), produz-se, entre os imigrantes, uma inevitável reconversão de suas atitudes em relação a si mesmos, em relação à seu país e em relação à sociedade na qual eles vivem cada vez por mais tempo e de forma mais contínua (...)⁵¹

⁴⁹ SAYAD, Abdelmalek. *A imigração (ou os paradoxos da alteridade)*, São Paulo: EDUSP, 1998. p.16

⁵⁰ SAYAD, Abdelmalek. *A imigração (ou os paradoxos da alteridade)*, São Paulo: EDUSP, 1998. p. 46

⁵¹ SAYAD, Abdelmalek. *A imigração (ou os paradoxos da alteridade)*, São Paulo: EDUSP, 1998. p.65

A imigração duradoura causa esse tipo de estranhamento, principalmente em situações como as vividas pelos imigrantes alemães na época da nacionalização. Quanto mais a imigração perpetua-se, mais distante o sujeito fica da sua pátria e menos vantajoso para o país de recepção ele se torna, pois ultrapassa seus limites de imigrante e começa a reivindicar os direitos de uma existência plena. É esse o momento da escolha entre “o ficar” e “o voltar”, momento este irrevogável no processo migratório, quando as ilusões que constituem sua condição devem ser destruídas.

A contradição, elemento imanente à condição do imigrante, está refletida em diversas dimensões da sua existência, seja ela espacial, cultural, lingüística ou sociológica. Alemanha e América, germânico e latino, línguas alemã e portuguesa, povos alemão e brasileiro (e outros povos) são alguns dos dualismos vividos pelos imigrantes alemães vindos para o Brasil entre os séculos XIX e XX. Valburga Huber trabalha com esses dualismos convergindo-os para um mais abrangente: esperança e saudade. A literatura produzida pelos imigrantes alemães, segundo estudo do autor, é carregada desse sentimento ambivalente e se encerra na temática da emigração como fato objetivo e realidade subjetiva.⁵² A própria designação “teuto-alemão”, atribuída aos povos de língua alemã e seus descendentes estabelecidos no Brasil, converge para uma condição de ambivalência cultural e, conseqüentemente, emocional.

O trabalho na terra, no comércio ou nas fábricas está constantemente presente na literatura teuto-brasileira, pois é ele o princípio gerador da emigração. O sujeito que emigra desloca-se em busca de melhores condições de vida proporcionadas pelo trabalho.

A condição de sujeito imigrante inicia-se, assim, a partir da sua força de trabalho.

⁵² HUBER, Valburga. *Saudade e esperança: o dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*. Blumenau: FURB, 1993. p. 25.

Como afirma Sayad, “importam-se exclusivamente trabalhadores, mas nunca cidadãos atuais ou futuros”⁵³. Essa condição determina-se na alteridade das contradições, pois se constrói através de constantes articulações culturais e identitárias, na qual o imigrante repensa e negocia sua cultura de origem frente a outras distintas. Esse processo de “reaculturação”, se assim pode-se denominar, envolve questões a respeito de cultura e de identidade cultural, questões estas que serão desenvolvidas nos próximos capítulos.

CAPÍTULO III

CULTURA E IDENTIDADE CULTURAL: UMA LEITURA DE *O GUARDA-ROUPA ALEMÃO*

A atividade negadora é, de fato, a intervenção do “além” que estabelece uma fronteira: uma ponte onde o “fazer-se presente” começa porque capta algo do espírito de distanciamento que acompanha a re-colocação do lar e do mundo - o estranhamento (*unhomeliness*) – que é a condição das iniciações extraterritoriais e interculturais.

Homi k. Bhabha⁵⁴

A chegada dos bisavós de Homig em Blumenau, por volta de 1850, é o ponto inicial de uma transformação cultural, já que estes imigrantes trazem, junto com as bagagens, um sistema de referências e de representações simbólicas. O que acontece com esses sistemas quando deslocados geograficamente? Que posição de sujeito tomam esses imigrantes,

⁵³ SAYAD, Abdelmalek. *A imigração (ou os paradoxos da alteridade)*, São Paulo: EDUSP, 1998. p. 66

portadores de uma identidade cultural já definida, quando em contato com outras identidades diversas? Para o desenvolvimento dessas questões, é preciso, primeiramente, conceituar cultura e identidade cultural, a partir dos quais outros conceitos serão estabelecidos, tais como diferença, representação, raça e nação. A partir dessas abordagens busca-se determinar o descentramento dos sistemas culturais estabelecidos além das fronteiras como o movimento para a formação de uma nova cultura.

Cultura

Considerando cultura na sua acepção mais abrangente, Raymond Williams discute as variações históricas desse conceito, a partir do movimento histórico de outros dois conceitos relacionados, sociedade e economia. Pare ele, os três termos estão atados entre si e afetam-se mutuamente a partir das transformações históricas de cada um, as quais, por sua vez, não ocorreram nem no mesmo ritmo, nem no mesmo período. Williams afirma:

“Sociedade” era companheirismo, associação, “realização comum”, antes de se tornar a descrição de um sistema ou ordem geral. “Economia” era a administração de uma casa e depois a administração de uma comunidade, antes de tornar-se a descrição de um determinado sistema de produção, distribuição e troca. “Cultura” antes dessas transições, era o crescimento e o cuidado de colheitas e animais, e por extensão, o crescimento e o cuidado das faculdades humanas.⁵⁵

⁵⁴ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p.29

⁵⁵ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 17-8

Esse entendimento objetivo de cultura está presente até o século XVIII, enquanto “sociedade” e “economia” já vinham sofrendo modificações decisivas no final do século XVI. Porém, é a nova palavra “civilização” que transfere um sentido mais subjetivo ao conceito de cultura. Pois ampliou a já existente noção de “civilizar”, conhecida para designar um Estado realizado em oposição à “barbárie”, para um *Estado realizado de desenvolvimento*, significando processo histórico e progresso. Abre-se a perspectiva evolutiva da História Universal, antes “intemporal”, dependente de pressupostos religiosos e metafísicos.

Cultura e civilização, até o Romantismo (séculos XVIII e XIX), foram termos intercambiáveis, abrangentes de duplo sentido, o anterior (estado realizado) e o novo (estado realizado de desenvolvimento). Foi a partir dos ataques à civilização, como um conceito superficial e externo às necessidades humanas, que cultura recebe novo impulso em oposição à civilização e sociedade. Inclui em seu sentido um caráter mais íntimo como arte, religião, família e vida pessoal. Cultura, associada à vida interior, diminui sua ênfase na religião, passando a conceber uma metafísica da subjetividade e do processo imaginativo. Cultura agora é arte e literatura.

O rápido desenvolvimento da sociedade industrial pressionou, também, a queda do antigo sentido de civilização como estado realizado. A nova ordem política e social, gerada do materialismo, comercialismo, democracia e socialismo, não se identifica mais com cultura e civilização, os quais expressavam “estados vindo do passado” e não “processos em evolução”. Ao contrário do Iluminismo, o movimento romântico não acredita no universalismo externo, motivado por ordens e conceitos sociais que partem de estados religiosos e pressupostos metafísicos. A nova ordem diz respeito ao processo social fundamental que distingue os modos de vida específicos. Há, então, a necessidade de se

falar em culturas distintas. Raymond Williams destaca a complexidade do conceito de cultura:

Tornou-se um nome do processo “íntimo”, especializado em suas supostas agências de “vida intelectual” e “nas artes”. Tornou-se também um nome de processo geral, especializado em suas supostas configurações de “modos de vida totais”. Teve um papel crucial em definições de “artes” e “humanidades”, a partir do primeiro sentido. Desempenhou papel igualmente importante nas definições das “Ciências Humanas” e “Ciências Sociais”, no segundo sentido. Cada tendência se inclina a negar o uso do conceito à outra, a pesar de muitas tentativas de reconciliação.⁵⁶

Essa complexidade representa uma grande dificuldade para a teoria marxista, pois cultura como um processo constitutivo, criador de modos de vida, não pode ser pensada sem a ênfase no processo social material. Segundo Raymond Williams, a separação entre cultura e vida social material é a principal divergência dessa perspectiva idealista em relação à materialista. Enquanto a primeira tem sua ênfase no espírito formador, elemento este que revela os valores e interesses essenciais de um povo, a segunda tem sua ênfase em uma ordem social global, a qual é analisada a partir de suas manifestações culturais. A inclusão do materialismo na história da civilização é o grande avanço do pensamento social moderno para Williams, já que o sujeito começa a interagir com sua própria história, a qual até então era “toda uma história das religiões e Estados”. Possibilita-se a superação da dicotômica relação entre sociedade e natureza, aproximando as relações entre sociedade e economia.

Uma nova concepção de cultura forma-se a partir da segunda metade do século XX. Ela parte de elementos da posição materialista quando valoriza a “prática cultural” e a

“produção cultural”, não apenas como produtos de uma ordem social diversamente constituída, mas como parte significativa de sua constituição. Abrange, também, alguma posição idealista quando enfatiza práticas culturais como constitutivas, porém substitui o “espírito formador” por um “sistema de significações”, através do qual uma ordem social se estabelece.⁵⁷ Assim, cultura nesta concepção contemporânea proposta por Raymond Williams converge para um modo de vida globalizado, o qual envolve todas as formas de atividades sociais, assim como as artísticas e intelectuais, num “sistema de significações”.

É nesse sistema de significações que está presente todo o modo de vida alemão trazido pelos colonizadores de Blumenau. O romance de Lausimar Laus articula constantemente as representações formadoras do sistema cultural alemão. São as descrições do modo de vestir, dos tipos de comida, de como lidam com o trabalho e com as organizações da sociedade, e, também, as referências à literatura e à música, com a quais se relacionavam. As artes, no entanto, vêm marcadas pelo tempo, na representação ideológica de determinada época, assim como pelo espaço, na determinação de específicas classes receptoras das obras.

Homig, refletindo sobre o modo como lida com a vida, percebe que a arte, trazida, contemplada e vivida por seus bisavós, exerceu grande influência na formação da sua sensibilidade. Lembrando seu bisavô Erwin Ziegel:

Sua cítara gemendo nas noites de lua. Seu amor à sua pátria distante. A velha cultura européia no cerne de sua alma. Sempre tocando Beethoven ao luar. Chopin, Haydn e Brahms. Fazendo misérias com sua cítara em arranjos de coisas que só seriam próprias para piano. Mas se não tocava piano, por que não recordá-las na cítara mesmo? (p. 27)

⁵⁶ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p.23

⁵⁷ WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 12-3

A arte aparece como mantenedora das referências simbólicas de um sistema que é determinado, também, por uma ordem econômica, pois se pode questionar sobre quem eram os alemães que tinham acesso às obras de Beethoven e Goethe, por exemplo. A abordagem sócio-econômica dos sistemas representativos é mais um determinante nas relações de poder existentes no interior de cada cultura.

O conceito de cultura proposto por J.B. Thompson diverge da noção de Williams quando valoriza a interferência das lutas e dos confrontos entre modos de vida antagônicos. Para ele, a cultura exprime tanto um caráter simbólico dos fenômenos culturais quanto um caráter social, já que esses fenômenos estão sempre inseridos em um contexto social estruturado. Define, então, a análise cultural como:

O estudo das formas simbólicas- isto é, ações, objetos e expressões significativas de vários tipos- em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas.⁵⁸

O caráter simbólico, utilizado no conceito de Thompson, está baseado na abordagem interpretativa de Geertz a respeito da cultura, a qual tem sua preocupação maior com as questões do significado, simbolismo e interpretação. A cultura nesta concepção antropológica é “o padrão de significados incorporados nas formas simbólicas em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si, partilham suas experiências, concepções e crenças”.

A falta de ênfase por parte de Geertz nas relações sociais e de poder torna este

⁵⁸ THOMPSON, J. B. O conceito de cultura In: *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 181

conceito incompleto para Thompson, que acredita na produção dos fenômenos culturais a partir de circunstâncias sócio históricas particulares, constituídas de indivíduos possuidores de diferentes graus de poder. Estes fenômenos são interpretados, através de determinados recursos, por outros indivíduos, também constituídos social e historicamente. Assim, os fenômenos culturais expressam “as relações de poder, servindo, em circunstâncias específicas, para manter ou romper relações de poder e estando sujeitos a múltiplas interpretações pelos indivíduos que as recebem e os percebem no curso de suas vidas cotidianas”.⁵⁹

As formas simbólicas, na concepção estrutural de cultura thompsoniana, são caracterizadas a partir de cinco aspectos: o intencional (construção e expressão das formas simbólicas por um sujeito para um sujeito), o convencional (as regras que governam a produção e a interpretação das formas simbólicas), o estrutural (as estruturas articuladas subjacentes à constituição das formas simbólicas), o referencial (as formas simbólicas referem-se, representam especificamente alguém ou alguma coisa) e o contextual (o contexto sócio-histórico onde as formas simbólicas estão inseridas e pelo qual elas são produzidas).

O último aspecto e suas características provam que as formas simbólicas podem ser assimiladas e valorizadas de diferentes maneiras de um indivíduo para outro, dependendo das posições que ocupam nos campos de interação socialmente estruturados. Essas características são determinadas pelo espaço e tempo como lugares de ação e interação, onde ocorrem a transmissão cultural. Portanto, o espaço social, ocupado por indivíduos que

⁵⁹ THOMPSON, J. B. “O conceito de cultura” In: *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 176-180

buscam a realização de objetivos particulares, é definido por recursos econômicos, culturais e simbólicos. As instituições sociais, também, são partes integrantes do aspecto contextual como reprodutoras de regras, recursos e relações, criando sempre “um novo conjunto de posições e trajetórias possíveis”⁶⁰

A cultura, então, no conceito proposto por Thompson, é o lugar onde as diferentes práticas sociais interagem em relações assimétricas de poder, envolvendo, desta forma, tanto os valores e significados dos diferentes grupos sociais em momentos históricos determinados, como as tradições e práticas vividas, responsáveis pelo modo de expressão e incorporação dos símbolos desses grupos.

Voltando ao texto de Lausimar Laus como o corpo dessa análise cultural, pode-se pensar em Homig, no espaço e no tempo de sua vivência, como receptor e produtor dos valores e significados de um contexto sócio-histórico determinado: receptor das representações simbólicas da cultura alemã, mas, também, das culturas francesa e indígena. No seu tempo presente, com suas delimitações sociais, históricas e econômicas, Homig avança e produz novas relações culturais. Depois de ler o diário de seu avô Klaus, onde havia toda a história de amor entre ele e Sacramento, Homig reflete sobre seu tempo presente em relação ao passado, dialogando com sua avó índia:

Não gostaria de te contar. Mas as coisas vão muito mal neste mundo, Vó. A nossa verdade de Goethe caiu aos pedaços. “Já era.” Como se diz hoje em dia. A arte espelha a vida. E o espelho, agora conturbado, e as imagens desfeitas. Hoje acabei de ler o novo romance da França, *Projeto Para Uma Revolução em Nova York*, de Robbe-Grillet. Por Deus vó, me contorci. O mundo virou avesso. As cidades são praça de guerra. Tu saberias imaginar uma matança cotidiana? Hoje sou como vidro moído, todo espatifado. ...Tu podes me ensinar um chá, daqueles teus? Para todas as dores, para aquela

⁶⁰ THOMPSON, J. B. “O conceito de cultura” In: *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995. p.197

coisa cá dentro que despedaça? Ah! As tuas folhas verdes, remédio para tudo! Me ensina a tranqüila presença. (p. 28)

Homig utiliza a arte para entender dois mundos diversos. A verdade romântica e sentimental de Goethe contrapõe-se ao realismo do “Nouveau Roman” de Allan Robbe-Grillet⁶¹. É a sua leitura de mundo a partir das possíveis combinações que seu sistema de representações permitiu. A referência a um autor alemão e outro francês, assim como a ervas medicinais para amenizar as dores da alma, são representações de uma vivência simbólica ambivalente.

Por isso, o cultural é retirado ou remodelado daquilo de que se vive, a partir dos movimentos da humanidade em relação à natureza. As combinações culturais existentes nas bases da formação de Homig fazem dele um sujeito único, resultado de um hibridismo cultural. Não se pode pensar na cultura em oposição à natureza, ou seja, o cultural *versus* o natural, mas como sua dependente. Essa concepção de cultura, a qual valoriza a tensão entre cultura e natureza é discutida por Terry Eagleton. Ele tematiza essa problemática como uma forma de perceber as contradições dentro do próprio conceito de cultura, e mapeia a transformação das duas palavras relacionando-as com a própria história da humanidade.

Segundo Eagleton, a passagem do rural para o urbano acontece em ambas dimensões, semântica e existencial. A palavra cultura, antes significando a atividade humana de labor e agricultura, safra e cultivo, posteriormente adquire uma conotação moral e intelectual. O autor busca desmistificar a idéia de oposição entre natureza e cultura

justapondo-as em uma cadeia de dependência, na qual a cultura necessita dos elementos da natureza para se formalizar, pois o cultural é o que é transformado pelos sujeitos, mas é necessário que o que quer que seja alterado tenha uma existência autônoma.⁶² Neste sentido, Eagleton observa a dialética entre o natural e o artificial que o conceito de cultura abrange. A cultura, como o meio da natureza constantemente remodelado, lida com o contraste entre o espontâneo e o racional, com a tensão política entre a evolução e a revolução, com a antítese filosófica entre a liberdade e o determinismo. Assim como em cultura, esta dualidade também se impõe nos limites do conceito de natureza :

Natureza agora não é só a matéria do mundo, mas perigosamente matéria do indivíduo. Como cultura, a palavra significa tanto o que é externo quanto o que é interno a nós, e disruptivamente impulsiona para dentro, podendo ser facilmente equacionada por forças anárquicas para fora. Cultura, então, é uma questão de autoconquista como auto-realização. Se ela celebra o indivíduo, ela também o disciplina, estética e ceticamente juntos. Natureza humana não é completamente o mesmo que um campo de beterrabas, mas como uma plantação ela necessita ser cultivada – assim como a palavra “cultura” nos modifica do natural para o espiritual, ela também provoca uma afinidade entre eles.⁶³

A cultura, nessa concepção, é o natural transformado, cultivado pelo espiritual, pela humanidade. É o sujeito que constitui e é constituído pela cultura. A chegada dos bisavós de Homig na região de Blumenau, na segunda metade do século XIX, é o marco de uma

⁶¹ Alain Robbe-Grillet nasceu em 1922, em Rest, França e foi o criador do "Nouveau Roman". É escritor; roteirista, diretor de cinema e teórico da literatura. O romance *Um projeto para uma Revolução em Nova York* foi publicado em 1970.

⁶² EAGLETON, Terry. Versions of culture. In: *The idea of culture*. Blackwell Publishers, 2000. p. 4

⁶³ EAGLETON, Terry. Versions of culture. In: *The idea of culture*. Blackwell, 2000. p. 5-6

(Nature now is not just the stuff of the world, but the dangerously appetitive stuff of the self. Like culture, the word means both what is around us and inside us, and the disruptive drives within can easily be equated with anarchic without. Culture is thus a matter of self-overcoming as much as self-realization. If it celebrates the self, it also disciplines it, aesthetic and ascetic together. Human nature is not quite the same as a field of beetroot, but like a field it needs to be cultivated- so that as the word ‘culture’ shifts us from the natural to the spiritual, it also intimates an affinity between them.)

nova cultura. Eles que, literalmente, cultivaram as terras selvagens, também, cultivam um novo sistema de representações, com bases nas tradições e num modo de vida que foi deslocado geograficamente. A partir de novas combinações culturais e da necessidade imposta pelo meio, determinado social e economicamente, esse modo de vida transforma-se, assim como seus valores e suas representações simbólicas.

Homig dialoga com o guarda-roupa, o qual ele denomina *Kleid* (uma abreviação da palavra alemã para guarda-roupa: *Kleidschrank*), sobre a solidão e o quanto estar junto das coisas que fizeram parte de sua vida pode reverter esse sentimento para o amor. É assim que Homig interpreta e representa seu mundo presente, a partir de referências simbólicas que constituem as bases de sua identidade cultural:

Pense: nunca estamos sós. Antes de nós houve lábios e mãos que souberam afagar. Houve também a solidão. Lágrimas. Nos objetos e nos móveis há centenas, milhares de personagens escondidas, coisas de suas histórias. Muita ternura, muito sofrimento. E tudo isso é amor. Pra os que têm amor e para os que ficaram esquecidos na noite.

Se Verlaine não está mais presente, meu velho *Kleid*, dou-lhe Carlos Drummond de Andrade, para um valor maior de tudo o que você é dentro de sua casa: “Quebra-luz, aconchego./ Teu braço morno me envolvendo./ A fumaça do meu cachimbo subindo./ Como estou bem nesta poltrona de humorista inglês./ O jornal conta histórias, mentiras.../ Ora, afinal a vida é um bruto romance/ e nos vivemos folhetins sem saber...” (p. 31)

Identidade cultural

Stuart Hall aborda as transformações que o conceito de identidade cultural vem sofrendo de acordo com as mudanças estruturais da sociedade, principalmente com o processo de globalização, o qual tomou proporções muito rápidas no final do século XX.

Hall apresenta três concepções de identidade: uma baseada em um indivíduo com um núcleo interior essencial do eu (identidade), que o acompanha ao longo da sua existência, a qual ele chama sujeito do Iluminismo, ainda presente no século XVIII. Uma segunda, na qual o núcleo interior não é definitivo, mas se constitui através da interação com a sociedade e com as diferentes identidades que o mundo cultural exterior oferece. Este é o sujeito sociológico, existente até a primeira metade do Século XX. E a terceira concepção de identidade diz respeito ao sujeito pós-moderno, o qual assume identidades não unificadas por um “eu”, mas transformadas de acordo com as representações culturais. Sua definição não é mais biológica, mas histórica. Apesar destas mudanças conceituais que envolvem o sujeito e a identidade ao longo dos tempos, é importante destacar que a identidade cultural com a qual este trabalho está envolvido é a que diz respeito à identidade nacional.

A identidade nacional é um sistema de representação constitutiva de uma “comunidade imaginada”, termo utilizado por Benedict Anderson para designar os laços imaginários que unem as pessoas em torno de uma cultura nacional. Uma comunidade é imaginada, pois todos os membros que a compõem jamais se conhecerão, mas sua comunhão estará sempre imaginada na mente de cada um, prevalecendo um sentimento de “companheirismo profundo e horizontal”.⁶⁴

Lula, a professora de português para descendentes de imigrantes alemães, conta para sua tia Maria Clara a dificuldade de se implantar a idéia de brasilidade, já imposta nas escolas em Blumenau pela nacionalização, na era de Getúlio Vargas. A situação mostra sujeitos nascidos no Brasil que convergem sua nacionalidade para um lugar, o qual não

⁶⁴ ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira, São Paulo: Ática, 1989. p. 16

conhecem, mas de onde vêm seus costumes e sua língua . Um lugar imaginado como nação.

-Pois é. A senhora veja o dia inteiro eu prego: crianças, vocês nasceram em Blumenau, não foi? Os pais de vocês também, não é? Só os avós de vocês vieram de uma pátria distante chamada Alemanha. Vocês são BRA-SI-LEI-ROS. No dia seguinte, pergunto um por um: qual é o teu nome?

-Fritz.

-Tua idade?

-12 anos.

-O nome do teu pai?

-Hans Wetzel

-Onde foi que ele nasceu?

-Na ilhota.

-E tua mãe?

-Em Pomerode.

-E tu?

-Blumenau.

-Que é que tu és?

-Alemão. (p. 146-7)

Aqui aparece um nacionalismo desterritorializado e uma cidadania desvinculada de nação. A nacionalidade está envolvida com fatores independentes da vinculação com qualquer Estado. Segundo Arthur Blasio Rambo, na tradição histórica alemã, a nacionalidade é uma condição humana carregada pelos determinantes da raça, etnia, cultura e língua. É o nacionalismo fundamentado no *jus sanguinis*, o direito pela herança destes fatores, dos quais a língua parece ser o mais importante. Por isso, os alemães e seus descendentes em Blumenau, mesmo em território não alemão, continuam a responder por direitos e responsabilidades de sua terra ancestral.

Benedict Anderson propõe uma análise dos sistemas culturais que precederam o aparecimento do nacionalismo em fins do século XVII. As comunidades religiosas e o reino dinástico estabelecem seus laços referenciais pelos quais as comunidades eram imaginadas antes das nações modernas, através das línguas sagradas e de um sistema político único (a

monarquia). São, no entanto, a decadência do latim e da legitimidade da monarquia, a expansão comunicativa das línguas vulgares, assim como uma nova concepção de tempo - o qual permite a idéia de simultaneidade transversal e não mais longitudinal - os fatores que propiciam a idéia de “um organismo sociológico”, de uma nação. O aparecimento do jornal e do romance fortalece essa nova maneira de imaginar o mundo:

Pode-se perceber bem melhor por que essa transformação seria tão importante para o nascimento da comunidade imaginada da nação se considerarmos a estrutura básica de duas formas de imaginar que pela primeira vez floresceram na Europa, no Século XVIII: o romance e o jornal. Pois essas formas ofereceram os recursos técnicos para “re-[a]presentar” a espécie de comunidade imaginada que é a nação.⁶⁵

A imprensa possibilita, dessa forma, a comunicação em massa e a consciência do extenso e diversificado campo lingüístico existente, o que Anderson classifica como “o embrião da comunidade nacionalmente imaginada”⁶⁶. Partindo dessas considerações, o nacionalismo e seus produtos culturais comungam através da língua, apesar de Anderson afirmar que a língua não é o símbolo de uma nação, mas o modo pela qual ela é imaginada. Por isso, a identidade cultural está estabelecida por laços imaginários de uma ordem lingüística unificada pela tecnologia de comunicações.

A literatura, representante dos valores e significados de um sistema, é mais um determinante para a afirmação da identidade nacional dos imigrantes alemães. Os autores nacionais e seus textos fecham mais um círculo de identificação entre os seus leitores em comum. Lausimar mostra muito bem o contraste entre as culturas que, a todo momento, entram em contato e em choque. Homig, lendo o diário de seu avô Klaus, explicita a

⁶⁵ ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira, São Paulo: Ática, 1989.p.42

trajetória desses encontros culturais. É o confronto das canções folclóricas dos canoieiros da região com os textos poéticos de autores alemães.

O carro de boi passou com sua música cotidiana... Lá fora, o sol nascia, os pássaros voavam e os cantadores eram os donos do rio, em suas balsas, suas canoas e seus pequenos barcos: “Menina dos olho verde/ Da cor do mar quando é manso/ No dia que eu te vejo/ Meu coração dá balanço...”
O velho Ziegel vivia declamando à toa, depois do estafante dia de trabalho no campo: “Tens no rosto o calor de estio/ E, no coração, o inverno querida, em que te passe/ O estio ao coração, o inverno à face.”⁶⁷ (p. 26-7)

As culturas nacionais são representadas por um sistema simbólico significante, o qual podemos chamar de processo cultural, capaz de estabelecer identidades a partir de relações de poder. O simbólico e as relações inconscientes são de grande importância para o processo de formação da subjetividade, quando o papel do outro está sempre presente. Por isso, populações desterritorializadas em situação de diáspora confrontam-se permanentemente com a diferença e com outro e assim reciprocamente. Esse contato reafirma identidades e reformula ordens culturais.

Lula, professora brasileira, que chega de Itajaí para ensinar o português para crianças descendentes de imigrantes alemães em Blumenau, sente-se estrangeira em seu próprio país, revelando que as fronteiras culturais são mais determinantes do que as fronteiras territoriais. Sua sensação de estranhamento frente ao outro, ao diferente, reforça a idéia que tem de si própria, afirma sua identidade nacional.

Era preciso tomar contato com a família. Afinal, buscar emprego em outra cidade, equivalia a ter de adaptar-se inteiramente, isto é, acomodar-se não só

⁶⁶ ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira, São Paulo: Ática, 1989. p. 54.

⁶⁷ Trecho retirado de *Livro de canções* (1827) de Heinrich Heine, poeta alemão (1797-1856).

aos primeiros embates das refregas, como e principalmente às estranhas maneiras de vida de uma cidade estranha. Estranha para mim. Os outros a elogiavam. Eu é que era muito brasileira, quer dizer, nascida quase de cablocos e nada entendia de modo de vida estrangeiro. E aqui, que ninguém nos ouça, nesse tempo, era exatamente a Alemanha. A Alemanha pequena, como chamavam os germânicos.(...) As primeiras vezes as aulas foram difíceis. Eles pouco entendiam e eu ficava irritada:

-Vocês tem mesmo certeza de que nasceram no Brasil?

-Iá, Iá Wol. (pág.33-5)

Diferença e representação

Segundo Hall, as culturas nacionais não devem ser pensadas como sistemas unificados, mas como sistemas constituídos por divisões profundas calcadas em diferenças, sejam elas, étnicas, sociais ou culturais. Assim, a identidade cultural é o resultado de uma “costura” das diferenças através de formas diversas de poder cultural. Esse poder cultural está, assim, ligado à identidade e à diferença através da representação. Para Tomaz Tadeu da Silva, “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade”.⁶⁸ Para ele, os sistemas de representação dão suporte à identidade e à diferença.

O conceito de representação sofreu transformações de acordo com os tempos e lhe foi atribuído, assim, diversos significados. Para a filosofia ocidental, a representação deveria buscar o “real” da melhor maneira possível através de sistemas de significações. Esses sistemas poderiam dar-se de duas formas: uma externa, como a pintura ou a própria linguagem e outra interna ou mental, a qual busca o “real” na consciência. A filosofia da diferença, ou o pós-estruturalismo questiona essa concepção clássica de representação,

⁶⁸ SILVA, Thomaz Tadeu da, *A produção social da identidade e da diferença*. . In: *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. PETRÓPOLIS: Editora Vozes, 2000. p. 91

desvalorizando, principalmente, a abordagem interior, ou mentalista. Para o pós-estruturalismo, a representação é sempre uma marca visível e externa, uma marca material e nunca psicológica. Nessa concepção, o conceito de representação abrange todas as características de um sistema lingüístico e cultural, como a arbitrariedade, a indeterminação e a estreita ligação com as relações de poder. É nesse ponto que a identidade e a diferença dependem totalmente da representação, como única forma de adquirir sentido.⁶⁹ A linguagem, fornecedora de elementos culturais e de representações, como afirma Hall, “é uma prática significativa”,⁷⁰ onde o sentido é produzido e constantemente renovado. A representação é o sistema pelo qual o sentido de uma cultura é articulado. O sentido, neste caso, é o elemento responsável pela concepção de uma identidade cultural e por uma idéia de pertencimento. A representação está totalmente ligada à identidade e ao conhecimento, como explica Stuart Hall:

Essa é a dificuldade para saber o que é “ser inglês”, ou realmente francês, alemão, sul-africano ou japonês, significar o exterior de todas as maneiras pelas quais nossas idéias e imagens da identidade nacional ou das culturas nacionais são representadas. Sem esses sistemas de significação nós não podemos conceber semelhantes identidades e, conseqüentemente, não podemos construir ou sustentar essa usual existência-mundo a qual nós chamamos cultura”.⁷¹

Kathryn Woodward⁷² afirma que a identidade é marcada pela diferença, é relacional. Sua construção se dá a partir de um processo de exclusão que envolve os

⁶⁹ SILVA, Thomaz Tadeu da, *A produção social da identidade e da diferença*. . In: *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. PETRÓPOLIS: Editora Vozes, 2000 p.89-92

⁷⁰ HALL, STUART. *Culture, media and identities: Representation (cultural representatios and signifying practices)*. London: Sage, 2000. p. 5

⁷¹ HALL, STUART. *Culture, media and identities: Representation (cultural representatios and signifying practices)*. London: Sage, 2000. p. 5

sistemas simbólicos e sociais. A diferença é fundamental para a afirmação de uma identidade cultural, que exclui aquilo que não lhe diz respeito, dotando de significados os seus sistemas simbólicos de representação. Desta forma, Tomaz Tadeu da Silva entende a identidade e a diferença como produtos sociais e culturais, os quais são dependentes entre si e constituídos por uma “positividade (“aquilo que sou”)” e uma negatividade (aquilo que não sou). Ele afirma:

A identidade “ser brasileiro” não pode, como vimos, ser compreendida fora do processo de produção simbólica e discursiva, em que o “ser brasileiro” não tem nenhum referente natural ou fixo, não é um absoluto que exista anteriormente à linguagem e fora dela. Ela só tem sentido em relação com uma cadeia de significação formada por outras identidades nacionais que, por sua vez, tampouco são fixas, naturais ou predeterminadas.⁷³

A representação simbólica de uma cultura é toda a marca que estabelece a diferença e constrói as fronteiras culturais. Lula, a professora brasileira de Itajaí, vai à casa de *Frau* Schmidt para tratar as aulas particulares de português para seus filhos. A família alemã, pela descrição da casa e pelo fato de oferecer aulas particulares para as crianças, apresentava uma situação econômica bem favorecida. A percepção de Lula, no primeiro contato com a família alemã, mostra a diversidade de mundos que é determinada por vários fatores culturais, como a língua, a decoração, a alimentação, o modo de se vestir e de agir. As relações de poder, nas quais a diferença está sempre inserida, também está representada na passagem do texto abaixo.

⁷² WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (ORG.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 9

⁷³ SILVA, Thomaz Tadeu da, A produção social da identidade e da diferença. . In: *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 80

Lembro-me do primeiro dia em que a vi [*Frau Schmidt*], quando fui tratar as aulas. Estava de trajes íntimos, ainda mal saída da cama, tomando café na varanda, ao lado da cozinha:

-*Guten Morgen* senhora, favorr...

Passei do corredor para a varanda envidraçada, de onde podia ver o fogão muito limpo, esplendidamente esfregado e toda a cozinha enfeitada com panos bordados na parede, em ponto cruz, as letras góticas saltavam de um alemão puro e troante, circundando arabescos geométricos, pombos de asas soltas, figuras de mulheres de pernas mal feitas e com asas de anjos quase atrás das orelhas... *Frau Schmidt*, corada como uma maçã, gorda e grande, uns olhos azuis saltando aqui e ali, meias curtas marrom, e camisolão azul de punhos compridos... Da minha cadeira, resvalando o olhar àquele brilho de cozinha, aceitava tudo cordata e meio medrosa. De repente, enquanto a via molhar o pão farto de manteiga no café com leite, dei com o gato trepado no fogão querendo beber na panela. (p. 83)

A diferença, elemento fundamental na construção da identidade nacional, é explicada por Stuart Hall a partir de quatro abordagens.⁷⁴ Porém, apenas três são relevantes para a leitura cultural de *O guarda-roupa alemão*. Uma **primeira** abordagem está ancorada na lingüística e no modelo proposto por Saussure, o qual observa a linguagem como um modo de cultura e a diferença como essencial para o significado, pois este é relacional. A identidade nacional de Lula, por exemplo, recebe significado maior quando se põe em relação às diferenças do sistema representativo dos imigrantes alemães, como a língua, o modo de vestir e de agir:

Tudo (em Blumenau) era em Língua alemã. Desde as inscrições nos jardins. Desde as curtas palavras dos cumprimentos matinais. Que a cidade era linda era. Havia como que um perfume no ar. (...) Tudo limpo, limpíssimo. As flores brotavam nos jardins das casas e um sutil romance parece que surgia detrás das cortinas alvas e fugir pelas janelas. Mas sentia-me só, apesar de tia Clara, Cidinha, Dora. Mesmo com o aconjogo da casa delas, e uns poucos “brasileiros”, como eram chamados os vindos de Itajaí (...) (p. 33-4)

⁷⁴ HALL, Stuart. The spectacle of the ‘other’. In: HALL, Stuart (ORG.) *Representation: cultural representations and signifying practices*. 2000. p. 234-8

A diferença significa algo, carrega sempre uma mensagem, o que transpõe para as oposições binárias a total dependência do significado. Citando Derrida, Hall argumenta que a maioria das oposições binárias não é neutra, mas exerce relações de poder entre seus pólos, havendo sempre o dominante e o dominado.

Uma **segunda** abordagem, também dentro da teoria da linguagem, partindo dos estudos de Bakhtin, argumenta que o significado é profundamente dialógico, ou seja, sua construção se dá através do diálogo com o outro. A maior preocupação dessa abordagem centra-se na sustentação do significado a partir do diálogo entre duas ou mais partes. É o que Bakhtin chama de bivocalidade dentro da linguagem romanesca: duas linguagens diversas e ambíguas (a do autor e de seus personagens) na construção de um significado. A diferença, no entanto, também é fundamental para o significado.

O **terceiro** argumento sobre a diferença desenvolve uma linha mais antropológica quando pensa a cultura através de um sistema classificatório, de uma ordem simbólica, na qual a diferença é sua base. Mary Douglas, seguindo os estudos sociológicos sobre os sistemas simbólicos de Durkheim e os estudos antropológicos sobre mitologia de Lévi-Strauss, argumenta que os grupos sociais “impõem significado no seu mundo, ordenando e organizando as coisas através de um sistema classificatório”,⁷⁵ no qual as oposições binárias são fundamentais para toda classificação, estabelecendo uma diferenciação entre os elementos na ordem da classificação. São os limites simbólicos que mantêm as categorias puras e dão à cultura seu único sentido e identidade. O *matter out of place*, ou a quebra das regras e dos códigos, é o que ameaça a ordem cultural, provocando o sentimento de impureza e a vontade de normalizar a ordem das coisas. Esse terceiro argumento coloca os

⁷⁵ HALL, Stuart. The spectacle of the ‘other’. In: HALL, Stuart (ORG.) *Representation: cultural representations and signifying practices*. 2000. p. 236

limites simbólicos no centro de toda a cultura, os quais, através do poder da diferença, são capazes de ameaçar a ordem cultural. Por exemplo, os limites simbólicos da cultura alemã, mantenedores de um sentido e uma identidade únicos, são estabelecidos pela língua, pelos costumes, pela literatura, enfim, por todos os elementos que marcam uma ordem cultural diante da diferença e das relações de poder intrínsecas a ela. Essa ordem cultural é ameaçada e tem seus limites transpostos quando, por exemplo, Klaus casa-se com Sacramento.⁷⁶

Essas abordagens reforçam a idéia sobre a importância da diferença na construção da identidade nacional: a linguagem, que envolve o significado e o diálogo com o outro, o sistema classificatório de uma ordem cultural e sua renovação, estão, constantemente dispostos em relações de poder. Homig é o próprio exemplo de uma identidade cultural ambivalente, formada a partir da soma das diferenças, as quais foram se estabelecendo a partir de um processo de purificação, como qualifica Julia Kristeva, renovando e formando uma nova ordem. Kristeva argumenta sobre a necessidade de uma “cultura-revolta numa sociedade que vive, se desenvolve e não estagna”,⁷⁷ a necessidade da diferença para a busca das heranças culturais e o encontro de novas variações para elas.

Homig, lembrando sua infância, registra seu constante confronto com as diferenças na formação da sua identidade, partindo das principais referências da sua vida, a vó alemã e a vó índia. Através do contraste das duas realidades, a vida social da vó Ethel e a natureza da vó Sacramento, Homig constrói a sua própria verdade. Suas referências são firmadas a partir da dicotômica relação entre cultura (Ethel) e natureza (Sacramento).

⁷⁶ A quarta abordagem sobre a questão da diferença é psicanalítica e tematiza o papel desta para nossa vida física. Não será, portanto, desenvolvida, pois não é relevante para o desenvolvimento desse estudo.

⁷⁷ KRISTEVA, Julia. *Sentido e contra-senso da revolta: poderes e limites da psicanálise I*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 23

A *Grossmutter* não perdia ocasião de lembrar a minha mistura de sangue: -Desculpe, *Frau Spitzer*, esse menino é tão desconfiado como uma bugre... A verdade é que eu não desconfiava nada. Eu tinha era raiva daquele pessoal todo, metido a artista de teatro, se elogiando mutuamente e rindo um riso besta. Só a natureza me interessava. A natureza não vive de boca aberta rindo para ninguém, falando inutilidades, nem exagerando em gestos. Ela é. Para que insinuar que é, se a sua verdade é a mais expressiva do mundo? E eu pensava: Que besteira! Basta o olhar resvalando aqui e ali, perscutando e abraçando tudo o que é bom. (p. 133)

Raça e nação

Diferentemente da concepção de identidade nacional proposta por Anderson, a qual é constituída por comunidades imaginadas, Nina Glick Schiller e Geoges Fouron, defendem a idéia de que as identidades nacionais são, na verdade, identidades raciais, pois se constituem a partir dos laços de sangue e da concepção biológica de cada povo. Eles afirmam:

A identidade nacional é um conceito marcado pela raça no sentido em que se considera que as diferenças humanas têm por base uma variação biológica que se manifesta em aspectos físicos diferentes. De acordo com esta concepção as pessoas que estão em posição de provar que descendem da população original de um Estado-nação continuam a ter direitos e responsabilidades em relação ao governo da sua terra ancestral. Isto é, os estados exportadores de emigrantes definem a nacionalidade pela linha da descendência e não pela partilha de uma língua, de uma história política, de uma cultura ou de um território.⁷⁸

Para o sustento dessa argumentação, os autores buscam através da história o

⁷⁸ SCHILLER, Nina Glick. Laços de sangue: os fundamentos raciais do estado-nação transnacional. In: *Identities: estudos de cultura e poder*. São Paulo: Editora Hucitec, 2000. p. 42

encontro entre os conceitos de nação e de raça. O processo de transformação desses conceitos ocorrem a partir do século XVII com a tentativa de transformar os fundamentos políticos vigentes baseados nos privilégios monárquicos e nos direitos divinos. Entre os séculos XVIII e XIX o argumento da “soberania natural da nação” é utilizado pelas classes que disputavam o poder do Estado. A nação, nesse tempo, era concebida pela cor branca, de acordo com a conjuntura política, econômica e social que envolvia a expansão européia, o desenvolvimento capitalista e os sistemas de colonização, nos quais africanos e índios foram escravizados. Assim, a palavra raça, que até então se referia apenas a grupo de animais, passa a designar as diferenças humanas baseadas na linha de descendência, associando-se primeiramente ao conceito de cor negra a partir de uma idéia negativa em relação aos aspectos físicos e mentais.

A construção do Estado-nação durante o Século XIX buscou a formação de uma memória coletiva, e para isso “os mitos sobre a essência dos povos foram fundamentais”,⁷⁹ pois declaravam a lealdade de um povo para com seu Estado, valorizando o território, as origens e os destinos comuns da nação. O conceito de comunidade de sangue toma importância no contexto imperialista no final do século XIX no sentido de unir aqueles de sangue superior dentro de uma sociedade organizada, opondo-se às raças inferiores. É o momento de expansão européia e americana através do capital e não mais através de colonos, reforçando a construção das unidades raciais, já que americanos e europeus eram classificados como brancos e superiores em valor, poder e civilização. Os autores acreditam que o discurso da cor branca “torna-se o princípio fundador das narrativas da nação como raça”.

⁷⁹ SCHILLER, Nina Glick. Laços de sangue: os fundamentos raciais do estado-nação transnacional. In: *Identities: estudos de cultura e poder*. São Paulo: Editora Hucitec, 2000. p. 46

Kwame A. Appiah também discute as afinidades entre os conceitos de raça e nação. Para ele, não existem raças, mas formas de nacionalismo calcadas nas tradições comuns entre os povos. Os traços morfológicos, como a cor da pele e o tipo de cabelo, estão, na verdade, sempre relacionados com “diferenças sutis de temperamento, crença e intenção, ela [a raça] atua como uma espécie de metáfora da cultura.”⁸⁰

Nesse sentido, então, nacionalismo e racismo dialogam enquanto manifestações de um grupo etnicamente determinado pelas suas tradições. A raça é mais uma ordem de ligação entre os membros de uma comunidade, a qual tem, na verdade, seus fundamentos calcados nas diferenças culturais. Algumas passagens do romance abordam o racismo a partir do estigma: Brasileiro é sujo e transmite doenças. A cena da transfusão de sangue, realizada a muito custo, de um mulato brasileiro para uma alemã, simpatizante do Nazismo, ilustra bem esse tema. Ela é bastante rica, pois afirma a estreita ligação entre os conceitos de raça, nação e cultura:

- (...) Eu já disse que não vou aceitar. Ele [o médico] disse que só encontrou um tripulante do Blumenau, que tem o mesmo tipo de sangue que eu, é um mulato e está disposto a vir me dar. Isso eu não aceito. Brasileiro tem sífilis e eu não vou ganhar sífilis só por causa desse maluco. (p. 152)

Outros exemplos podem ser retirados do romance de Lausimar Laus, tais como o casamento entre o alemão Klaus e a índia Sacramento, situação que causou divergências de opiniões entre os colonos, solicitando-se a interferência do Administrador da Colônia para que o problema (o casamento inter-racial) fosse por vez resolvido.⁸¹ Assim como, a

⁸⁰ APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai*. Trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 75

⁸¹ A cena da chegada de Klaus na Colônia, trazendo Sacramento como sua esposa, já foi descrita no capítulo anterior, pág. 30

discussão de Dora e sua mãe, Maria Clara, sobre a Nacionalização imposta por Getúlio Vargas nas colônias alemãs. Dora, ao contrário de sua mãe, é a favor da nacionalização. “O brasileiro, o trabalhador vai ter vez”, são as palavras de seu pai que lhe vêm à cabeça. Relembra uma cena da sua infância, como argumento de defesa para suas idéias, contrárias à de sua mãe.

-T'acomoda, hein? Eu gosto dos alemães. Eles trabalham e dão de ganhar aos brasileiros. Foi aqui que a gente veio ter. Foi aqui que tudo melhorou pra gente. Se não fossem eles, filha?

-Mãe, eu sei. Não quero fazer macrição pra senhora. Mas escuta aqui, mãe. A senhora se esquece do tempo que a gente era guria, lá em Itajaí? Quantas vezes a gente voltava chorando da casa dos Stein? A senhora sabe muito bem disso tudo. No balanço deles, aqueles sardentos não deixavam a gente sentar. Vinha logo o Guilherme, o Ervin, a Ilza, a Helga e o resto da diabada toda gritando: “Não senta aí não. Brasileiro tem sarna, pega na gente”. E era só empurrão daqui e dali. A gente saía chorando, até que um dia o filho do Antônio Bispo pulou a cerca e tacou uma garrafa de querosene na fonte deles. (p. 115)

As diferenças culturais referentes à ordem, à limpeza e aos cuidados com a saúde, entre as duas sociedades, a alemã e a brasileira, reverterem a distinções raciais, calcadas em características visíveis (sardentos). De acordo com Appiah, é a raça biologizando a cultura.

Esta situação exemplifica, também, a negociação de identidades nacionais enquanto sistemas representativos culturais, articulados pela idéia de pertencimento e poder. Aqui o “outro”, intersectado pelo gênero, raça, etnia, etc., é fundamental para a afirmação da identidade de cada sistema simbólico de representação.

Cultura e identidade cultural no “entre-lugar”

A fronteira entre as duas nacionalidades que vivem em mesmo território está estabelecida . Essa fronteira, ao mesmo tempo em que reverte o olhar do outro para o interior, também, o transforma e o amplia. É o espaço da intervenção, da negociação que movimenta e modifica as bases existenciais de cada grupo. A cultura desses imigrantes, deslocada territorialmente, perde o seu sustento de um sistema representativo centrado e fechado e passa a receber novos impulsos (lingüístico, cultural, espacial, psicológico, econômico, etc.) que os levam a repensar seu passado, modificando seu presente e distanciando-se cada vez mais de sua terra ancestral, a qual caminha outro curso. É esse “entre-lugar” e “entre-tempo” o espaço e o momento da formação de culturas híbridas, como afirma Homi Bhabha: “a articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica.”⁸²

Assim, os sujeitos imigrantes, portadores de uma referência simbólica racial e cultural determinada, precisam negociar com as novas culturas, com as quais entram em contato e que dificilmente os assimilam em suas bases. Esses sujeitos, que lutam para manterem vivas suas identidades, estão em uma situação que não é nem provisória, nem permanente, a qual Sayad define como uma “ilusão coletiva”, admitindo-a na base de toda a imigração. As ilusões referentes ao país de origem, à pátria acolhedora e sempre a um possível retorno são suprimimentos necessários para a existência de qualquer imigrante, para que suporte sua condição de sujeito provisório. As marcas culturais, referentes às tradições, às linguagens e às histórias particulares, permanecem com o imigrante, porém as várias

⁸² BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 21

interconexões culturais que acontecem neste processo os tornam pessoas “traduzidas”, pertencentes a dois mundos, habitantes de duas identidades culturais, “a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas”.⁸³

Um novo tipo de identidade é constituído a partir dessas culturas híbridas, formadas por diferentes nacionalidades e etnias. É uma identidade que não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, mas resgata, o tempo todo, parte delas. Segundo Tomaz Tadeu da Silva, o hibridismo se dá, na maioria das vezes, a partir de relações conflituosas, como ocupação de territórios, colonização ou destruição. São, desta forma, identidades situadas assimetricamente em relação ao poder.

A referência cultural do sujeito imigrante, a partir da qual sua identidade nacional foi pensada, seu sistema de valores construído e seus sentidos organizados, está além da fronteira que o cerca. Deslocado geograficamente, recebe constantemente novas referências e identificações, de forma violenta como na época da nacionalização, tornando-se um sujeito fragmentado, descentrado, ou como Hall denomina, um sujeito traduzido.

A imposição da nacionalidade brasileira para os imigrantes alemães e seus descendentes os obriga, bruscamente, a entrar em contato, aceitar e reproduzir novas referências simbólicas. Tudo era controlado pelos soldados nacionais, que trabalhavam para o abraqueiramento da cidade. As organizações sociais, como a sociedade musical por exemplo, funcionavam como mantenedoras das tradições alemãs, nutrindo e reafirmando a identidade nacional. Na época da ditadura, porém, essas organizações têm o mesmo objetivo quanto à construção e afirmação de uma identidade nacional, mas a identidade nacional que deve ser construída e afirmada, agora, é a brasileira.

⁸³ HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 89

A sociedade teatral dava, naquela noite, o seu concerto. Antes ela se chamava “*Frohsinn*” que se fundiu com *Clube Musical* anteriormente chamado “*Liederkrans*” e que depois passou a ser Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes, assim que chegou a nacionalização. Por ali estavam os soldados, oficiais a paisana e toda a gente da cidade. Primeiro O hino Nacional e depois as Operetas. No final, “O Teu Cabelo Não Nega”, música da época, que cantava mais alto e em bom tom: ... Foi uma noite de festa. Mas todo mundo não tirava os olhos dos soldados e era aquele esforço tremendo para esquecer o *Auf Wiedersehen* e engrenar o “até logo” no final do espetáculo. (p. 93-4)

A ameaça à ordem cultural é aqui o principal conflito entre as duas partes. É o que Kristeva chamou de “processo de purificação”, gerador dos excluídos, o qual é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade. Os limites simbólicos de cada cultura estão aqui em processo de fusão, de intercuro para a construção do “entre-lugar”, resultando na hibridização.

É exatamente essa assimetria entre culturas o fator valorizado pelo teórico Homi Bhabha como o lugar onde as os conflitos culturais geram uma nova ordem. As oposições, as dialéticas e as tensões subjacentes à estrutura cultural são abordadas como o momento de ir além, momento de trânsito ou, como ele mesmo denomina, “o entre-lugar”, e envolvem as questões relativas ao desenvolvimento desta pesquisa: cultura, identidade e diferença na imigração.

Esses três elementos constituem a base da discussão sobre diversidade cultural *versus* diferença cultural proposta por Homi Bhabha. A diversidade é um sistema concluído e intocado, onde são reconhecidos os conteúdos e costumes culturais totalizados, enquanto que a diferença cultural é “o processo de enunciação da cultura como conhecível, legítimo,

adequado à construção de sistemas de identificação cultural.”⁸⁴ É a identidade nacional sendo produzida no próprio momento da diferença, pois não existe cultura unitária. Todos os sistemas culturais são construídos e significados no chamado “Terceiro Espaço”. É o que afirma Bhabha:

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “**o novo**” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma idéia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “**entre-lugar**” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “**passado-presente**” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver.⁸⁵ (grifos meus)

Trazendo essa discussão para a análise de *O guarda-roupa alemão*, a cultura dos imigrantes alemães que chegaram na colônia de Blumenau, constituída pelas diferenças em processos anteriores, inicia novo sistema de mutação, a partir de resistências e negociações, quando em contato com novos significados. São diferentes valores, estranhas línguas, diferentes costumes, estranhas crenças que interrompem um curso na construção do novo à luz do passado como única referência. O passado aqui é a única fonte de restabelecimento da ordem cultural que agora ganha novos estímulos. Homig é receptor e propagador dessa cultura estabelecida no “Terceiro Espaço”. Participa de ações folclóricas brasileiras, recebe instruções das representações artísticas das tradições alemã e francesa, mas faz sua escolha a partir daquilo que parece estar mais vivo no seu tempo e espaço presentes. As lembranças de Homig são a própria confirmação das múltiplas faces da nova ordem cultural:

⁸⁴ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 63

A vida era mesmo um bocado maluca. Aos domingos, depois da missa da igreja protestante, e da católica, de outro lado da praça, os rapazes endomingados se perguntavam: -Hoje tem “boi-na-vara”?⁸⁶ Se tiver, a gente está lá não é?

Homig era uma espécie de esfinge para os seus, para os de fora, para os amigos também... Não gostava de Goethe e dos Schlegel, que a Grossmutter amava e à noite, na cadeira de balanço, lia em voz alta, aqueles trechos, com jeito de declamadora empavezada, voz esganiçada, olhando em redor, os netos e os filhos... Homig lia escondido um livro que lhe fora dado por Fritz, o ferreiro, seu fascinante amigo: “A Relíquia” de Eça de Queiroz⁸⁷... Gostava de poesia, mas nunca disse a ninguém. Vó Sacramento recebera de uma freira de seu antigo convento, que fora para França, um livro bonito – “Les fleurs du mal” de Baudelaire. (pág. 161-2)

Homig é o exemplo de uma intersecção ambivalente (índio e alemão), trazendo em suas bases uma rede de oposições, como as que aparecem no trecho citado acima: O alemão (Goethe) *versus* o português (Queiroz), o conceituado alemão (Goethe) *versus* o obsceno francês (Baudelaire), enfim a “alta” cultura *versus* “baixa” cultura.

Os contrastes de religiões, de diferentes grupos em uma mesma comunidade participam da construção de uma cultura ambivalente. O próprio alemão Fritz, o ferreiro e veterinário, o qual Homig considerava “um homem misturado de tudo”, é tocado pelo novo.

Homig, o homem que constrói toda a história da família a partir de lembranças que se cruzam no tempo, num tempo que cruza fronteiras constantemente, é resultado dessa cultura híbrida que se constitui na soma de distintas partes: a língua alemã (dentro de casa), a língua portuguesa (na escola), a língua francesa (da avó indígena). Em uma cena do romance, Homig se encontra na rua tentando afirmar-se como brasileiro diante uma situação que exigia esse tipo de comportamento. Em casa, no entanto, apesar da mãe

⁸⁵ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 27

⁸⁶ Divertimento em certas localidades do Estado, uma espécie de rodeio à moda catarinense.

⁸⁷ Eça de Queiroz nasceu em 1845 e foi o único romancista português no século XIX a conquistar fama internacional. *A Relíquia*, romance picaresco, publicado em 1887, aborda o provincianismo de uma pequena burguesia atormentada por preconceitos e hipocrisias.

dirigir-se a ele em língua portuguesa, todas as referências são da cultura alemã.

Diva olhou para mim. Os olhos borbulhando: sai daí, seu alemão de uma figa. Não é a toa que eu não gosto de vocês.

-Mas logo eu? Pois eu sou até neto de índia, guria. Alemão, eu? Nasci no Brasil, adoro a nossa terra e sou doido por ti...

Eu fiquei curtindo a decepção. Voltei para casa, a *Grossmutter* veio logo:

-A tostão de folta.

-Está aqui, *Mama*. Puxa, a gente não pode nem comprar um bombom?

-Que pompom nata. Tnherro custa muita. Muita trabalha, muita força. Fai ficar grranda, fai, parra trapalhar e ganharr tinhera. Tu terras muitos pompons. Primeira estudarr os declinações e as verbos.

Chegou o padre Melcher, estava entrando para as aulas de alemão. Trazia uma vara de marmelo, como sempre, na mão direita. Ele a chamava de sua Santa Luzia. Quando eu errava o verbo *haben* ou o *sein*, já sabe: varada nas pernas.

Antes de começar a aula, tomou seu café, comeu doces de amora silvestre, queijinho feito em casa com nata, por cima do gostoso pão que Frieda fazia como ninguém. Enquanto comia, contava o último caso à *Mama* e as minhas irmãs mais velhas e à vó Sacramento, mas tudo em alemão. (pág. 121-2)

As novas relações entre o privado e o público, consequência da expansão da produção e da circulação simbólica, determinam a formação de culturas híbridas. O público é organizado pelo mercado de consumo e pelo trabalho na nova cidade, e o privado, através da informação (neste caso com o jornal), vai transformando-se no espaço de discussão do público ou, segundo Nestor Garcia Canclini, um simulador do “imaginário urbano desagregado”.⁸⁸

Os meios de comunicação na cidade de Blumenau no século XIX, os navios e os jornais, eram elementos importantes para a chegada de informações e produtos do exterior e para a divulgação e organização do espaço público da cidade. A chegada dos navios com

⁸⁸ CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa P. Cintrão. 3^a. ed. São Paulo: Edusp, 2000. p. 289

informações sobre a Alemanha, com novos imigrantes ou pessoas que voltavam de seus estudos, contribuía para novos impulsos numa cultura que vinha se construindo a partir da diferença. O jornal é o veículo que afirma a idéia de nação, a identidade cultural, principalmente porque escrito em alemão, assim como o registro histórico desta comunidade.

Canclini trabalha com a idéia de “desterritorialização e reterritorialização”, a qual penso ser significativa da situação dos colonos alemães no sul do país. Eles convivem com suas referências simbólicas, identidade e nacionalidade desterritorializadas, ou seja, perdem a “relação natural da cultura com os territórios geográficos e sociais” ao mesmo tempo em que iniciam o processo de reterritorialização, “relocalizações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas”⁸⁹ quando fazem circular jornais, fixando signos de identificação desta comunidade em relação a qualquer outra. É uma forma de construir uma idéia de comunidade firmada por valores, tornando “possível apreender o sentido social, coletivo, do que acontece na cidade.”⁹⁰ Homig lembra das histórias da cidade que lhe foram contadas por sua avó Sacramento. O jornal era o registro da verdade:

As águas do Itajaí-Açu, depois das chuvas torrenciais, abandonaram o leito do rio e foram subindo, até uma altura de quinze metros e três centímetros, segundo os relatórios da época. Iam invadindo as casas, arrastando tudo. O jornal escrito em alemão, o “Kolonie-Zeitung”, de Joinville, era que podia testemunhar. Vó Sacramento guardara o recorte e mostrava para quem quisesse duvidar da catástrofe. (p. 141)

A pequena colônia agrícola com uma cultura tradicional e com restrita comunicação

⁸⁹ CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa P. Cintrão. 3^a. ed. São Paulo: Edusp, 2000. p. 309

entre outras nações, recebe novas referências simbólicas a partir da industrialização e da urbanidade, renovando-se pela abertura da rede de comunicação nacional e transnacional. Lula relembra as histórias de seus avós, Constantino e Pacífica, e as dificuldades financeiras, que sofreram em Itajaí. Seu avô foi despedido das Usinas Kraemer por envolver-se em política e acaba trabalhando como secretário para um francês que se estabeleceu na cidade para montar uma fábrica de tecidos. Suas lembranças abordam o tema da comunicação internacional da época e o que representavam para aquela sociedade.

O francês dava tudo à sua Diva e as quatro irmãs iam e vinham da França como quem viajava rio abaixo. Um barquinho a vela fazia as viagens que demoravam meses, dependendo dos bons ventos e da boa sorte. Mas as quatro não se amedrontavam. Dela traziam as modas e até vô Constantino comprou um vestido de fada pra vó Pacífica, azul pervanche com anquinhas e tudo. Foi uma briga tremenda que vó Pacífica fez. (p. 47-8)

A transgressão das fronteiras viabiliza a reorganização da produção simbólica da comunidade. As referências que não partem mais de um único centro constroem um lugar híbrido, o qual desencadeia uma cultura de mescla. É o cultural que se constitui na fronteira, resultado da negociação e do confronto com a diferença. O discurso de quem vive além das fronteiras, o colonizador, se constrói na presença parcial de sua identidade que agora é ambivalente e multifacetada.

O romance *O guarda-roupa alemão* é em si mesmo a voz desta cultura híbrida na busca da identidade cultural. Identidade esta que abriga intersecções relativas ao gênero, ao lugar e à experiência. A voz de Lausimar é única na representação de um contexto

⁹⁰ CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa P. Cintrão. 3^a. ed. São Paulo: Edusp, 2000. p. 289

determinado social e culturalmente, marcado pela feminilidade e suas relações ideológicas e de poder. São estas as questões desenvolvidas no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

GÊNERO, EXPERIÊNCIA E IDENTIDADE CULTURAL

A alteridade absoluta é a identidade absoluta.

Drucila Cornell e Adam Thurschell⁹¹

**Como todo texto ficcional, o de Lausimar Laus
carrega consigo as marcas da experiência particular,
imbricada nas questões referentes ao gênero, no processo
de construção da subjetividade. Trabalhando na
desconstrução desse texto como o resultado das várias
intersecções sociais, pode-se levantar as seguintes questões:
Que posicionamento de sujeito feminino resulta das
articulações culturais representadas no texto? Como o
sujeito feminino da colônia de Blumenau constrói suas
identidades sociais a partir das intersecções como raça,
religião, etnia e origem nacional, entre outras? Como a**

⁹¹ Cornell, Drucila e Thurschell, Cornell. Feminismo, negatividad e intersubjetividad. In: RICHARD, Nelly. Feeminismo, experiencia y representación.: *Revista Iberoamericana*. Julio-Diciembre, 1996. Vol. LXII, núms. 176-177. p. 736

questão nacional dialoga com a identidade feminina num contexto de restabelecimento de fronteiras? Estes são questionamentos que surgem a partir da importância dada no texto às personagens femininas. Por outro lado, quando se trata de uma análise sobre identidade cultural, preocupações com questões de gênero se tornam aqui significativas.

O sujeito feminino representado por Lausimar Laus é o resultado das articulações entre o gênero e as outras categorias da diferença, acrescidas de suas respectivas materialidades, ou seja, das experiências múltiplas produzidas nos espaços de enunciação desse sujeito (onde acontece o reconhecimento do “eu” a partir do diálogo com o “outro”)⁹². A representação simbólica do sujeito feminino na construção de uma identidade cultural na narrativa de Lausimar Laus é o tema desse capítulo.

Mulher e nação

O conceito de nação como uma comunidade política imaginada, limitada e soberana, abordado no capítulo anterior, a partir de Benedict Anderson, invoca as idéias de fronteira, soberania e fraternidade entre os seus membros. Portanto, os elementos que compõem uma nação estão calcados num “discurso assimilacionista de um sujeito nacional não marcado pela diferença”.⁹² Embora as questões étnicas, raciais e de classe estejam incorporadas na discussão de Anderson sobre nação, a questão de gênero se exclui.

Segundo Mary Louise Pratt, a consolidação da República burguesa no século XIX limitou e reprimiu a imagem da mulher como sujeito histórico, político e cultural. O serviço militar e as eleições, mas também a cultura impressa, da qual as mulheres participaram, são os principais instrumentos de produção da comunidade imaginada, a partir dos quais as ideologias masculinas de nacionalidade e cidadania da moderna nação-estado foram estabelecidas.⁹⁴ “Entretanto, as mulheres permaneceram afastadas do único direito que, segundo Anderson, resume o poder da comunidade imaginada: o direito de morrer pela nação”.⁹⁵

⁹² Referência ao conceito de “entre lugar” proposto por Homi Bhabha e já discutido no capítulo anterior.

⁹³ SCHIMIDT, Rita Terezinha. Mulheres reescrevendo a nação. *Revista Estudos Feministas*. Vol. 8, n. 1, Florianópolis, CFH-CCE/UFSC, 2000. p. 85

⁹⁴ PRATT, Mary Louise. Mulher, literatura e irmandade nacional. In: DE HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 128-130

⁹⁵ PRATT, Mary Louise. Mulher, literatura e irmandade nacional. In: DE HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 132

O exército constituído exclusivamente pela força masculina pode ser pensado, como mostra Mary Louise Pratt em uma análise do romance *Las memórias de Mamá Blanca*⁹⁶, como uma “zona de contato” que ocupa os limites e as periferias do terreno nacional, ou seja o lugar da “infecção” transcultural. Resumidamente, a figura da mulher representa, nessa análise, o “outro” transcultural, ou aquele que carrega consigo uma tentação e uma enfermidade. Pratt tenta mostrar que as escritoras latino-americanas do século XIX, no diálogo com o nacional, definiam-se não como infectoras venéreas, mas como “marginais e mediadoras, cuja autoridade se constrói a partir da mesma ambigüidade de sua cidadania”.⁹⁷

Pratt atribui a exclusão das mulheres no imaginário nacional fraterno e soldadesco ao engajamento político e social feminista voltado para a esfera internacional e antinacional. As ativistas das classes privilegiadas atuavam em movimentos pela paz mundial, envolvendo educação, saúde e direitos humanos. Essas mulheres da elite tiveram acesso e colaboraram com a cultura impressa no século XVIII. Portanto, embora de forma desigual, foram integrantes do mundo das letras, elemento de sustentação das comunidades imaginadas. No século XIX, porém, as mulheres da elite ocuparam um espaço contraditório. Ao mesmo tempo em que participavam da cultura impressa nacional, não desfrutavam dos direitos políticos.⁹⁸

A partir de então são sugeridos quatro elementos que em parte definem o conflitado espaço da mulher cidadã e da mulher escritora: acesso à cultura impressa (classes privilegiadas); recusa ao acesso ao poder público (opressão

⁹⁶ *Las memorias de Mamá Blanca* é uma novela escrita por Teresa de la Parra, na Venezuela em 1929. Mary Louise Pratt destaca a figura da imperatriz Josefina, uma crioula caribenha que foi esposa de Napoleão, e também a história da sífilis como a enfermidade do império.

⁹⁷ PRATT, Mary Louise. Las mujeres y el imaginario nacional. *Revista de critica literaria latinoamericana* / año XIX, n. 38, Lima, 2do semestre de 1993. p. 54

⁹⁸ PRATT, Mary Louise. Mulher, literatura e irmandade nacional. In: DE HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 133

de gênero); acesso à domesticidade (privilégio de gênero); confinamento à domesticidade (opressão de gênero).⁹⁹

Os apelos à domesticidade e ao compromisso familiar eram os principais argumentos contra o sufrágio feminino, além do despreparo feminino para o exercício da cidadania. O voto, no entanto, representa a participação da mulher na construção da nação.

Assim, sexo feminino e a nacionalidade tiveram por muito tempo existências incompatíveis. Segundo Pratt, a exclusão das mulheres da cidadania não pode ser pensada como um evento natural ou espontâneo, mas como um resultado de estratégias determinadas e específicas. Citando especificamente o caso latino-americano, os intelectuais independentistas do século XIX revelam através de seus escritos um grande impulso na limitação da cidadania das mulheres e na permanência de sua subordinação à independência nacional.¹⁰⁰ Para elas, a burguesia republicana destinava o papel de produtora de cidadãos, mas nunca de possuidora dos direitos civis.

Como mães da nação, elas são precariamente outras para a nação. Ao invés de soberanas, são imaginadas como dependentes. São praticamente impedidas de serem limitadas e finitas, sendo obsessivamente definidas pela sua capacidade reprodutora. Seus corpos são locais para muitas formas de intervenção, penetração e apropriação no terreno da irmandade horizontal.¹⁰¹

As mulheres imigrantes de *O guarda-roupa alemão* são representadas a partir desse paradigma: mulher como mantenedora da nação. São mulheres responsáveis pela manutenção dos laços nacionais de uma comunidade territorialmente deslocada. Elementos

⁹⁹ PRATT, Mary Louise. Mulher, literatura e irmandade nacional. In: DE HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 133

¹⁰⁰ PRATT, Mary Louise. Las mujeres y el imaginario nacional. *Revista de critica literaria latinoamericana* / año XIX, n. 38, Lima, 2do semestre de 1993. p. 54

esses que fortalecem as fronteiras nacionais a partir dos hábitos e costumes daquela comunidade, assim como através da conservação dos laços matrimoniais da mesma etnia que dão continuidade à nação. Portanto, o papel da mulher imigrante está centrado na manutenção das fronteiras internas da comunidade imaginada, buscando estabelecer uma identidade ameaçada nos interstícios das diferenças sociais de gênero, classe e raça. São mulheres que participam do processo de construção de uma comunidade, mas que nas histórias oficiais não são sequer mencionadas. Nos registros, por exemplo, da história de Blumenau, são os homens que aparecem como responsáveis pela construção e o desenvolvimento daquela região. Pratt aborda esse evento como resposta de um padrão moderno da cultura patriarcal, onde

a natureza é feminina e a história é masculina. No que diz respeito ao sujeito normativo masculino, a natureza/mulher é um Outro, objeto do qual o sujeito masculino se apropria. A natureza é o objeto-mulher em que o homem semeia as façanhas da história; outorga as nomenclaturas da ciência e onde o explorador descobre e o colonizador desenvolve e domestica.¹⁰²

Mulheres do *Guarda-roupa alemão*

O texto de Lausimar Laus trabalha visivelmente a construção da história de uma comunidade deslocada culturalmente e reaculturada geograficamente, mas com uma preocupação na história das mulheres dentro desse contexto específico. São mulheres divididas na busca de uma identidade feminina e também feminista. A representatividade

¹⁰¹ PRATT, Mary Louise. Mulher, literatura e irmandade nacional. In: DE HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 131

de seu texto está exatamente na expressão desse sujeito múltiplo e contraditório apontado por Lauretis.

O papel da mulher imigrante no início da colonização dividia-se entre o lar e o trabalho agrícola. A mão de obra feminina foi muito importante na construção dessa sociedade que precisava se estabelecer numa região em que os recursos econômicos e sociais ainda deviam ser desenvolvidos. “A manutenção dos hábitos e dos costumes alemães dependia das mulheres, as quais, através das “prendas domésticas”, ofereciam um conforto difícil de ser mantido sem a presença feminina”.¹⁰² Em *O guarda-roupa alemão*, essa mulher que tem os cuidados com a manutenção da cultura germânica, assim como com os trabalhos fora de casa, agricultura, comércio, organizações sociais, está representada constantemente. *Frau Weber*, dona do hotel da cidade junto com seu marido, trabalhava na cozinha, na organização, na limpeza...

Frau Weber, entre a cozinha e o corredor, pelo espelho da parede observava. (...) A mulher orientava tudo, um olho no padre outro na missa, ia às compras, cozinhava ao lado da empregada Hilda, fazia a jardinagem, cuidava da horta, lavava o chão pela manhã, se é que se podia chamar de chão o espelho do soalho brilhando limpo e perfumoso, o ar da casa cheirando bem e a decoração harmoniosa e alegre, como perfeita casa da Baviera. (p. 104)

Frau Kunn é mais um exemplo dessa mulher que tem seu espaço definido entre dois pólos: um dentro de casa, onde a manutenção da cultura se dá através da educação transmitida para os filhos; outro fora de casa, onde a mulher auxilia na economia da família e no desenvolvimento da cidade. A postura da mulher imigrante nesses meios (dentro e fora

¹⁰² PRATT, Mary Louise. Mulher, literatura e irmandade nacional. In: DE HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 151

¹⁰³ PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: História das mulheres no Brasil. Org. Mary Del Piore, São Paulo: Contexto, 1997. p. 288

de casa), a qual é complementada pelo seu modo de vestir, como mostra o exemplo a seguir, é também um modo de manutenção da cultura germânica.

Naquele dia a carroça de verduras, frutas e queijinhos frescos de *Frau Kunn*. Ela na boléia. Vestido branco todo bordado, chapéu cheio de flores e aqueles sapatos característicos da velha Alemanha. Por cima do vestido, o avental bem engomado, todo guarnecido de bordado inglês. A maleta de couro, grande cheia de repartições, estava a tiracolo, para levar o troco e voltar com o dinheiro da fêria que fizesse em Itajaí. (p. 156)

A organização dos eventos sociais ligados à religião e à moral tem grande participação das mulheres, as quais reuniam-se para a realização das tarefas destinada a elas: as fabricações dos doces e salgados. A religião é reprodutora da imagem feminina como um ser frágil e ingênuo, ao qual não cabe a maldade e o pecado.

As senhoras alemãs, quituteiras como ninguém, reuniam-se dois dias fazendo doces. A reunião principal era na casa de dona Matilde. (...) Fazia gosto ver aquelas *Fraus* todas, numa linha impecável, do forno para o fogão, do fogão para o forno. Os aventais de linho, muito brancos, enfeitados de bordado inglês com peitilho de renda e o cabelo para o alto (...) O padre Melcher recebia os doces, sua criada Hermengarda arrumava tudo para a missa do dia seguinte. Eram corações bem delineados, a cor sépia, enfeitados com dezenas de confeitos coloridos que vinham da Alemanha. (...) Todo mundo já sabia: os doces de mel eram para as crianças. A gasosa era primazia das mulheres, depois os homens. A mulher tinha um sentido muito alto para o padre Melcher. Isso ele ressaltava em suas prédicas domingueiras: -O mulher tem tudo que a homem tem, mas o alma do mulher ser diferente. É alma do criançon. (p. 92-3)

As lembranças de Homig têm como referencial as figuras femininas de sua família, as quais participaram com maior intensidade de sua educação. Ethel Molke, a *Grossmutter*,

representa a figura forte da imigrante, reprodutora da cultura alemã, que desempenha diferentes papéis:

Era como se fosse naquele tempo: a *grossmutter* levando o balde do leite tirado das vacas ao entardecer, ele atrás, com a toalha de enxugar as tetas inchadas de sumo branco das vacas holandesas. A mansidão da tarde e a bisavó rindo alto e mostrando os reflexos rosados do pôr-do-sol lá para as bandas do Garcia. A voz dela. Era tão nítida! Sua saia comprida arrastando na relva, o corpete fechando o pescoço de garça com bordados e rendas. O cabelo impecável no coque bem modelado.

-Homig, Homig, seu bugre, tu levas essa toalha arrastando no chão. Levanta mais, mais, mais... Era sempre em alemão que ela falava. (p. 129)

As práticas sociais e as necessidades econômicas desta comunidade representadas no romance de Lausimar Laus são determinantes do papel e do espaço destinado à mulher neste meio. Aqui aparecem mulheres determinadas por uma cultura e por um novo modo de lidar com a vida, a imigração. Apesar do esforço das mulheres de Blumenau tanto no trabalho doméstico quanto no trabalho chamado produtivo, como o romance mostra, Joana Maria Pedro salienta que somente os homens são reconhecidos como maiores responsáveis pelo desenvolvimento da região. A imagem das mulheres colonas, formada pelo estigma de “trabalhadeiras”, contrapondo-se a dos homens como “trabalhadores” é prova dessa “invisibilidade da contribuição feminina”.¹⁰⁴

A discriminação de gênero aqui identificada na representação de um discurso hegemônico vem marcada também por diferenças como raça, classe e descendência nacional. Portanto, falar da mulher imigrante requer uma abordagem interseccional relativa

¹⁰⁴ PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: *História das mulheres no Brasil*. Org. Mary Del Piore, São Paulo: Contexto, 1997. p. 288-9

a uma gama de outras identidades (racial, religiosa, nacional, de classe), as quais definem o modo como diferentes grupos de mulheres estão subordinados a diferentes eixos de poder.

Por isso, é importante a partir daqui uma abordagem conceitual sobre a categoria gênero como uma perspectiva de análise das relações de diferenças nesse estudo sobre as mulheres do romance *O guarda-roupa* alemão. As relações de gênero que se estabelecem, revelando a identidade feminina de um espaço e tempos determinados, são parte de uma busca mais abrangente de uma identidade cultural.

O conceito de gênero tem a questão da diferença em suas bases, pois, em primeira instância, gênero implica o pertencimento a determinado grupo, classe ou categoria, a qual é classificada a partir de relações de diferenças. No entanto, gênero, entendido como diferença sexual, surge nos estudos feministas dos anos 1960 e 1970 como a primeira conotação referente a esse termo.

No entanto, Teresa de Lauretis¹⁰⁵ mostra as limitações da abordagem do gênero como apenas diferença sexual. A primeira limitação diz respeito ao fato de que a categoria “mulher” está marcada por uma multiplicidade de intersecções culturais, sociais e políticas, a partir das quais uma variedade de mulheres são construídas. A segunda limitação do conceito de gênero como sinônimo de diferença sexual, para Lauretis, está exatamente na falta de articulação de um campo social heterogêneo que possibilite as relações culturais e sociais próprias da constituição do sujeito. Acredita que o sujeito não é construído apenas pelas diferenças sexuais, mas também pelos códigos lingüísticos e as representações culturais, tais como raça, classe, nacionalidade, etc.

¹⁰⁵LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: DE HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994..

O gênero é a representação de um sistema simbólico determinado cultural, social e economicamente. Ele representa a relação de um indivíduo com as relações sociais preexistentes, as quais por sua vez são vividas diferentemente por homens e mulheres. Lauretis, analisando as tecnologias do gênero, responsáveis pela construção, representação e manutenção das relações sociais, observa um movimento de “vaivém” entre as representações de gênero dos discursos hegemônicos e aquelas que ocorrem nas margens desses discursos, ou que não são representadas por eles. São dois espaços que coexistem. Lauretis propõe, desta forma, um sujeito do feminismo “en-gendrado”, habitante de dois espaços.¹⁰⁶

O guarda-roupa alemão, como uma tecnologia do gênero, assume em seu discurso posições específicas quando produz representações sociais e subjetivas. Ler esse romance a partir das suas relações com o gênero, mas também dessas com a raça, com a classe, com a orientação sexual e etc., é abrir um espaço de engendramentos na afirmação de uma identidade cultural.

Myra Jehlen afirma que gênero, como uma categoria crítica e não como uma categoria da natureza humana, é uma lente adicional, através da qual pode-se descobrir um invisível recesso do eu e da sociedade. Pois, falar em gênero não significa falar somente de mulheres, mas tratar da identidade sexual entre homens e mulheres como um evento cultural. Assim, gênero implica história e não natureza.¹⁰⁷ Jehlen, assim como Lauretis, aponta para uma análise de gênero que compartilhe com outras identidades sociais,

¹⁰⁶ LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: DE HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 238

¹⁰⁷ JEHLLEN, Myra. Gender. In: LENTRICCHIA, Frank e MC LAUGHLIN, Thomas (org.). *Critical Terms for Literary Study*. Chicago: The university of Chicagi Press, 1995.p.264-5

pensando na desnaturalização da categoria mulher como parte de uma desnaturalização maior das categorias ontológicas.

Portanto, as mulheres de *O guarda-roupa alemão* estão sendo analisadas a partir de uma visão compartimentada por categorias de poder, ou seja, por uma abordagem interseccional, a qual transgride a análise reducionista do gênero como diferença sexual.

Kimberlé Crenshaw aponta para essa perspectiva de gênero que inclui as diferenças de subgrupos específicos de mulheres, destacando, principalmente, as diferenças raciais. Para a autora, a vulnerabilidade particular de diferentes grupos de mulheres, muitas vezes permanece obscurecido dentro de categorias mais amplas de raça e gênero:

Assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados a suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são ‘diferenças que fazem diferença’ na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação. Tais elementos diferenciais podem criar problemas e vulnerabilidades exclusivas de subgrupos específicos de mulheres.¹⁰⁸

Voltando-se para as representações dos sujeitos femininos no romance de Lausimar Laus, as diferenças entre Ethel e Sacramento, por exemplo, enquanto sujeitos sociais de uma mesma comunidade, dispostos assimetricamente em relação ao poder, se estabelecem a partir dos cruzamentos interseccionais relativos ao gênero. A primeira é imigrante alemã, branca, de classe média e protestante enquanto a segunda é índia, criada por freiras francesas e católicas. Essas intersecções sobrepõem-se e cruzam as problemáticas referentes ao gênero, ampliando-as na constituição das estruturas sociais, políticas e

¹⁰⁸ CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, vol. 10, n. 1, Florianópolis, CFH-CCE/UFSC, 1 SEM. 2002. p. 173

econômicas. Para cada uma dessas mulheres incorporam-se diferentes posições sociais, subordinações e discriminações.

A contradição e a máscara dupla, em prol das regras determinadas por um sistema patriarcal, comprometem os desejos de felicidade e a vida da imigrante alemã, representada em *O guarda-roupa alemão*. Ethel, por exemplo, tem em sua figura a força e perseverança da mulher colona, que abandona toda uma vida desejada na construção de uma nova. A realidade encontrada nas regiões destinadas para as colônias não correspondia ao que era divulgado na Alemanha como propaganda para a imigração. Por isso, havia mulheres que ficavam a contragosto e outras que partiam. Ethel ficou, mas abandonou seus sonhos em nome da família, em nome de uma ordem social. “Meu coração está na Alemanha. A França é só meu tempo passado na Universidade. Aquela jovem morreu lá. A velha está aqui. A mulher feliz, feliz, ficou em Berlim”. (p. 130)

A relação entre a jovem e a velha estabelecida no texto remete à condição contraditória do sujeito feminino na situação de deslocamentos territorial, cultural e, conseqüentemente, experiencial. Duas mulheres diferentes, uma jovem e sonhadora, outra velha e infeliz, separadas pela geografia -- o lá e o aqui -- e pelas experiências de vida materializadas nesses espaços. A morte da mulher feliz e a sobrevivência daquela que já não tem mais sonhos expressam sua condição de sujeito. O processo de reaculturação em um novo território ou reterritorialização significa muitas perdas concretas e uma nova construção do sistema de referências simbólico. Esse tempo e modo de um novo presente, portanto, é construído à luz do passado, o qual continua sendo o ponto referencial onde se busca um reestabelecimento da ordem cultural.

Hilda, filha de Ethel, no entanto, vivia intensamente sua felicidade transgredindo as regras válidas para as “moças alemãs”. Joana Maria Pedro, citando Cristina S. Wollf, diz

que através das cartas e da literatura sobre o tema pode-se afirmar que a mulher de origem alemã “devia saber fazer respeitar, ser asseada, ser boa mãe e boa filha; ter uma sexualidade restrita ao casamento, ser solidária com os vizinhos e parentes, além de econômica e comedida”.¹⁰⁹

Enquanto a figura de Ethel representa o sujeito feminino engajado na manutenção das tradições culturais, e mais precisamente em relação ao nacionalismo, Hilda a desafia e procura um novo lugar para essa mulher que, por não ser a imigrante pioneira, não assume o total compromisso com a nacionalidade germânica. A questão racial está implícita na negociação de identidades femininas distintas em defesa da nação. A identidade cultural de Hilda já se estabeleceu a partir do processo de hibridização. O diário de Hilda revela suas contestações à ordem que rege a sociedade em que vive, desde a religião, a sexualidade e as relações sociais.

Por que os homens codificaram as leis rígidas? As pessoas vêm com repugnância. Os lambanceiros com apetite. Mas eu, se olho um homem e sinto aquilo cá dentro, que me importa? Não posso conceber que seja um pecado (...) Por que Deus não me chama e não me explica esse fenômeno? Essa coisa de fruto proibido, Adão e Eva, pecado original, o feio de uma coisa está em mim e em todos os homens que Ele criou? Eu tenho amor que passa, como a fome que passa depois que como. Eu tenho desejo que passa, como quando desejo e saboreio uma gabirola madura. E quem é que faz isso tudo crescer em mim? Sou eu? Quem é que faz a rosa? Sua perfeição. Suas cores. Seu perfume? Quem é que faz crescer no ventre de uma mulher uma criança? Quem fez a virgem ser violada? Foram os códigos? Bem. Se foi Ele, o Deus está tudo certo, claro e correto. Quem é que vai meter o contrário na minha cabeça? Às vezes eu penso que é uma procura A minha procura. (p. 137-8)

¹⁰⁹ PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: *História das mulheres no Brasil*. Org. Mary Del Piore, São Paulo: Contexto, 1997.p. 289

A sua “procura” está na conquista de um espaço ainda não permitido para a mulher do seu tempo e de sua sociedade. Hilda é a representação do sujeito feminino que ocupa o espaço de resistência, o qual vive na contradição, em um outro lugar “fora” da representação, como salientou Lauretis. Hilda vai de encontro à educação que recebeu, baseada em preceitos racistas, e é atraída por um homem negro, bem como valoriza a tradição indígena e a ordem pela qual é regida. Em seu diário questiona: “Por que não nasci índia?” (p. 138) Sua figura e sua voz no romance estão apropriadas de um discurso que vai de encontro ao que se esperava de uma moça de classe média, descendente de alemães, branca e protestante. Isso se faz bastante claro a partir das lembranças de Homig:

Naquele dia ela vinha correndo de cabelo solto. Cabelo solto para a *mutter*, era sinal de mulher da vida. É verdade. Todo mundo pensava assim. O coque, que a gente chamava de cocó, era o timbre de mulher às direitas: cabelo bem preso, bem esticado e lá em cima, o coque. Hilda não. Soltava os cabelos. Corria numa loucura de alegria de viver. (...) Naquele dia a encontrei nua em pêlo, em cima do cavalo baio do Zimmerman que ela roubara do pasto, sem autorização de ninguém, a cachorrada atrás acuando. (p. 119)

É a identidade feminina, construindo-se no espaço de transição, ou reelaborando-se na contradição. Hilda, no entanto, não cabe naquela sociedade ideologicamente formada por valores calcados na educação (*bildung*), na religião e no trabalho como ordens tradicionais e concluídas. Não aceita o espaço destinado à mulher como mantenedora de uma cultura e de uma homogeneidade racial e étnica, ou mais precisamente, de uma nação, a qual deveria dar continuidade. Seus encontros com um homem negro representam a experiência interracial, a qual vai de encontro com a política racial baseada na supremacia branca. Segundo bell hooks, a relação interracial promove o experimentar um “pedacinho

do Outro”¹¹⁰ através de um ritual de transcendência, um movimento para um mundo de diferenças.¹¹¹ Hooks aborda dois sentimentos que podem estar presentes nessas relações entre corpos considerados Outros: a culpa e uma combinação entre prazer e perigo. O primeiro advém do passado de dominação racista por parte da cultura branca, marginalizando outras minorias. No caso de Hilda, o seu passado de culpa está presente na figura de sua mãe, Ethel, a qual acredita e luta pela manutenção de um sistema cultural-racial único e dominante; o alemão. O nacionalismo de Ethel está ancorado em questões étnicas: “Uma raça é uma raça!” (p.180) Não aceitou, por isso, o casamento do filho, Klaus, com uma índia, Sacramento: “A “Mama” não compreendia o gesto do filho. Era uma alemã. De corpo e alma alemã. Só compreendia noras alemãs. Só falava o alemão e jamais falaria outra língua. Seu nacionalismo chegava ao absoluto” (p. 9). Quanto ao sentimento que transita entre o desejo e o perigo, hooks chama de “fantasia da alteridade”. É experimentar o novo impulsionado pela ânsia do prazer, sem o desejo de dominação consciente. Hilda responde a esses sentimentos na busca do prazer absoluto. “Eu me deito com um homem que me dê prazer, e jamais vou entender outra coisa. Que culpa tenho eu se não entendo?” (p. 138) Seu fim, seu desaparecimento, simboliza a resistência do sistema patriarcal e racial ao movimento de um novo sujeito.

Segundo Joana Maria Pedro, a urbanização de Blumenau traz mudanças para o papel da mulher no novo núcleo social que estava se formando. Reforçado pelos jornais da época, o papel da mulher agora se deve restringir aos trabalhos domésticos e cuidados com a família. O modelo a ser seguido, portanto, é válido apenas para as famílias mais abastadas; as demais mulheres, apesar de almejavam tal situação, ainda precisavam

¹¹⁰ Bell hooks explica que a expressão tomar “um pedacinho do outro” é uma gíria contemporânea da classe operária inglesa para se referir ao encontro sexual.

trabalhar na roça, nas fábricas ou como empregadas domésticas nas famílias mais ricas.

O corpo feminino e os desejos e sentimentos que dele provêm são os elementos que põem a identidade feminina das personagens Hilda e Menininha em choque com os códigos vigentes. A descoberta de forças contraditórias, através do corpo, estabelece a dupla relação entre “o elevado e nobre de reprodução e o rebaixado e vil da depravação”¹¹². O corpo para Hilda representa o meio de se comunicar e sentir o mundo; através da nudez vive a liberdade, compartilhando as leis naturais que regem o universo. Seu discurso, ao mesmo tempo em que se constitui de um tom de resistência dentro do romance, sustenta um paralelo entre mulher e natureza. Essa relação, no entanto, revela uma noção de corpo natural, sem interpelação cultural. O corpo nesse discurso é usado para definir uma essência feminina natural e libertar seus desejos reprimidos através da figura de Hilda. “Tudo é natureza viva e foi a natureza que me deu esse direito”. (p. 138) Porém, a identidade da mulher não está definida somente através de seus corpos, mas como estes atuam, tomam posições dentro do corpo social. Sua voz é entoante:

Não entendo nada da Bíblia de vó Sacramento, a vó bugra de Homig, criada e amoldada por freiras francesas. Seus ancestrais? Eles eram assim? Não. Eram a própria natureza explodindo em nudez. Nudez em todas as coisas. Tão naturais como as flores e as frutas, como as abelhas e os passarinhos. (...) Que código lhes rege a vida? Eu sou botânica. Sou fascinada pela loucura de amor tamarindeiros floridos que servem de vento para se fecundarem. Eu sou como o vento. Acho mesmo que sou ele próprio. Ninguém me mudará. Ninguém. (p. 138)

¹¹¹ HOOKS, Bell. “Devorar al Outro: deseo y resistencia”. In: *Debate feminista* 7 (13), 1996. p.20

¹¹² CUNHA, Helena Parente. A mulher partida: a busca do verdadeiro rosto. In: *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Org. Peggy Sharpe, Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997. p. 118

O corpo nu para Hilda representa a liberdade, a qual só é encontrada na natureza. Esse discurso fala do corpo feminino, da reprodução, através de uma noção de “natural”, fundindo mulher e natureza em uma mesma categoria. Assim como na natureza, o corpo da mulher é valorizado pela “dádiva” da reprodução. O discurso de Hilda, portanto, carrega essa dupla e contraditória idéia de sujeito feminino: corpo e identidade.

Menininha também descobre, através de reações de seu corpo, a condição de duplicidade, enquanto sujeito que deseja sexualmente outra pessoa, mas não deve se manifestar; e a culpa por desejar o corpo de outra mulher. Para seus cuidadosos pais e para a sociedade, esconde sua verdadeira vontade e sentimento na máscara do silêncio e da boa educação. Porém, em uma conversa íntima com Lula revela-se por inteiro, incluindo suas experiências homossexuais, para o espanto de sua ouvinte:

A Zoraide? Tu sabes? Um dia fomos dormir no convés do barco. Era verão, ela me apertou muito e me transportou num sonho. Não falávamos nada, mas eu senti que passei através de seu corpo...E nós íamos para o estaleiro brincar de namorado. Ela até chorava, quando ficávamos sós. Eu enfeitava meus cabelos com flor de azedinha e ela me beijava tanto... Não sei porque, achei que aquilo não era direito. Eu devia namorar um homem. Talvez aquilo fosse paixão, mas ao mesmo tempo me dava revolta, uma espécie de asco, uma ânsia, quando me lembrava de tudo.” (p. 80)

O corpo da mulher neste sistema não deve ser fonte de prazer, tão pouco de prazer homossexual, mas estar limitado à procriação, exercendo a função de um elemento moralizador. As formas “de interpretar, de representar e atuar com o corpo, o qual não é um fenômeno estático ou idêntico a si mesmo, mas um modo de intencionalidade, uma força

direcional e o modo de desejar”¹¹³, variam de acordo com o contexto social em que se inserem. O contexto em questão é o de manutenção dos costumes morais, políticos e religiosos de uma sociedade que se estabelece em confronto com outras referências diversas. O lesbianismo, aqui, representa uma “desordem de gênero”, entendido apenas através de uma estrutura binária de correspondências entre homem e mulher. A heterossexualidade, pensada como uma “necessidade ontológica”, é determinante no destino social do sujeito. Por isso, o lesbianismo transcende as restrições binárias desse sistema e evoca um terceiro espaço, que só pode ser construído nas margens.

Judith Butler pensa sobre o gênero como um meio discursivo e cultural, o qual tem o sexo como seu efeito, como sua *performace* para construir a materialidade dos corpos nas diferenças sexuais. O sexo, portanto, é uma das normas pelas quais o sujeito torna-se inteligível¹¹⁴. O lesbianismo, como um evento não previsto nesse sistema performativo heterossexual, representa o conflito de viver uma identidade excêntrica, fora da “matriz heterossexual”.¹¹⁵ Butler, portanto, questiona a universalidade da categoria “mulher” a partir da crítica às categorias identitárias, calcadas em um sistema binário (masculino/feminino). Rebatendo a crença na existência de só dois sexos, assim como a necessidade ontológica de homens incidirem sobre corpos masculinos e mulheres sobre corpos femininos, a autora afirma que o sexo, igualmente ao gênero, é culturalmente construído. Para a autora, o sexo é produzido pelo meio discursivo e cultural chamado gênero.

A seguir, discute-se relações de poder intersectadas pelo gênero, religião e raça a partir da figura de Sacramento.

¹¹³ FLORES, Maria Bernadete Ramos, A medicalização do sexo ou o amor perfeito. In: *Falas de gênero*. (org.) Alcione Leite da Silva, Maria Coelho de Souza Lago e Tânia Regina Oliveira Ramos, Florianópolis: Mulheres, 1999. p. 227

¹¹⁴ BUTLER, Judith. Sujetos de sexo/ gênero/ deseo. *Feminaria* año 10, no. 19, 1997. p.14

Sacramento: medo e silêncio

O controle da religião atinge o indivíduo da colônia direta e indiretamente, regulando sua vida, seus hábitos e seus corpos, como forma de proteção étnica e cultural. A grande maioria dos imigrantes em Blumenau eram protestantes luteranos, religião que valoriza o trabalho como uma atividade fundamental e redentora. Cristina Scheibe Wolff, em sua pesquisa sobre as mulheres de Blumenau, salienta a falta de referências, dentro dos materiais que manuseou, sobre “brincadeiras de crianças, namoros apaixonados e desejo sexual na Blumenau do século XIX”, justificando:

Isso pode ter relação com a ética protestante, moralista e rigorosa. É por isso que tudo aparece referenciado ao trabalho, à produção. Uma “boa esposa” não precisava, pelo que lemos nas fontes, ser bonita e sim “trabalhadeira”. (...) Apesar disso, sabemos que existia alegria prazer e amor, e estes sentimentos não se ligavam somente ao trabalho, embora todo o discurso sobre Blumenau ligue-se a ele.¹¹⁶

A história de Sacramento, a índia criada em um convento francês na época da dizimação indígena, evoca a condição de impossibilidades desse sujeito feminino, principalmente pela diferença racial, num tempo de desbravamento de terras por homens destinados a construir um novo mundo. Mundo este projetado por ordens sociais já estabelecidas, as quais os homens “fortes” são responsáveis pelas obras externas e braçais e as mulheres “frágeis” responsáveis pelas obras morais e internas. No caso da colônia alemã, o trabalho com a agricultura era também necessário, além de todo o serviço de casa, o qual

¹¹⁵ Judith Butler utiliza o termo “matriz heterossexual” para designar a trama de inteligibilidade cultural mediante a naturalização dos corpos, gêneros e desejos.

despendia de muita força física. Porém, é a manutenção dos costumes e do aconchego da antiga pátria o grande papel esperado para uma mulher. É o que afirma Cristina Scheibe Wolff:

Tudo era estranho e diferente: o clima, os insetos, as primeiras casas, a solidão. Cabia às mulheres atenuar esta estranheza com sua presença, sua companhia e seu trabalho de dona de casa. Uma “boa dona de casa” devia saber criar, no meio da floresta virgem, um lar aconchegante e confortável, com uma alimentação inclusive, semelhante à alemã.¹¹⁷

À mulher imigrante, portanto, cabia o papel de manter a ordem do sistema cultural deslocado territorialmente através da educação dos filhos, dos valores e costumes da antiga pátria, a fim de amenizar as diferenças externas, as quais, simultaneamente, transformam e reafirmam esse sistema. Para isso, é fundamental uma política sexual, racial e de relações de poder que resultam na eliminação da mulher índia ou negra, pois desestabilizam a idéia de nação homogênea.

Sacramento, assim, não correspondia ao que se esperava de uma “boa esposa”, já que não poderia dar continuidade ao que chamavam de *Deutschum* (germanidade). Por isso, sofre, sua vida inteira, discriminações dentro dessa comunidade, a qual aprende a respeitar e aceitar como seu único destino. Sua história é marcada por uma constante intervenção externa (e masculina), determinando uma condição de sujeito duplamente traduzido. Assim, Sacramento transita entre fronteiras culturais francesas e alemãs e carrega no corpo as marcas étnicas indígenas justapostas a outras marcas. Essas intersecções a levam a uma construção de identidade fragmentada e contraditória. Quando ainda criança, em meio aos

¹¹⁶ WOLFF, Cristina Scheibe. *As mulheres da colônia de Blumenau: Cotidiano e trabalho (1850 – 1900)*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1991. p.108

conflitos entre bugreiros¹¹⁸ e índios, perde sua família e todas as referências e, por ser mulher, é preservada da morte, passando a ser criada por freiras francesas. Segundo Paulo Pinheiro Machado os índios jovens e adultos eram os que mais morriam nestas caçadas. Já as mulheres jovens eram preservadas para servirem de esposas aos peões, pequenos sitiantes e tropeiros, assim como as crianças de colo, as quais eram criadas longe de suas mães.¹¹⁹ Apesar do autor referir-se, especificamente, ao povoamento do planalto serrano, as práticas de despovoamento foram as mesmas no vale do Itajaí, pois os bugreiros também atuaram nessa região. É o que afirma Silvia Maria Fávero Arend:

O encontro entre índios e colonos deu-se logo após a chegada dos europeus. Os Xokleng¹²⁰ colhiam os produtos das roças ou, então, adentravam nas moradias dos imigrantes em busca de alimentos e outros objetos, gerando pânico entre os alemães. (...) Tentou-se, sem sucesso, catequizar e aldear, e até afugentar os siviúlas para territórios distantes. Na década de setenta, os bugreiros, conhecidos também como caçadores de índios ou tropas, entram em cena.¹²¹

Assim, Sacramento é traduzida para uma nova cultura, a qual passa a ser sua única e verdadeira referência. Hilda, em seu diário, refere-se a essa contraditória condição: “Ela é postiça. Índia só por fora. Por dentro, é uma francesa feita na prensa dos preconceitos”. (p. 138). A experiência de Sacramento em um convento de freiras francesas faz com que suas referências simbólicas sejam construídas a partir dessa cultura. Retomando a discussão do

¹¹⁷ WOLFF, Cristina Scheibe. *As mulheres da colônia de Blumenau: Cotidiano e trabalho (1850 – 1900)*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1991. p. 55

¹¹⁸ Homens especializados em localizar e matar índios.

¹¹⁹ MACHADO, Paulo Pinheiro. Bugres, tropeiros e birivas: aspectos do povoamento do planalto serrano. In: *História de Santa Catarina no século XIX*. (org.) Ana Brancher e Silvia Maria Fávero Arend, Florianópolis: UFSC, 2001. p. 12-4

¹²⁰ Grupo indígena que vivia no vale do Itajaí. Eram nômades e viviam da caça e da coleta, especialmente do pinhão.

capítulo anterior, cultura representa todo um modo de vida, envolvendo produções sociais artísticas e intelectuais de um sistema de significações. Portanto, são os valores e significados desse contexto cultural (um convento de freiras francesas), os quais fazem sentido para Sacramento. Aos doze anos, mais uma interferência é determinante na construção de sua subjetividade. Ela é retirada do convento para se casar com um imigrante alemão e passa a viver na colônia, onde um novo sistema de significações entra em vigência e em choque com sua verdade referencial. É o momento de transição, negociação e tradução de identidades. Esse processo parte de uma busca do passado para a construção do presente, ultrapassando as fronteiras culturais:

Como era mesmo a poesia? Tinha quarenta estrofes e ela sabia tudo de cor. Lembrava-se de que era uma súplica do poeta, para que Deus lhe desse o direito de chorar. Ela queria chorar. Não podia. Não sabia mais nada. Esquecera! Continuou a olhar o céu. Foi devagarinho reconstituindo os olhos de madre Daniele. Era difícil poder contornar todo o rosto. O tempo já longe. Dois anos, só ouvindo alemão, vendo outra gente (...) Ah! Sim. O nome do poeta: Vitor Hugo. Mas quem disse que se lembrava dos versos? (...) Seu francês ia morrendo aos poucos. (p. 19-20)

O silêncio e o medo revelam a sua impossibilidade frente às relações de poder de uma ordem maior. Sacramento encontra-se nesse espaço de transição entre duas culturas, assumindo a condição de “outra” no mundo do colonizador. Utiliza, por isso, o silêncio como uma estratégia de resistência contra a sua subordinação num contexto de discriminação racial e marginalização. A máscara da submissão, a qual é constituída através do silêncio, é parte do processo de tradução social.

¹²¹ AREND, Silvia Maria Fávero. Relações interétnicas na província de Santa Catarina (1850-1890). In: *História de Santa Catarina no século XIX*. (org.) Ana Brancher e Silvia Maria Fávero Arend, Florianópolis:

Uma noite inteira cavalgando. Sacramento agarrada à sua bruxa de pano que Irmã Danielle costurara para ela. Era como defender seu último auxílio. *Calada* como a noite entre as árvores. Herr Ziegel, de vez em quando, perguntava. A resposta era sempre a linguagem irreal do *silêncio*. (...) Mas sobre aquele negócio de casamento nunca lhe tinham explicado nada. Seria mudar de convento? Mudar de lugar? De dono? De religião? (...) Ela *falava pouco*, mas seus olhos diziam coisas que ele não podia entender. Por onde aquele homem a levaria? Em sua cabeça o convento. As freiras. A reza da manhã e da noite. Uma *vida resumida*. Uma coisa cá dentro. Um embucho na alma. Um peso. *Uma falta* que não sabia aceitar, mas aceitava. (p. 8-9; grifos meus)

“Ser mulher” pode ter sido o fator decisivo para a sua existência, mas não para a sua plenitude como sujeito. Sacramento, como sujeito histórico, traz no seu corpo os registros da dupla tradução, de onde refletem fragmentos referenciais, tais como o manuseio de ervas e constante evocação a força superior de Deus. Referências estas que constroem uma identidade bipartida, marcada pela ruptura, pela imposição e aceitação de uma vida ambivalente, na qual sempre assumiu o papel do outro. Sacramento tornou-se essa mulher reclusa no silêncio e no medo, onde, a partir das diferenças, dá unidade e significado às cisões culturais.

Claudia de Lima Costa, na análise sobre a narrativa de vida de Rigoberta Menchú, uma mulher situada “às margens” do poder ocidental, aborda a questão do silêncio como estratégias de sujeitos subalternos. O silêncio dos indígenas não é uma questão de segredos, mas uma tática de resistência a culturas dominantes. “A história de Rigoberta pode desinformar assim como informar, com silêncios estratégicos confrontando a violência que tem marcado encontros etnográficos”.¹²² O silêncio de Sacramento também pode ser

UFSC, 2001. p.38-9

¹²² COSTA, Claudia de Lima. Rigoberta Menchú: a história de um depoimento. *Revista Estudos Feministas*, vol. 1, n. 2, Florianópolis, CFH-CCE/UFSC, 1993. p. 316-7

analisado como um desafio ao discurso hegemônico. Um silêncio que em primeira instância pode ser escutado como medo, mas que, no entanto, se revela como uma resistência étnico-cultural num contexto marcado por desigualdades. São as imagens que afloram na consciência de Homig:

Como era boa e terna a vó índia! *Temente* a Deus. Humilde. (...) O rosário dela cheio de contas gastas de tanto rezar. O riso dela, riso comprido e *silencioso*. E quando os cinco netos se alvoroçavam, ela só sabia dizer: “Louvado seja Deus” Homig bem se lembrava de suas palavras e ia dizendo logo às irmãs: “Vamos parar com isso, gente! Coitada da vó!” Havia então um *silêncio* religioso. Um *medo* estranho. Como se estivessem caindo línguas de fogo do céu. (p. 5; grifos meus)

Ethel e Hilda: uma questão racial

As mulheres de Blumenau, tanto a imigrante alemã quanto as de outras origens, vivem em uma situação paradoxal por conta de realidades opostas que compõe o contexto histórico e cultural da região, como: passado e futuro, Europa e América, saudade e esperança, velho e novo. Esses conflitos acentuam-se quando conciliados com uma nova e necessária tomada de posição social, sob a luz de uma já existente nas bases culturais. A transformação, a passagem faz parte do quadro cultural que compõe as mulheres dessa região, no qual a afirmação das tradições culturais é muito importante para uma retomada daquilo que foi deixado no passado e para a construção do novo. Portanto, observa-se diferentes processos de tradução cultural para as diferentes mulheres do romance. Valburga Huber aborda a questão do dualismo com muita propriedade quando afirma que o imigrante é um sujeito com atitudes e sentimentos ambivalentes ante a necessidade de participar de

uma sociedade nova e diferente. E mais ainda sobre a problemática dos/as filhos/as de imigrantes:

O filho do imigrante é o mais atingido no que toca ao problema das gerações. A sua tendência à assimilação desperta a inquietação dos pais e, por outro lado, a não assimilação desperta a antipatia dos nativos. Entre dois fogos, ele sofre também a continuidade do dualismo, já com nuances diferentes.¹²³

Os conflitos de geração estão representados no romance pela relação entre mãe e filha, de Ethel e Hilda. Duas mulheres que divergem e compartilham idéias. As divergências ocorrem pelas tomadas de posições diante das normas da sociedade, na qual estavam inseridas. Ethel segue as normas que ditam a unidade de uma nação desterritorializada. Hilda rebela-se contra as normas e valores culturais da sua família, não os aceitando como única referência de verdade. Compartilha, porém, a consciência de um limite maior para o corpo feminino, percebendo-o além da reprodução, mas como possuidor de desejos e prazeres. Hilda assume essa consciência, Ethel a sufoca em nome dos códigos culturais.

Através das relações sexuais com um negro, Hilda transgride as regras culturais de seu meio e é punida por isso. Ethel, por uma força maior, advinda do sistema de significações culturais, o qual é fortificado em contraste com o outro, torna-se uma mulher forte a ponto de abafar seus desejos de liberdade, punindo-se eternamente pela não plenitude de seu sujeito. Porém, o grande segredo guardado na gaveta do guarda-roupa alemão é o meio que encontrou para revelar seu verdadeiro rosto: os ossos da filha que matou e uma carta.

Blumenau, 18 de janeiro de 1920

Não me condene. Hilda era como eu gostaria de ter sido: fiel a si mesma e às suas convicções. Era um pássaro. Uma libélula. Não era gente. Há muito que eu sabia de seus encontros, embaixo da aroeira brava, à noite, com o negro Bube. Uma vez, escondi-me atrás do pinheiral e vi, com esses olhos que a terra há de comer um dia, toda a fascinação que envolvia um e outro, rolando na terra, nus, uma completa e absoluta nudez. Nudez que atingia o infinito dos homens e da natureza. (...) Só quero dizer que ela estava grávida dele e isso não deveria acontecer. Uma raça é uma raça! (...) Só cinco anos depois, desenterrei-a e tirei seus ossos, os ossos da minha alma. Aí estão. Enterre-os debaixo da aroeira brava, onde os pássaros cantam e o sol não castiga.

Ethel (p. 180)

A carta deixada por Ethel, confirma sua solidez aos códigos que regem uma conduta de lealdade à nação e a raça. Os laços étnicos e raciais são fundamentais nessa concepção de nacionalidade que dá sentido de pertencimento aos membros de uma comunidade. Nesse contexto de migração transnacional a identidade nacional passa a ser firmada também por uma identidade racial. É uma forma de redefinir os limites da nação com base na concepção biológica de um povo com o mesmo sangue. O discurso racista aqui defende a pureza racial germânica contra a miscigenação, a qual é associada à decadência, pois a concepção étnica da germanidade (*Detschum*) defendida inclui pressupostos de superioridade racial. Segundo Giralda Seyferth;

O pioneirismo dos colonos, a eficiência do colonizador teuto, são contrapostos a uma imagem estereotipada do brasileiro rural, desqualificado como cabloco por todo um conjunto de características desabonadoras, remetidas a uma condição de inferioridade.¹²⁴

¹²³ HUBER, Valburga. *Saudade e esperança: o dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*. Blumenau: Editora da FURB, 1993. p. 34-5

¹²⁴ SEYFERTH, Giralda. *Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado brasileiro*. Trabalho apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 1993. p. 110

A idéia de nação alemã projeta-se de um passado histórico na busca de um presente contínuo, progressivo, portanto a inserção ou invasão negra nesse processo provoca uma desaceleração do presente progressivo, impelindo com mais força as projeções do passado. Por isso, Ethel não aceita a violação da fronteira racial concretizada no corpo de sua filha e a dissolve antes mesmo de sua concepção. É a batalha sendo travada “em território híbrido, na descontinuidade e no *distanciamento* entre acontecimento e enunciação, no entre-tempo *entre signo e símbolo*”.¹²⁵

CONCLUSÃO

Memória, experiência e identidade cultural

A obra literária de Lausimar Laus pode ser pensada e analisada como uma representação simbólica das diferenças culturais. A autora é descendente de alemães e retoma em sua escrita dados autobiográficos. Em seu romance são reconstruídos, também, dados históricos, os quais delimitam o contexto geográfico e ideológico da história contada. Apesar de se tratar de um relato ficcional, *O guarda-roupa alemão* é o resultado de um discurso construído a partir de experiências localizadas nos âmbitos geográfico, social, político e cultural. A memória e experiência da autora estão presentes como elementos centralizadores da construção de uma identidade cultural, com marcas aparentes de classe gênero, raça e poder. Portanto, essa discussão final tem como âncora a seguinte questão:

¹²⁵ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p.351

Como a escrita feminina da autora dialoga com a cultura através da experiência e da memória na construção de uma identidade cultural?

Michel Foucault discute a função do autor num discurso literário como um elemento importante para as atribuições de valores a uma obra. Saber quem é o autor, de onde veio, em que data e circunstâncias escreveu o texto, são respostas que auxiliam a construção e a leitura da obra. O discurso do autor é o resultado de operações complexas e específicas, variáveis de acordo com diferentes épocas e formas de civilização. Foucault salienta, também, que os discursos providos da função autor comportam uma pluralidade de “eus”. Os signos verbais e locais dos textos não se remetem exatamente para o escritor, mas para um “alter-ego”, o qual pode estar mais perto ou mais distante deste escritor, além de variar ao longo da própria obra. Assim, o autor dá lugar a uma variedade de “posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar”.¹²⁶

No prefácio ao texto de Foucault, José Bragança e Antônio Fernando Cacaís citam o próprio autor para salientar a afinidade entre teoria e biografia:

Sempre que tentei fazer um trabalho teórico, foi a partir de elementos da minha própria experiência. Era por pensar reconhecer nas coisas que via, nas instituições com que tinha a ver, nas minhas relações com os outros, brechas, abalos surdos, disfunções, que empreendia um tal trabalho – um qualquer fragmento de biografia.¹²⁷

Eles abordam a ausência do corpo do autor no momento da escrita como o próprio corpus de sua linguagem e cada leitura como uma forma única de biografia. A escrita revela “essa tensão de vida e morte” quando se reelabora nas tensões entre a síntese e a errância

¹²⁶ FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. São Paulo: Veja, 1992. p. 46-57

do pensamento, entre o autor e o traço da vida, entre a estabilização e o reconhecimento da finitude humana.¹²⁸

Por isso, o discurso literário de Lausimar Laus é o resultado de variadas combinações de vozes na composição de uma fala própria marcada pela pluralidade cultural. A partir da experiência e da memória, centra seu foco nas histórias de mulheres e suas relações com o tempo e o espaço de uma comunidade que se constrói a partir de processos de tradução cultural. Sua busca entre diferentes sujeitos femininos, revelados pelo o olhar masculino (o romance é narrado por Homig), direciona-se para a busca maior de uma identidade cultural. O caminho percorrido, portanto, está entre os cruzamentos do individual e do social, entre o sujeito e a cultura. Citando John R. Gillis, tanto a identidade quanto a memória são construções políticas e sociais com as quais, e não sobre as quais, nós pensamos. Os limites sociais e de poder, nos quais se apóiam as identidades e memórias, são determinados por relações subjetivas, interesses particulares e posições ideológicas.¹²⁹

A experiência também está presente no processo de construção da subjetividade e, por isso, cruza significativamente com memória e identidade, enquanto elementos de apreensão da realidade. Joan Scott discute a noção de experiência como reprodutora de identidade e conhecimento e não como uma categoria auto-evidente. Para a autora, o conhecimento não deve ser explicado através da experiência, mas ao contrário disso, a experiência deve ser aquilo que se quer explicar, interrogando os processos de produção do conhecimento. Assim, a experiência não é a origem do conhecimento como uma evidência

¹²⁷ MIRANDA, José A. Bragança e Antônio Fernando Cascais. A lição de Foucault. In: *O que é um autor?* Michel Foucault. Trad. Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. São Paulo: Vega, 1992. p. 27-8

¹²⁸ MIRANDA, José A. Bragança e Antônio Fernando Cascais. A lição de Foucault. In: *O que é um autor?* Michel Foucault. Trad. Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. São Paulo: Vega, 1992. p.27

da diferença, mas uma forma de explorar como a diferença se estabelece.¹³⁰ Scott aproxima experiência e linguagem na tentativa de se entender uma nova identidade como um evento discursivo, afirmando que o sujeito é constituído discursivamente. Assim, “a experiência é a história do sujeito. A linguagem é o local onde a história é encenada”. O que se deve entender através da experiência é como se dão “as operações dos complexos e mutáveis processos discursivos pelos quais identidades são atribuídas”.¹³¹

Entende-se, nesse sentido, que a autora Lausimar Laus tem suas escolhas temáticas e discursivas, as quais compõem seu texto, calcadas em valores subjetivos e ideológicos. Terry Eagleton afirma que nossos interesses particulares, afirmações são constituídos a partir de juízos de valor, os quais são responsáveis pelas transformações da nossa vida social. As escolhas partem do particular para o social, do subjetivo para o objetivo, ou como Eagleton diz, o “não-subjetivo”. São os fatores sociais e culturais que estão presentes nas formas mais particulares de sentimentos, crenças e avaliações, relacionando-se com a estrutura de poder da sociedade em que se está inserido, o que ele chama de ideologia.¹³²

A ideologia, então, é mais um elemento intrínseco ao texto. Como um fenômeno relacional, onde articulações e re-articulações entre as diferenças sociais e práticas de poder estão manifestadas, a ideologia é a naturalização de determinado contexto sócio-cultural e, ao mesmo tempo, um campo de lutas.¹³³ O contexto sócio-cultural, no qual se insere

¹²⁹ GILLIS, John R. Memory and identity: the history of relationship. In: *Commemorations: the politics of national identity*. Princeton: Princeton University Press, 1994. p. 1-3

¹³⁰ SCOTT, Joan W. “Experiência”. In: *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. Organizado por Alcione Leite da Silva, Mara Coelho de Souza e Tânia Regina Oliveira Ramos. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 23-7

¹³¹ SCOTT, Joan W. “Experiência”. In: *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. Organizado por Alcione Leite da Silva, Mara Coelho de Souza e Tânia Regina Oliveira Ramos. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 40-2

¹³² EAGLETON, Terry. Introdução: o que é literatura? In: *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir, 4ª. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 18-21

¹³³ HALL, Stuart. The problem of ideology: Marxism without guarantees. In: *Critical dialogues in Cultural Studies*. Ed. David Morley e Kuan-Hsing Chen. New York: Routledge. p. 25-46

Lausimar Laus e que determina os limites de sua experiência, está presente em seu discurso, assim como as lutas ideológicas passadas, marcando principalmente a construção do sujeito feminino dentro de um quadro historicamente localizado.

Mikhail Bakhtin, em sua teoria sobre o romance, aborda essas marcas históricas, sociais e ideológicas do texto, concebidas por uma pluralidade de vozes. A linguagem, para ele, encarna cada momento de formação do romance através de línguas com conteúdo ideológico determinado pelos grupos sociais, pelos gêneros, pelas gerações, etc. Bakhtin propõe, então, um sistema de obra aberto e dependente de elementos externos em constante interação dialógica com outras línguas, o que chama de uma “consciência lingüística, real, saturada de ideologia e participante de um plurilinguismo e de uma plurivocidade autêntica”.

A pluralidade de vozes em *O guarda-roupa alemão* se dá através de um jogo narrativo, onde vozes femininas sobrepostas contam parte de uma vida. Diferentes vozes que vão ao encontro de uma única voz, a de Lausimar Laus. Ouvimos através de Sacramento uma conscientização religiosa e uma inércia diante o mundo divino já determinado, assim como intensas relações de afetividade junto aos seus. A este contraposto, ouve-se a voz de Ethel como uma concentração de forças que se movem na construção de um mundo já emoldurado por leis intransponíveis. Forças estas que encobrem desejos jamais realizados. O verdadeiro tom de voz de Ethel só é escutado depois de sua morte, através de uma carta, pelo último Ziegel. Hilda, no entanto, deixa-se ouvir abertamente. É dona de uma voz confiante e verdadeira capaz de revelar o modo como entende o mundo, diferentemente do meio em que vive. Voz que incomoda pelo novo tom a que se propõe e, por isso, é calada.

Essas vozes, entre outras que compõem o romance, evocam um sistema de significações ideológicas e culturais, localizado em tempo e espaço determinados. As interações dessas vozes entre si formam o quadro de referências simbólicas a partir das relações de poder que estão assimetricamente dispostas nas interseções de gênero, raça e classe. O silêncio de Sacramento emite uma alteridade, uma subjetividade construída na ansiedade das diferenças e nas práticas discriminatórias. É o silêncio como estratégia de poder, como resistência à autoridade. Esse silêncio é rompido pelas palavras da Bíblia sagrada, as quais evocam um poder universal. O silêncio e a religião representam um espaço enunciatório, onde Sacramento articula suas diferenças, afirma seus significados, traduz sua identidade. A voz forte de Ethel é a representação dos poderes totalizadores do social como comunidade etnicamente homogênea e ideologicamente consensual. Sua voz é a própria autoridade cultural impondo seus limites num espaço marcado pela tensão da alteridade. Ela registra o espaço de ação da mulher imigrante na manutenção das referências simbólicas (ações, objetos e expressões significativas) para uma comunidade que se reterritorializa e redefine as fronteiras de sua nação através do cultural. Enfim, a voz de Hilda emite o som da resistência aos códigos de um discurso hegemônico, desafiando os conceitos de gênero, raça e nação. Sua voz é permitida e revela-se à vontade dentro do núcleo a que pertence, porém o seu tom é construído a partir de notas desconhecidas que não fazem sentido para esse sistema, por isso, é interrompida. Essa personagem marca os limites do hibridismo, proporcionando o encontro conflituoso das diferenças culturais na experiência fronteiriça.

É importante para essa discussão a abordagem de Roland Barthes¹³⁴ sobre obra e texto para a análise das diferentes vozes em *O guarda-roupa alemão*. Para ele, são duas noções que abrigam muitas diferenças em suas concepções, pois obra vê-se e tem-se nas mãos, é um fragmento de substância, enquanto texto demonstra-se, tem-se na linguagem, é um campo metodológico. Uma obra é um signo geral, representante de uma categoria institucional, determinando o mundo através da História. Por isso, a obra requer a propriedade de seu autor. O texto, no entanto, “lê-se sem a inscrição do Pai”, pois, ao contrário da obra é um sistema de combinações únicas, mas plurais enquanto significados. No texto o autor é convidado e está presente através de seus personagens, no caso do romance, tornando-se “um *eu* de papel”. Complementando:

(...) a sua vida (a do autor) já não é origem de suas fábulas, mas uma fábula concorrente com sua obra; há uma reversão da obra sobre a vida (e já não ao contrário); é a obra de Proust, de Genet, que permite ler a sua vida como um texto: a palavra “bio-grafia” retoma um sentido forte, etimológico (...) ¹³⁵

O guarda-roupa alemão enquanto texto é o resultado de uma combinação única de diferentes vozes e imagens numa explosão de significados. O texto como um campo metodológico, onde as relações sociais se realizam, não se esgota nas suas combinações e pode ser lido e percebido a partir de diferentes elementos centralizadores referentes à raça, gênero e nação no âmbito da migração e das representações culturais nesse contexto. Já a obra de Lausimar Laus tem sua representatividade simbólica centrada em signos fechados que revelam as relações da autora com o mundo, permitindo uma leitura de sua vida, enquanto mulher, brasileira, catarinense, descendente de alemães. Esses significados transbordam seu texto e compõem o conjunto simbólico de sua obra.

¹³⁴ BARTHES, Roland. Da obra ao texto. In: _ *O rumor da língua*

¹³⁵ BARTHES, Roland. Da obra ao texto. In: _ *O rumor da língua* p. 59

A leitura a que este trabalho se propõe, portanto, se dá a partir da representatividade da obra e do texto de Lausimar Laus como processos de tradução cultural. A obra enquanto resultado desse evento a partir da vida, memória e experiência da autora e o texto como agente desse processo de tradução, onde se dão essas relações interculturais .

Palavras finais

O guarda-roupa alemão é o discurso de uma identidade cultural híbrida. O romance como representação simbólica de uma cultura é a própria afirmação dessa identidade. O texto, nas suas entrelinhas, articula os significados ambivalentes e contraditórios que constituem a base de uma cultura e identidade cultural híbridas.

Viver além das fronteiras é compartilhar um espaço marcado pela diferença, onde movimentos disruptivos entre o passado e o presente constroem um futuro. Os limites culturais, referenciados pelo modo de vida e os signos que abrange, são “violados” no além pelas diferenças sociais, temporais e, através de uma inquietação, são redefinidos. Essas experiências fronteiriças estão constantemente representadas no romance de Lausimar Laus através do movimento migratório germânico para o Vale do Itajaí. Centrada nos atos de rompimentos histórico e cultural, a narrativa de *O guarda roupa alemão*, é a própria expressão de uma reinscrição cultural. Cultura esta constituída no espaço híbrido ou no “terceiro espaço”.

Buscou-se, portanto, limitar historicamente as situações sociais e econômicas dos imigrantes alemães que colonizaram Blumenau. A preocupação do registro histórico

permeou a pesquisa e o próprio romance. A leitura da história da cidade de Blumenau, mapeando, conseqüentemente, a história da região do Vale do Itajaí, é também uma das propostas do romance. O registro histórico no intertexto de *O guarda-roupa alemão* apresenta-se como parte de um discurso que legitima um espaço referencial simbólico, a partir de onde a verdade referencial se inscreve. Para a pesquisa, a contextualização histórica fez parte, também, de uma busca dessa verdade referencial, tanto para significados no romance, como uma obra ficcional voltada para a realidade, como para os conflitos interculturais que a obra agencia no seu interior.

O encontro de signos culturais diferentes reafirma identidades e abre espaço para a construção de outras que emergem do hibridismo. O descentramento de sistemas simbólicos, que afastados de suas referências recebem novos estímulos, provocam movimentos que partem primeiramente para o interior de cada cultura para depois romper suas fronteiras e delimitar outras novas. São culturas nacionalmente imaginadas articulando identidades essenciais e expressivas entre diferenças culturais. Esse sujeito cultural, sujeito de classe, de raça, de gênero e de uma nação, negocia e traduz sua identidade na emergência de um “terceiro espaço” de representação. Esse sujeito traduzido fala o tempo todo em *O guarda-roupa alemão*. Seu discurso constitui o próprio processo de tradução cultural.

Pensar nas questões relativas ao gênero e, mais especificamente, na construção da identidade cultural do imigrante, enquanto sujeito feminino, é imprescindível na leitura de *O guarda-roupa alemão*. Lausimar Laus, enquanto autora, mulher e descendente de alemães traz em seu discurso as marcas dessas intersecções. As vozes femininas escutadas em seu romance podem, muitas vezes, serem confundidas com a sua própria voz. São mulheres que vivem além de muitas fronteiras culturais, que envolvem relações de poder,

de raça, etnia, sexo e nacionalidade. É o sujeito feminino com lugares e posições determinadas a partir dos deslocamentos espacial e cultural, quando as tradições e a nação são reafirmadas no contato com a alteridade. São, no entanto, as diferentes leituras e contra-leituras, realizadas por esses sujeitos, em posições e contextos múltiplos, os elementos estruturadores de suas narrativas e identidades, também múltiplas e contraditórias. A experiência e a memória, exploradas não apenas nas relações internas do texto ficcional, mas também na construção do discurso literário com a inscrição de um sujeito ideológico, são eventos preeminentes na construção do sujeito e sua identidade. A materialidade do lugar de enunciação torna-se o locus privilegiado a partir do qual estratégias hegemônicas e contra-hegemônicas são articuladas e representadas enquanto subjetividade histórica. Por isso, *O guarda-roupa alemão* é um discurso cultural que traz marcas claras de uma construção híbrida, a partir de um espaço dialógico entre alteridades.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira, São Paulo: Ática, 1989.

AREND, Silvia Maria Fávero. Relações interétnicas na província de Santa Catarina (1850-1890). In: BRANCHER, Ana e AREND, Silvia Maria Fávero (org.). *História de Santa Catarina no século XIX*. Florianópolis: UFSC, 2001.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai*. Trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro:

Contraponto, 1997.

BARTHES, Roland. Da obra ao texto. In: *O rumor da língua*. Trad. Antônio Gonçalves, Lisboa: Edições 70, 1987. p. 55-61

bell hooks. Devorar al Outro: deseo y resistencia. *Debate feminista*. año 7, vol. 13, 1996.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Um analista do inconsciente (Prefácio). In: Sayad, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Trad. Cristina Murachco São Paulo: Edusp, 1998.

BUTLER, Judith. Sujetos de sexo/ gênero/ deseo. *Feminaria*/año 10, no. 19, 1997.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa P. Cintrão. 3ª. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

COSTA, Claudia Lima de. Rigoberta Menchú: a história de um depoimento. *Revista Estudos Feministas*, vol. 1, n. 2, Florianópolis, CFH-CCE/UFSC, 1993. P. 307-320

CORNELL, Drucila e THURSCHELL, Cornell. Feminismo, negatividad e intersubjetividad. In: RICHARD, Nelly. Feeminismo, experiencia y representación *Revista Iberoamericana*. Julio-diciembre 1996. Vol. LXIII, Núms. 176-177.

CUNHA, Helena Parente. A mulher partida: a busca do verdadeiro rosto. In: SHARPE, Peggy (Org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, vol. 10, n. 1, Florianópolis, CFH-CCE/UFSC, 1 SEM. 2002. P. 171-188

DEEKE, José. *O município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento*. Blumenau: Nova Letra, 1995.

DE LAURETIS, Teresa. "A tecnologia do gênero. In: DE HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

EAGLETON, Terry. Versions of culture. In: *The idea of culture*. Blackwell Publishers, 2000.

_____. Introdução: o que é literatura? In: *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir, 4ª. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FLORES, Maria Bernadete Ramos, A medicalização do sexo ou o amor perfeito. In: Alcione Leite da, Maria Coelho de Souza Lago e Tânia Regina Oliveira Ramos (org.). *Falas de gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1999.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. São Paulo: Vega, 1992.

GILLIS, John R. Memory and identity: the history of relationship. In: *Commemorations: the politics of national identity*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

HALL, Stuart. The problem of ideology: Marxism without guarantees. In: *Critical*

dialogues in Cultural Studies. Ed. David Morley e Kuan-Hsing Chen. New York: Routledge.

_____. *Culture, media and identities: Representation (cultural representations and signifying practices)*. London: Sage, 2000.

_____. The spectacle of the 'other'. In: HALL, Stuart (org.) *Representation: cultural representations and signifying practices*. 2000.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HUBER, Valburga. *Saudade e esperança: o dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*. Blumenau: Editora da FURB, 1993.

JEHLEN, Myra. Gender. In: LENTRICCHIA, Frank e MC LAUGHLIN, Thomas (org.). *Critical terms for literary study*. Chicago: The university of Chicagi Press, 1995.

JUNKES, Lauro. *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*. Florianópolis: UFSC, 1987

KLEIN, Herbert S. Migração internacional na história das Américas. In: _FAUSTO, Bóris (org.) *Fazer a América (a imigração em massa para a América Latina)*. São Paulo: EDUSP, 1999.

KORMANN, Edith. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Florianópolis: Paralelo 27, 1994.

KRISTEVA, Julia. *Sentido e contra-senso da revolta: poderes e limites da psicanálise I*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3^a ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989.

_____. *O tempo permitido*. Florianópolis: Lunardelli, 1970.

_____. *Ofélia dos navios*. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

MACHADO, Paulo Pinheiro. Bugres, tropeiros e birivas: aspectos do povoamento do planalto serrano. In: Ana Brancher e Silvia Maria Fávero Arend (org.). *História de Santa Catarina no século XIX*. Florianópolis: UFSC, 2001.

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998.

MIRANDA, José A. Bragança e CASCAIS, Antônio Fernando. A lição de Foucault. In: *O que é um autor?* Michel Foucault. Trad. Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. São Paulo: Vega, 1992.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: *História das mulheres no Brasil*. PIORE, Mary Del (org.). São Paulo: Contexto, 1997.

PRATT, Mary Louise. Mulher, literatura e irmandade nacional. In: DE HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. Las mujeres y el imaginario nacional. *Revista de critica literaria latino americana* / año XIX, n. 38, Lima, 2do semestre de 1993. P. 51-62

RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor. *A colônia Dona Francisca no sul do Brasil*. Trad. Júlio Cheila. Florianópolis: Ed. da UFSC, FCC; Joinville: FCJ, 1992.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração (ou os paradoxos da alteridade)*, São Paulo: EDUSP,

1998.

SCHILLER, Nina Glick. Laços de sangue: os fundamentos raciais do estado-nação transnacional. In: *Identidades: estudos de cultura e poder*. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.

SCHIMIDT, Rita Terezinha. Mulheres reescrevendo a nação. *Revista Estudos Feministas*. Vol. 8, n. 1, Florianópolis, CFH-CCE/UFSC, 2000. P. 84-97

SCOTT, Joan W. “Experiência”. In: Alcione Leite da Silva, Mara Coelho de Souza e Tânia Regina Oliveira Ramos (org.). *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

SEYFERTH, Giralda. *Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado brasileiro*. Trabalho apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 1993.

_____. A colonização Alemã no Brasil. In: Fausto, Boris (org.). *Fazer a América*. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

_____. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

_____. A produção social da identidade e da diferença. . In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SILVA, Zedar Perfeito da. *O Vale do Itajaí: documentário da vida rural*. Rio de Janeiro:

Ministério da Agricultura – Serviço de informação agrícola, 1954.

SILVA, J. Ferreira. História de Blumenau. Florianópolis: EDEME, 1972.

THOMPSON, J. B. O conceito de cultura In: *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

_____. *Cultura*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

WOLFF, Cristina Scheibe. *As mulheres da colônia de Blumenau: Cotidiano e trabalho (1850 – 1900)*. São Paulo, 1991. (Dissertação de Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.